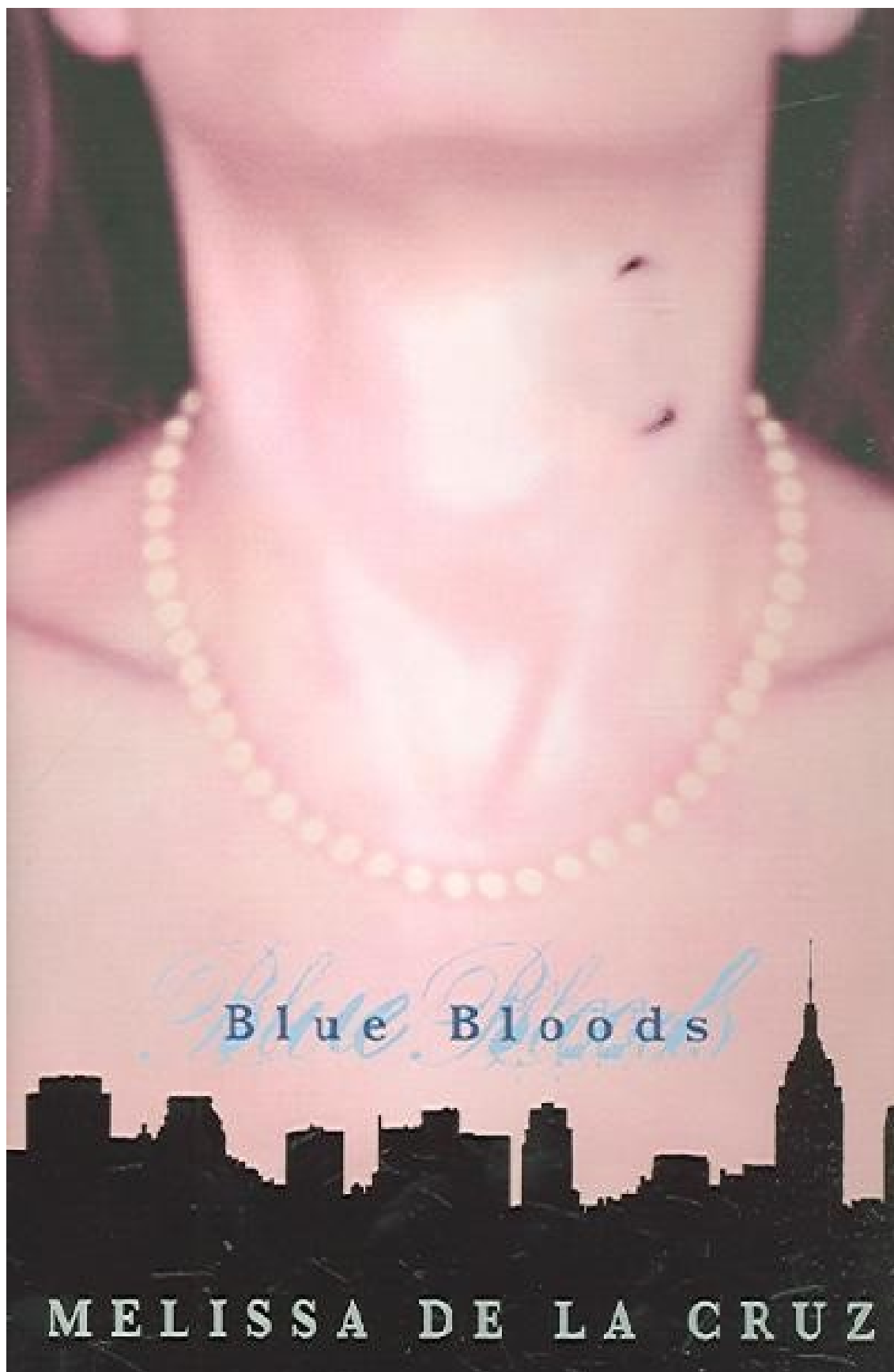




Blue Bloods

MELISSA DE LA CRUZ



Blue Bloods- tradução

Traduzido por:

[malena](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=3426443384753792966>

[maria](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=9659738203777138507>

[marina](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=9972272784413481957>

[Kimberlly](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=188780973396158655>

[.samantha](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=8330162855961707203>

[- BiaH](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2800361909866844646>

Blue Bloods [TEXTOS]

Esse livro é dedicado à meu pai, Bert de La Cruz, verdadeiro azul em vários sentidos da palavra, que possui sangue de heróis em suas veias.

Esse livro poderia existir sem o amor, suporte, discernimento e inteligência do meu marido, Mike Johnston, para quem eu devo tudo.

A família não é simplesmente a soma de conexões por um largo, estendido grupo de relações. A família é um nome, um material e simbolismo de um patrimônio, e uma forma de empreendedorismo na América, descrevendo um total de linhagem, passado, presente e futuro.

—Eric Homberger, Mrs. Astor's New York

Você não pode por isso no subsolo

Você não pode parar isso de gritar

Como é que chegamos a isto?

Você vai sugar essa vida de mim...

—Muse, "Time Is Running Out"

Cento e duas pessoas chegaram a Mayflower em Novembro de 1620, mas menos da metade viveu para ver a fundação da Colônia de Plymouth no ano seguinte. Embora ninguém tenha morrido durante a viagem até Mayflower, a vida após a vinda era de extrema dificuldade, especialmente para os mais jovens. A maioria dos falecidos era menor que dezesseis anos de idade.

A inacreditável estatística de morte era em parte devido a um rigoroso inverno, bem como o fato de que, enquanto os homens estavam fora, construindo lares e bebendo água fresca, as mulheres e crianças eram confinadas à umidade, reclusas as partes mais lotadas do barco, onde doenças podiam se proliferar com mais rapidez. Depois dos dois meses de viagem, eles permaneceram a bordo do navio por mais quatro meses, enquanto os homens construíam armazéns e alojamentos em terra. Jovens puritanos rotineiramente cuidavam dos doentes, aumentando a sua exposição a uma vasta gama de doenças, incluindo uma fatal angústia para o sangue, que historiadores chamaram de "dependência".

Myles Standish foi eleito governador da colônia em 1622 por trinta consecutivos termos de um ano. Ele e sua esposa Rose tiveram quatorze filhos, um notável conjunto de sete gêmeos. Em uma reviravolta nos acontecimentos extraordinários, depois de alguns anos, a colônia havia dobrado de tamanho, com muitos nascimentos múltiplos relatados em todas as famílias sobreviventes.

—*From Death and Life in the Plymouth Colonies, 1620-1641* por Professor Lawrence Winslow Van Alen.

Diário de Catherine Carver – 21 de Novembro, 1620, Mayflower

Tem sido um inverno difícil. O mar não está de acordo com John, e nós estamos sempre doentes. Talvez venhamos a encontrar a paz nesta terra nova, embora muitos não acreditassem que temos deixado para trás perigo. Fora da minha janela, o litoral assemelha-se a Southampton, e por isso sou grata. Vou sempre sentir saudades de casa, mas nossos filhos não estão seguros lá. Eu mesma não acredito que nos rumores, mas temos de fazer conforme as instruções. Isso tem sido o nosso caminho. John e eu estamos viajando agora como marido e mulher. Estamos planejando nos casar em breve. Lá são demasiado poucos de nós, e por isso somos ainda mais necessários. Talvez as coisas possam mudar. Talvez a sorte possa brilhar sobre nós, e nossa situação melhorar. O navio ancorou. Nós desembarcamos. Um novo mundo nos espera.

—C.C.

Capítulo I

NOVA IORQUE

Presente

O Banco era um decrepito edifício construído em pedra ao final da Houston Street, na última divisão entre a arenosa East Village e o deserto Lower East Side. Depois que a sede da venerável VanAlen Investimentos e Casa de Corretória foi abandonada, era imponente, ilegalmente apossada, um paradigma do estilo Beaux-Arts*, com uma fachada de seis colunas clássicas e uma série de recortes em forma de dentes afiados sob a superfície do frontão triangular. Por muitos anos esteve na esquina da Houston e da Essex, desolada e vazia, até que em uma noite de inverno um olheiro vestido como um promotor de boates o encontrou acidentalmente depois de devorar um cachorro-quente na Katz's Deli. Estava atrás de um lugar para mostrar o novo tipo de música que seus DJs haviam criado—um estilo dark, um som assombroso que eles chamavam de "Trance" **.

*O estilo arquitetônico Beaux-Arts, originado da Escola de Belas Artes de Paris, combina influências gregas e romanas com idéias renascentistas. É um estilo muito ornamentado, com muitas colunas, flores, estátuas, etc. No Brasil, um exemplo é o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, construído no início do século XX. O estilo foi amplamente utilizado em prédios públicos e durou das últimas décadas do século XIX até a década de 1920.

******Trance é uma das principais vertentes da música eletrônica que emergiu no início da década de 1990. O gênero é caracterizado pelo tempo entre 130 e 160 bpm, apresentando partes melódicas de sintetizador e uma forma musical progressiva durante a composição, seja de forma crescente ou apresentando quebras. Algumas vezes vocais também são utilizados. O estilo é derivado do house e do techno, tendo pegado uma melodiosidade não característica do techno, com seus sons industriais, e menos orgânicos, além de parecerem menos melódicos.

A música pulsante espalhou-se pela calçada, onde Schuyler VanAlen, uma garota pequena com cabelos escuros e aproximadamente quinze anos de idade, cujos olhos de um azul brilhante estavam delineados com um Kohl* preto, nervosamente estava à frente da boate. Ela mordeu a sua unha preta e polida. "Você realmente acha que nós vamos conseguir entrar aí?" ela perguntou.

*Cosmético usado pelas mulheres do Oriente para escurecer as pálpebras.

"Sem problemas," seu melhor amigo, Oliver Hazard-Perry respondeu, erguendo uma sobrancelha. "Dylan garantiu que entraríamos facilmente. Além do mais, nós sempre podemos apontar para aquela placa ali. Sua família construiu esse lugar, lembra?" Ele sorriu largamente.

"Então o que mais há de novo?" Schuyler sorriu maliciosamente, rolando seus olhos. A ilha de Manhattan era inexoravelmente ligada à história de sua família, e, até onde ela poderia dizer, estava relacionada com o Museu Frick, o VanWyck Expressway, e ao Planetário Hayden, adicionando ou tirando algum instituto (ou a grande avenida principal) ou dois. Nada daquilo faria diferença em sua vida. Ela quase não tinha o suficiente para cobrir os vinte e cinco dólares que cobravam na porta.

Oliver carinhosamente envolveu com os braços os ombros dela. "Pare de se preocupar! Você se preocupa demais. Isso vai ser legal, eu prometo."

"Eu queria que Dylan estivesse esperado por nós," Schuyler queixou-se, tremendo em seu casquinho preto com furos em cada cotovelo. Ela tinha encontrado esse suéter em uma loja barata na Manhattan Valley semana passada. Cheirava como um decadente e velho perfume de água-de-rosas, e sua estrutura magra perdia-se em pregas volumosas. Schuyler sempre parecia afogada em tecido sintético. Seu casaco quase chegava a sua panturrilha, e por baixo ela usava uma camiseta de puro preto, ao longo de uma camisa de baixo cinza termal; e por baixo disso, uma longa saia hippie (n/t: em inglês eles chamam de "saia camponesa", mas aqui no Brasil esse estilo foi adotado pelos hippies, então acabou recebendo esse nome. São aquelas saias longas e feitas de tecido fino, geralmente cheios de florais ou bordados) que chegava ao chão. Como uma garota de

rua do século XIX, a batinha de sua saia estava preta de sujeira das calçadas. Ela estava usando seu par favorito de tênis branco e preto Jack Purcell, os que possuíam um buraco no dedão direito por seu excesso de uso. O cabelo ondulado dela foi puxado para trás com um lenço com contas que achava no armário sua avó.

Jack Purcell é uma marca de tênis que assamela-se ao estilo da All Star.

Imagem: <http://www.myairshoes.com/wp-content/uploads/2007/11/32.jpg>

Schuyler era surpreendentemente bonita, com uma face doce e em forma de coração, um nariz arrebitado perfeito; e uma pele macia e cor-de-leite — mas havia algo em sua beleza quase irreal. Ela parecia uma boneca Dresden* na roupa de uma bruxa. Os alunos da Duchesne School pensavam que ela vestia-se como uma "bag lady"**. Isto não ajudava, já que ela era dolorosamente tímida e guardava-se em seu canto, por que então eles só achavam-na convencida, o que ela não era. Schuyler era apenas quieta.

*As bonecas feitas de porcelana que eram uma marca da indústria pré-guerra de Dresden, na Alemanha.

**Foto: <http://www.siskiyous.edu/theatre/productions/littleshop/Bag-Lady.jpg>

Oliver era alto e esbelto, com um rosto sereno e élfico, que era emoldurado por um castanho cabelo brilhante. Ele tinha molares acentuados, e simpáticos olhos cor-de-avelã. Trajava um áspero sobretudo militar, em cima de uma camiseta de flanela e um par de jeans azul cheios de buracos. Mas é claro, a camisa de flanela era da John Varvatos e os jeans da Citizens of Humanity. Oliver gostava de fazer parte da juventude descontente, mas gostava mais ainda de fazer compras na SoHo.

Os dois eram amigos desde a segunda série, quando a babá de Schuyler esquecera-se de fazer a mala do lanche, e Oliver havia dado a metade de seu sanduíche de alface e maionese. Eles terminavam as frases um do outro e gostavam de ler em voz alta páginas ocasionais do Infinite Jest* quando estavam com tédio. Ambos eram legados da Duchesne que traçavam suas origens até Mayflower. Schuyler contara seis presidentes americanos em sua árvore genealógica sozinha. Mas mesmo com suas prestigiosas genealogias, eles não se enquadravam a Duchesne. Oliver preferia museus a lacrosse, e Schuyler nunca cortara seu cabelo, e comprava suas coisas de lojas de consignação.

*Infinite Jest, um livro de mil páginas que pelas críticas que li deve ser a coisa mais não decidida que alguém pode encontrar. Na resenha que li o autor diz que o livro parece chato e tudo mais, mas é legal (o que na verdade ele não deixou isso muito explícito, deixando você curioso para ler o dito livro). Um pedaço da resenha: "*O autor utiliza essas mil páginas para falar de tudo um pouco. Aliás, boa parte do livro você se pergunta sobre o que diabos aquilo tudo se trata porque nada parece ser realmente abordado (nem mesmo a própria narrativa). A Wikipédia condensa até de forma legal*

os diversos tópicos abordados. Por sinal, este livro é cheio de resenhas e comentários espalhados por aí. Provavelmente todos tentam entender alguma coisa falando sobre o livro. Deve haver lá algum propósito escondido lá dentro (e há muitos)."

Dylan Ward era um novo amigo, de face triste e longos cílios, olhos atraentes, e uma reputação suja. Supostamente, ele tinha um recorde de prisões e havia sido expulso de um colégio militar. Seu avô havia subornado Duchesne com fundos para a construção de um novo ginásio para que ele fosse aceito. Ele imediatamente tendeu em direção a Schuyler e Oliver, reconhecendo seus similares status.

Schuyler sugou suas bochechas e sentiu um pouco de ansiedade se formando em seu estomago. Eles sempre estavam confortáveis apenas matando tempo na sala de Oliver como sempre, escutando música e assistindo os comerciais na TiVo (n/t: marca de TV) dele; Oliver havia chutado outro jogo da Vice City na tela plana, enquanto Schuyler passava por páginas de revistas feitas com papeis brilhantes, fantasiando que viajava em uma balsa na Sardenha, dançando flamenco em Madri, ou vagando pensativamente pelas roupas de Bombaim.

"Eu não tenho certeza sobre isso," ela disse, desejando estar de volta a sala aconchegante de Oliver, em vez de tremendo na calçada, esperando para ver se poderiam passar pela tropa na porta.

"Não seja tão negativa," Oliver criticou. Havia sido idéia dele de deixar o conforto da sala e enfrentar a vida noturna de Nova York, e ele não queria voltar à trás. "Se você pensar que vamos entrar, nós entraremos." Então seu Black Berry tocou. Ele puxou de seu bolso e checkou a tela. "É o Dylan. Ele está lá dentro, e vai nos encontrar nas janelas do segundo andar. Tá?"

"Eu realmente estou bem?" ela perguntou, se sentindo repentinamente em dúvida sobre suas roupas.

"Você está bem," ele respondeu automaticamente. "Você está ótima," disse ele, à medida que seu polegar apertava o dispositivo de plástico.

"Você nem ao menos olhou para mim."

"Eu olho para você todos os dias." Oliver riu, encontrando o olhar dela, e então inexplicavelmente corou e virou seu olhar. O Black Berry tocou de novo, e dessa vez ele pediu desculpas e distanciou-se dela.

Do outro lado da rua, Schuyler viu um táxi frear abruptamente, e um garoto alto e loiro sair de dentro. Assim que ele emergiu, outro táxi moveu-se em alta-velocidade, descendo a rua pelo lado oposto. Deu uma guinada de forma imprudente, e no começo parecia que não iria atingir o garoto, mas no último segundo, ele próprio lançou-se no caminho do táxi e sumiu em baixo das rodas. O táxi não parou, apenas seguindo como se nada tivesse acontecido.

"Oh meu deus!" Schuyler gritou.

O garoto havia sido atingido — ela tinha certeza disso — ele tinha sido atropelado — e estava certamente morto.

"Você viu isso?" ela perguntou, olhando freneticamente para os lados a procura de Oliver, que parecia que havia desaparecido. Schuyler correu, atravessando a rua, completamente à espera de ver um corpo morto, mas o menino estava bem a sua frente de pé, contando a mudança em sua carteira. Ele bateu a porta e mandou o táxi seguir em frente. Ele estava inteiro e sem ferimentos.

"Você deveria estar morto," ela sussurrou.

"Desculpe?" ele perguntou, um excêntrico sorriso em seu rosto.

Schuyler estava um pouco abalada — ela o reconheceu da escola. Era Jack Force. O famoso Jack Force. Um dos líderes do time de lacrosse, primeiro lugar no desempenho escolar, sua expressão igual as dos shoppings na Wired, tão lindo que ela não poderia sequer olhar seus olhos.

Talvez ela estivesse sonhando coisas. Talvez ela só tenha imaginado que ele se jogara na frente do táxi. Tinha que ser isso. Ela só estava cansada.

"Eu não sabia que você gostava disso," ela falou sem pensar, se referindo ao Trance.

"Eu não gosto, na verdade. Eu estou indo ali," ele explicou, apontando para o clube ao lado do The Bank, onde uma intóxica estrala do rock estava arrancando várias risadinhas de goupies que passavam pela corda de veludo.

Schuyler corou. "Oh, eu deveria ter sabido."

Ele sorriu para ela gentilmente. "Por que?"

"Por que o que?"

"Por que se desculpando? Como você saberia isso? Você lê a mente das pessoas ou algo assim?" ele perguntou.

"Talvez eu possa. E talvez seja um dia desocupado." Ela sorriu. Ele estava flertando ela, e ela estava flertando de volta. Tá, então isso fora realmente a imaginação dela. Ele totalmente não se jogara a frente de um táxi.

Ela estava surpresa que ele estava sendo tão gentil. A maioria dos garotos da Duchesne eram tão orgulhosos, que Schuyler não os incomodava. Todos eles eram os mesmos — com seus shorts sociais Duck Head e exalando indiferença, suas piadas leves e suas jaquetas de lacrosse. Ela nunca havia dado nada para Jack Force mais do que um pensamento fugaz — ele era um júnior, do planeta "Popular"; eles possivelmente iam para a mesma escola, mas nunca haviam respirado o mesmo ar. E afinal, sua irmã gêmea era a indomável Mimi Force, cujo único dom na vida era fazer dos outros miseráveis. "A caminho de um funeral?" e "Quem morreu e a fez sem lar?" eram alguns dos insultos imaginados por Mimi dirigidos a ela.

Onde estava Mimi, afinal? Os gêmeos Force não estavam sempre juntos?

"Olha, você gostaria de entrar?" Jack perguntou, sorrindo e mostrando sua fileira de dentes. "Eu sou um membro."

Antes que ela pudesse responder, Oliver materializou-se ao lado dela. De onde ele veio? Schuyler se perguntou. E como ele conseguia ficar fazendo isso? Oliver demonstrava grande capacidade de repentinamente aparecer no minuto que você não queria ele ali. "Aqui está você, minha querida," ele disse, com uma pitada de censura.

Schuyler piscou. "Ei, Ollie. Você conhece o Jack?"

"Quem não?" Oliver replicou, propositalmente ignorando-o. "Querida, você vem?" ele exigiu em um tom autoritário. "Eles estão finalmente deixando as pessoas entrarem." Ele indicou o The Bank, onde um fluxo constante de adolescentes cobertos de preto estavam sendo amontoados através das colunas suaves.

"Eu preciso ir," ela disse, se desculpando.

"Tão cedo?" Jack perguntou, os olhos dele dançando de novo.

"Não tão cedo," Oliver adicionou, sorrindo ameaçadoramente.

Jack encolheu os ombros. "Vejo você por aí, Schuyler," ele disse, puxando para cima o colarinho de seu casaco de tweed e andando na direção oposta.

"Algumas pessoas," Oliver queixou-se, quando eles voltaram a fila. Ele cruzou os braços e pareceu irritado. Schuyler estava quieta, seu coração batendo contra seu peito. Jack Force sabia seu nome.

Eles ligeiramente seguiram em frente, cada vez mais perto do transformista com a prancheta encarando imperiosamente atrás da corda de veludo. O clone da Elvira julgava cada grupo com um olhar seco, mas nenhum era feito voltar. "Agora, lembre-se, se eles nos derem algum trabalho, fique fria e tente pensar positivo. Você tem que visualizar nós entrando, tá?" Oliver sussurrou encarniçadamente. Schuyler acenou positivamente com a cabeça. Eles andaram em direção a entrada, mas foram barrados por um segurança. "RGs!" ele ladrrou.

Com um movimento de dedos, Schuyler apanhou uma carteira de motorista com nome de alguém — mas com sua foto — e colocou em cima da superfície laminada. Oliver fez o mesmo. Ela mordeu seu lábio. Eles iriam ser descobertos, e jogados dentro de uma cadeia por causa disso. Então ela se lembrou do que Oliver dissera. Fique fria. Confiante. Pense positivo.

O segurança passou os RGs (n/t: Seria ID, ou documento de identificação, o que poderia ser qualquer coisa que mostrasse quem eles são.) pela luz infravermelha da máquina, que não apitou. Ele parou, franziu as sobrancelhas e segurou os RGs para inspeção, dando para os dois um olhar duvidoso.

Schuyler tentou projetar uma calma que ela não sentia, seu coração batia rapidamente abaixo de sua camada de pele. É claro que eu me pareço com vinte e um anos. Eu já estive lá antes. Não há absolutamente nada de errado com aquele RG, ela pensou.

O segurança correu os RGs para baixo da máquina de novo. O homem grande agitou sua cabeça. "Isso não está certo," ele murmurou.

Oliver olhou para Schuyler, seu rosto pálido. Schuyler pensou que iria desmaiar. Ela nunca estivera mais nervosa em toda a sua vida. Minutos passaram-se. Pessoas que estavam na fila atrás deles fizeram caretas de impaciência.

Nada de errado com aqueles RGs. Fria e confiante. Fria e confiante.

Ela visualizou o segurança os deixando passarem, ambos podendo entrar na boate. DEIXE-NOS ENTRAR. DEIXE-NOS ENTRAR. DEIXE-NOS ENTRAR. DEIXE-NOS ENTRAR. O segurança olhou, surpreso, quase como se a escutasse. Então, desse jeito, ele devolveu as identificações e moveu-se para longe, como Schuyler havia imaginado.

Schuyler suspirou. Ela e Oliver trocaram olhares animados.

Eles entraram.

DOIS

Bem próximo do Banco, havia um diferente tipo de clube noturno de Manhattan. Era o tipo de clube que só existia uma vez a cada década — para interesse de vínculos sociais quando os deuses da publicidade, fashion, e celebridades convergiram-se para criar singularmente um ambiente espetacular. Seguindo na santa tradição do meio dos anos 70 Studio 54, final dos anos 80 Palladium, e começo dos anos 90 Moomba, o bloco 122 tinha entrado como um reinado icônico para definir um movimento, um estilo de vida, uma geração. Uma clientela dos cidadãos mais bonitos, invejados, notórios e todo-poderosos tinham batizado o seu lugar de estar — seu habitat natural, seu bar — era desde o século XXI, a era da super-exclusividade, eles até pagavam uma astronômica taxa para os tais privilégios. Qualquer coisa para manter fora a multidão. E dentro desse abençoado santuário, na mais desejada mesa, rodeada por uma brilhante variedade de jovens modelos, estrelas de cinemas adolescentes, e filhos e filhas de atrevidos nomes, sentava a mais deslumbrante garota da história da cidade de Nova Iorque: Madeleine "Mimi" Force. Dezesseis anos indo a trinta e quatro, com um tiro de Botox entre os olhos para provar.

Mimi era um personalidade popular. Ela tinha o bom aspecto de loira e bronzeada, membros tonificados com Pilates e vinha com a posição de Abelha Rainha — mas ela transcendia o estereótipo quando incorporava a essência disso. Ela comia porcarias todo o tinha e não engordava uma grama. Ela ia para cama com maquiagem e acordava, clara, pura, assim como sua consciência.

Mimi vinha ao Bloco 122 toda noite, e as sextas-feiras não eram exceções. Ela e Bliss Llewellyn, uma alta e magra do Texas que recentemente foi transferida para Duchesne, tinham gasto a tarde se vestindo para as festividades da noite. Ou pelo menos, Bliss tinha gasto tarde sentada na cama fazendo comentários lisonjeiros enquanto Mimi tentava tudo do seu armário. Elas se vestiram em uma camisola sexy-mas-uma-maneira-

boêmica-irregular-com-tiras-caindo-sobre-o ombro-tipicamente-Marni, uma pequena mini-saia Earnest Sewn, e uma cintilante cashmere wrap* da Rick Owens. Mimi gostava de viajar com companhia e em Bliss ela tinha achado uma companhia adequada. Ela ficou amiga de Bliss somente quando seu pai a fez mudar de idéia quando ela percebeu que a boa aparência de Bliss complementava e enfatizava sua própria beleza celeste. Mimi amava nada mais do que um bom plano de fundo. Encostando em travesseiros cheios, ela olhou Bliss com aprovação.

* Um tipo de suéter (

<http://www.nzpacific.com/products/144/250/Cashmere%20Wrap%20250.jpg>)

"Saúde" Bliss disse, tinindo seu copo contra do de Mimi, como se ela lesse sua mente. "À nós" Mimi concordou, fazendo barulho com o último coquetel roxo luminescente. Era seu décimo quinto da noite, e ainda ela se sentia sóbria tanto quanto ela pediu o primeiro. Era depressivo o quanto tempo levava pra ficar bêbada agora. Quase como se o álcool não tivesse nenhum efeito no seu sistema sanguíneo. O Comitê a tinha dito que isso aconteceria — ela só não queria acreditar nisso naqueles tempos. Especialmente desde que ela não deveria se aproveitar de outro, mais poderosa alternativa como ela geralmente gostava. O comitê tinha muito regras. Nesse ponto eles estavam praticamente administrando sua vida. Ela impacientemente sinalizou para garçonete trazer outra rodada, estalando seus dedos tão duramente que quase quebrou o vidro da mesa de café na frente dela.

Mimi e Jack eram os únicos filhos de Charles Force, sessenta anos, magnata que possuía uma grande rede de televisão, um canal de notícias, um jornal tablóide popular, várias estações de rádios, e um bem sucedido império editorial que lucrava com autobiografias das estrelas do World Wrestling Federation*. Sua esposa, Trinity Burden, era uma decano do circuito da sociedade de Nova York e presidiava os mais prestigiados comitês de caridade. Ela era instrumental na fundação do Comitê, no qual Jack e Mimi eram membros junior. Os Force viviam em um dos mais desejados endereços da cidade, um luxuoso, bem equipado terraço que cobria um bloco inteiro em frente do Metropolitan Museum of Art (Museu Metropolitano de Arte)

* Uma federação de luta livre.

"Ah, qual é," Mimi fez careta, colocando imediatamente seus pés de volta no colo de seu irmão. "Eu preciso esticar minhas pernas estão dolorida. Sinta," ela reclamou, agarrando a firme panturrilha e pedindo a ele para sentir o musco tenso debaixo. Strip Cardio* era uma vadia para as juntas.

* Um tipo de dança aeróbica.

Jack congelou "Eu disse pra sair dessa," resmungou Jack em sua voz séria, e Mimi imediatamente retraiu sua pernas bronzeadas, dobrando-as embaixo da nádega e

deixando seu salto de quatro polegadas Alaia esfregar a poltrona de camurça branca, fazendo marcas sujas na imaculada almofada.

"O que tem de errado com você?" ela resmungou, seu irmão tinha chegado de um modo estúpido a um minuto antes. "Com sede?" ela zombou. Seu irmão estava um desmancha-prazeres ultimamente. Ele raramente ia aos encontros do Comitê, algo que seus pais pirariam se eles descobrissem. Ele não estava mais namorado; ele parecia fraco e exausto inegavelmente estranho. Mimi se perguntou quando foi a última vez que ele tinha tido algo.

Jack deu de ombros e levantou-se. "Eu vou sair para pegar um pouco de ar."

"Eu também" Aggie Carondolet, outra garota de Duchesne disse. Ela fazia parte da turma de Mimi, e parecia como seu líder, debaixo das luzes no cabelo de \$500 dólares e expressão mal-humorada.

"Vocês não precisam da minha permissão," Mimi respondeu numa voz entendida, embora o oposto fosse verdade. Ninguém simplesmente deixava a presença de Mimi — era despedido.

Aggie deu um sorriso falso, e Bliss sorriu nervosa, seguindo Jack para atrás do clube.

Mimi deu de ombros. Ela nunca se incomodava em seguir as regras, e tendia a iluminar todo lugar e toda hora que aparecia — as colunas de fofoca uma vez alegremente publicaram a conta de suas multas de fumo. Ela assistiu os três partirem, desaparecerem dentro de uma aglomeração de corpos, jogando-se na pista de dança para letras de rap obscenas.

"Estou entendiada" ela queixou-se, finalmente prestando atenção na garoto que quase não saiu de seu lado a noite inteira. Eles estavam saindo por duas semanas, uma eternidade na linha do tempo de Mimi. "Faça algo acontecer"

"O que você tem de idéia?" ele mumurou instavelmente, lambendo seu ouvido.

"Mmmm," ela sorriu, colocando uma mão debaixo de seu queixo sentindo a pulsação de suas veias. Tentador. Mas talvez depois, não aqui, não em público pelo menos. Especialmente quando ela tinha se alimentado dele ontem... e era conta as regas... Humanos familiares não eram abusado, blá, blá, blá. Eles precisavam pelo menos quarenta e oito horas de recuperação... Mas, ah, ele cheirava maravilhosamente... uma alusão de Armani... recheado e vistoso... se ela pudesse ter uma pequena

provada... uma mordida... mas o Comitê se encontrava no andar de baixo, bem abaixo do Bloco 122... eles poderiam ter vários Wandens aqui, bem agora... assistindo... ela poderia ser pega. Mas ela seria? Estava escuro na área VIP... Quem ao menos notaria nessa multidão de egocêntricos narcisistas?

Mas eles descobririam. Alguém contaria à eles. Era assustador o quanto eles sabiam sobre você — quase como se eles estivessem sempre lá, observando, dentro da sua mente. Então, talvez na próxima. Ela o deixaria se recuperar da noite passada. Ela despenteou o cabelo dele. Ele era bonito — lindo e vulnerável, assim como ela gostava deles. Mas por agora, era completamente inútil. "Licença por um minuto," ela disse.

Ela saltou de seu lugar tão rápido que a garçonete trazendo uma bandeja de martinis para mesa teve um problema. Os funcionários ao redor do banquete piscaram. Eles poderiam jurar que ela estava sentada a um minuto atrás. Depois em um flash, lá estava ela: no meio da sala, dançando com outro garoto — porque para Mimi, sempre havia outro garoto, e depois outro, e outro, cada um deles feliz em dançar com ela — parecia que ela tinha dançado por horas — seus pés nunca tocando o chão — uma atordoante; um tornado loiro em salto de 800 dólares.

Quando ela voltou a mesa, seu rosto brilhando com uma luz transcendental (ou meramente os benéficos dos altos feixes de luzes?) sua beleza quase muito dolorosa pra tolerar — ela encontrou seu namorada dormindo, tombado sobre a beira da mesa. Uma pena.

Mimi pegou seu celular. Ela percebeu que Bliss nunca havia retornado da sua pausa para o cigarro.

TRÊS

Ela não se encaixava em nenhum lugar. Ela não sabia por quê. Existia algo mais ridículo do que uma líder de torcida anti-social? Garotas como ela não deveriam ter problemas. Elas deveriam ser perfeitas. Mas Bliss Llewellyn não se sentia muito perfeita. Ela se sentia estranha fora do lugar. Ela observa a sua suposta melhor amiga, Mimi Force, alfinetar seu irmão e ignorar seu namorado. Uma típica noite com os gêmeos Force — eles brigando um minuto ou sendo estranhosamente amorosos no próximo — especialmente quando eles faziam aquela coisa de se olharem nos olhos e você poderia dizer que eles estavam conversando com eles mesmos sem dizer uma palavra. Bliss evitava o olhar de Mimi e tentava se distrair rindo das piadas do ator a sua direita fazia, mas nada sobre a noite — nem mesmo o fato de que eles estavam na melhor mesa da casa ou que o modelo da Calvin Klein na sua esquerda tinha pedido seu número —

fazia-a se sentir menos miserável.

Ela se sentia daquela maneira em Houston também. De que alguma forma ela não estava totalmente lá. Mas no Texas, ela podia esconder isso mais facilmente. No Texas, ela tinha um grande cabelo enrolado e o melhor salto pra trás do time. Todos a conheciam desde quando ela era criança, e ela sempre havia sido a garota mais bonita da classe. Mas então seu pai, que tinha crescido em New York, se mudou para cidade para concorrer a uma vaga vazia no Senado e ganhou a eleição facilmente. Antes que ela pudesse fazer uma rebelião, ela estava vivendo em Upper East Side e na lista de alunos da Duchesne Scholl.

Claro, Manhattan não era como Houston, e o grande cabelo enrolado de Bliss e os saltos pra trás não significavam nada na sua nova escola, onde não nem havia time de futebol, muito menos algum pequeno time de líderes de torcida. Mas por outro lado, ela não esperava ser um caipira. Apesar de tudo, ela sabia seu caminho ao redor de uma Neiman Marcus*! Ela tinha o mesmo jeans True Religion e camisetas James Perse como todo mundo. Mas de alguma forma, ela chegou ao seu primeiro dia vestindo um suéter Ralph Lauren cor pastel com uma saia escocesa Anna Sui (com um esforço de parecer mais com as garotas no catalogo da escola), e uma bolsa de couro branda Chanel em uma corrente de ouro pendurada sobre seu ombro, só pra encontrar suas colegas vestidas em suéter odiosos de pescadores e tecidos de veludos. Ninguém vestia cor pastel em Manhattan ou bolsas brancas Chanel (no Outono pelo menos). Até mesmo a garota estranha — Schuyler VanAlen — mostra um bom gosto que Bliss não sabia lidar.

* Uma luxosa loja de departamentos americana.

Bliss sabia sobre Jimmy, Manolo, Stella. Ela tinha feito anotações sobre o armário de Mischa Barton. Mas havia algo na maneira das garotas de New York que colorem tudo junto a fazer parecer uma maluca fashion que nunca abriu uma revista. E havia todo negócio do seu sotaque — ninguém conseguia a entender de primeira, e quando ela dizia "y'all" or "laaahke"* , eles a imitavam, ninguém muito amigavelmente também.

* Um jeito meio caipira de dizer 'todos vocês' e 'lago' em inglês.

E foi isso.

Bliss estava derepente no Grupo In, no qual, era a mesma coisa que volta para Houston — garotos bobões (mas jogando lacrosse em vez de futebol), garotas uniformemente bonitas (mas estavam no time de debate e focadas em Ivy League) com o mesmo código não escrito de manter fora os recém-chegados. Bliss sabia que só conseguiu se entrar nessa sagrada camada social só pelas boas graças de Mimi

Mas não era a hierarquia social que estava incomodando Bliss. Não era nem mesmo seu cabelo sem graça e liso (no qual ela nunca mais deixaria o estilista de Mimi fazer isso a ele de novo — ela não se sentia bem sem os enrolados), era o fato de que às vezes ela não sentia como ela soubesse quem era ela. Desde quando ela chegou em New York. Ela andaria por um prédio, ou naquele antigo parque perto do rio, e um sentimento de déjà vu, só que, mas mais forte — como se estivesse embutida em sua própria memória — a oprimia, e ela se encontrava tremendo. Quando ela caminhou no seu apartamento na East Seventy-seventh pela primeira vez, ela pensou, "Estou em casa," e não era por causa da casa... Era o sentimento em seu ossos de que ela já esteve lá antes, que ela tinha entrado pela mesma porta antes, que ela tinha dançado pelo chão de mármore em algum passado não tão distante. "Costumava ter uma lareira," ela pensou, quando ela viu seu quarto. Certo o suficiente, quando ela mencionou isso ao agente de imóveis, ele a tinha dito que havia uma lareira em 1819, mas tinha sido coberta por razões seguras. "Porque alguém morreu lá."

Mas os pesadelos eram o pior. Pesadelos que a deixavam gritando até acordar. Pesadelos de fuga, pesadelos de alguém a segurando — como se ela não estivesse no controle — ela acordava, com calafrios e fria, os lençóis molhados com seu suor. Seus pais a asseguraram que isso era normal. Como se fosse normal uma garota de quinze anos acordar gritando tão alto, sua garganta seca, e ela engasgava com sua própria saliva.

Mas agora, no Bloco 122, Jack Force estava se levantado, e Bliss se levantou também, desculpando-se da atenção de Mimi. Ela se levantou num impulso, só para se mover, só para fazer algo mais do que ser um espectador do Show Que Era Mimi, mas quando ela disse que precisava de um cigarro, ela descobriu que realmente precisava. Aggie Carondolet, umas das clones de Mimi, já estava do lado de fora. Bliss perdeu Jack na entrada entre a multidão, e ela mostrou o selo em seu pulso direito para o guarda, que tinha que deixar as pessoas saírem e voltarem devido as cruéis leis de fumo em New York. Bliss achou irônico que os Nova Iorquinos consideravam-se tão cosmopolita, quando em Houston, você poderia fumar em qualquer lugar, até mesmo dentro de um salão de beleza, quando você estava no secador; mas em Manhattan, fumantes eram considerados marginais e deixados para se espalhar entre os elementos.

Ela abriu a porta dos fundos e se encontrou em um beco, uma pequena e escura esquina entre dois prédios. Apesar de tudo, todos os fumantes estavam aqui. Ela viu Aggie apoiada na parede, conversando com algumas modelos.

Bliss procurou em seu casaco Marc Jacobs (emprestado de Mimi, parte da transformação) por seu cigarros e achou um. Ela trouxe um ao lábios, e procurou um fósforo.

Uma mãe entendeu-se da escuridão, oferecendo uma pequena chama. Do outro lado do beco. A primeira vez que alguém enfrentou a divisória.

"Obrigada," Bliss disse, aproximando-se e inalando, a ponta do cigarro ficando vermelha, ela ergueu os olhos e através da fumaça reconheceu o garoto que a ofereceu o fogo. Dylan Ward. Um transferido — assim como ela — de uma classe de segundo ano de algum lugar fora de cidade. Umas das estranhas escolas em Stepford — como Duchesne, onde todos se conheciam desde do jardim de infância e das aulas de dança de salão. Dylan era bonito e perigoso em sua camiseta de motociclista sobre uma camiseta suja e jeans manchados. Havia um rumor que ele havia sido expulso de uma sucessão de escola preparatórias. Seus olhos cintilavam na escuridão. Ele fechou seu isqueiro Zippo, e ela notou seu sorriso tímido. Havia algo nele — algo triste, quebrado e atraente... Ele parecia exatamente do jeito que ela se sentia, e ele andou até o seu lado.

"Hey," ele disse.

"Eu sou Bliss." ela disse.

"Claro que você é." ele concordou.

QUATRO

A escola de Duchesne foi alojada na antiga mansão Flood na Avenida Madison, Rua noventa-e-um, na linha da pré-escola, na frente do Dalton e do lado do Sagrado Coração. Foi a antiga casa de Rose Elizabeth Flood, viúva do Capitão Armstrong Flood, que fundou a Companhia de Óleo Flood. Rose teve tres filhas educadas por Marguerite Duchesne, a governanta belgica, que quando todas as três estavam perdidas durante o infeliz naufrágio do *SS Endeavor* em um cruzeiro no Atlântico, uma realmente infeliz voltou para o Centro-oeste e deixou sua casa para Mademoiselle Duchesne para que ela fundasse sua instituição dos sonhos.

Pouca coisa foi feita para transformar a casa em uma escola: entre os pré requisitos da solicitação estava dito que todos os acabamentos e móveis eram para ser cuidadosamente mantidos, o que fez a entrada no edificio se parecer com uma volta no tempo. Um porta-retrato de Jonh Singer Sargent com o tempo de uma vida das três herdeiras Flood ainda está acima da escadaria de mármore, recepcionando os visitantes em uma magnífica entrada dupla. Um lustre de cristal Barroco próximo da janela de vidro da sala de dança que tinha uma visão clara do Central Park, e otomanos de

Chesterfield e antigas escrivaninhas estavam arrumados no saguão. Os brilhantes candelabros de latão agora eram ligados por eletricidade, e o antiquíssimo longo e estreito elevador ainda funcionava (ainda que só a faculdade estava permitida a usa-lo). O sótão, um charmoso quarto com trapeira* (n.t.: Cômodo de uma casa com abertura no telhado e com paredes inclinadas e teto baixo), foi transformado em um centro de artes, completo com uma impressora e uma máquina de litografia (n.t: escrita em pedras) e o andar abaixo possuía um teatro, uma academia de ginástica e uma cafeteria, todos completamente equipados. Armários de metal agora eram forrados com o mesmo papel de parede de flor-de-lis dos corredores, e os quartos do andar de cima viraram salas de aula humanitárias.

Gerações de estudantes juraram que o fantasma de Mrs. Duchesne assombrava o terceiro andar.

Fotografias de cada classe de graduação ocuparam os corredores para a biblioteca. Desde que The Duchesme School era formalmente uma instituição só para garotas, a primeira classe de 1869 mostraram um grupo de seis garotas de caras sérias em corajosas batas brancas, seus nomes graciosamente gravados em caligrafia. À medida que os anos progrediam, as fotos antigas das debutantes do século 19 cedeu espaço para as fotografias em preto e branco de "cisnes" com bufantes cabelos dos anos 50, até a alegre adição de cavalheiros de cabelos compridos no meio dos anos 60, quando Duchesne finalmente ficou mista, chegando as fotografias coloridas de insinuantes garotas e bonitos rapazes da atual época.

Porque, na verdade, nada mudou muito. As garotas ainda se graduavam em brancos vestidos soltos da Saks e luvas branca da Bergdorf's, e eram presenteadas com guirlandas de hera nas cabeça assim como o requisitado buquê de rosas vermelhas com seus diplomas, enquanto os garotos vestiam boas roupas de sol, completos com perolas segurando os lenços cinzas.

Os uniformes cinza xadrez foram muito longe, mas no Duchesne, novidades ruins ainda chegaram na forma da primeira aula cancelada, seguida por um anúncio feito por um sussuro estático no antiquado sistema de som: "Reunião de emergência na capela. A todos os estudantes é pedido que vão a capela."

Schuyler encontrou Oliver no corredor fora da sala de Música. Eles não tinham se visto desde sexta a noite. Nenhum dos dois tocou no assunto de terem encontrado Jack Force fora do Banco, o que era muito incomum, já que os dois dissecavam cada situação social que eles já experimentaram com detalhes. Tinha uma indiferença estudada no tom de Oliver quando ele viu Schuyler naquela manhã. Mas Schuyler estava cega para sua indiferença - ela correu até ele imediatamente e juntou os braços com os dele.

"O que está acontecendo?" ela perguntou, apoiando sua cabeça contra os ombros dele.

"Como se eu soubesse." Ele deu de ombros.

"Você sempre sabe." Shuyler pressionou.

"Tudo bem - mas não diga nada." Oliver se derreteu, aproveitando a sensação do cabelo dela contra o seu pescoço. Shuyler estava particularmente bonita naquele dia. Ela estava usando o seu longo cabelo solto, pra variar, e ela parecia uma duende no seu casaco de tamanho maior que ela, seus jeans descoloridos e suas botas de cowboy pretas. Ele olhou ao redor nervosamente. "Eu acho que tem alguma coisa a ver com a multidão que estava no Bloco 122 nesse final de semana."

Shuyler levantou as sobrancelhas. "Mimi e seu pessoal? Por que? Eles estão sendo expulsos?"

"Talvez." Oliver disse, saboreando o pensamento.

Ano passado quase todo o time foi banido por comportamento ilícito no território escolar. Para celebrar uma vitória dos Head of the Charles, eles voltaram para a escola naquela tarde e quebraram todas as salas do segundo andar, pixaram palavrões nas paredes e provas da noite deles - garrafas de cerveja quebradas, pilhas de bitucas de cigarro e contas de cocaína - foram deixadas para serem achadas pelos zeladores no dia seguinte.

Pais pediram a administração para mudar a sua decisão (alguns pensavam que expulsão era muito severo, enquanto outros queriam nada menos que crimes arquivados). Acabou que o líder, um dentuço do terceiro ano que estava indo para Harvard, era o sobrinho da diretora, que diminuiu sua pena. (Harvard prontamente o readmitiu, e ele foi expulso recentemente do timoneiro gritando para si mesmo roucamente.)

De algum jeito Schuyler não pensava que um simples caso de mau comportamento no fim de semana era a razão de toda a escola estar sendo chamada para a capela esta manhã.

Como lá só tinham 40 alunos em cada classe, todos os estudantes cabiam confortavelmente dentro do lugar, pegando seus respectivos lugares organizados por série: terceiro ano e oitava série na seção da frente, separados por um corredor, os do primeiro e segundo respectivamente atrás deles. (N.T.: fiz o melhor que pude pra colocar nos nossos termos como é esse ensino médio complicado)

A reitora esperou pacientemente no pódio na frente do altar. Schuyler e Oliver encontraram Dylan lá atrás, no lugar de sempre. Ele tinha círculos escuros embaixo dos olhos, como se ele não tivesse dormido, e tinha uma feia marca vermelha no botão de baixo da camisa e um buraco nos seus jeans pretos. Ele estava usando seu lenço de seda estilo Jimi Hendrix enrolado no pescoço. As outras crianças nos bancos da igreja deram a ele uma grande olhada. Ele acenou para que Schuyler e Oliver se juntassem a ele.

"O que está acontecendo?" Schuyler perguntou, deslizando no banco.

Dylan deu de ombros, colocando um dedo nos lábios.

Reitora Cecile Molloy deu uma suave pancada no microfone. Enquanto ela não fora uma aluna Duchesne, como a diretora, a bibliotecária, e quase toda a parte feminina dos

funcionários - e houve um rumor que ela veio de uma escola pública - ela rapidamente adquiriu a faixa de veludo, saias de veludo cotelê na altura do joelho, e o jeito de falar as vogais que marcavam uma verdadeira garota de Duchesne.

Reitora Molloy tinha uma muito adequada qualidade de passar informações, por isso muito popular no quadro de diretores.

"Atenção, por favor. Sentem-se, garotos e garotas. Eu tenho uma coisa muito triste para dividir com vocês esta manhã." A reitora inalou bruscamente. "Eu estou muito triste de informar vocês que um dos estudantes, Aggie Carondolet, faleceu este final de semana." Se fez um silêncio chocado, seguido por um zumbido confuso.

A reitora limpou a garganta. "Aggie foi uma estudante da Duchesne desde a pré escola. Não haverá aulas amanhã. Ao invés disso, vai haver um serviço de funeral na capela amanhã de manhã. Todo mundo é convidado a vir. Depois, vai haver um enterro na floresta Hills em Queens, e um ônibus vai ser providenciado para pegar os estudantes que gostariam de ir ao cemitério. Nós pedimos que vocês pensem na família dela nessa situação difícil."

Outra limpeza de garganta.

"Nós temos conselheiros à disposição para aqueles que precisarem. Escola terminará ao meio dia, seus pais já foram informados dessa despedida apressada. Depois dessa reunião, por favor retorne para a sua segunda aula."

Depois de uma pequena invocação (Duchesne era agnóstica), e uma devoção do Livro da Oração Comum, assim como um verso do Koran e uma passagem do Khalil Gibran foram lidos pelo Garoto orador, e pela Garota oradora (?), fluxos de estudantes saíram com uma calma ansiedade, um baixo sentimento de excitação misturado com náusea e real simpatia pelos Carondolets. Nunca algo como isso aconteceu em Duchesne antes. Claro, eles ouviram falar de problemas em outras escolas - acidentes causados por bebida, treinadores de futebol molestando crianças, garotos do último ano namorando-violando calouras, loucos usando casacos com bolsos, tirando metralhadoras deles e matando metade dos estudantes, mas isso acontecia em *outras* escolas - na televisão, nos subúrbios, ou em escolas públicas, com seus detectores de metal e limpas mochilas de vinil. Nada terrível estava permitido a acontecer em Duchesne.

Era praticamente uma regra.

A pior coisa que podia acontecer a um estudante em Duchesne seria uma perna quebrada enquanto esquiava em Aspen ou uma dolorosa queimadura de sol da praia de St. Barth's no feriado de primavera. Mas o fato era que Aggie Carondolet *morreu* - na cidade, nada menos tímido que seu aniversário de 16 anos, foi quase impenetrável. Aggie Carondolet? Shuyler sentiu uma pontada de tristeza, mas ela não conhecia Aggie, que foi uma das altas, magras e pálidas loiras garotas que seguiam Mimi Force, como súditas em volta da sua rainha.

"Você está bem?" Oliver perguntou, apertando o ombro de Schuyler. Ela acenou dizendo que sim.

"Wow, isso é forte cara. Eu vi ela sexta a noite." Dylan disse, balançando a cabeça.

"Você viu Aggie?" Schuyler perguntou. "Onde?"

"Sexta. No Banco."

"Aggie Carondolet estava no Banco?" Schuyler perguntou ceticamente. Isso fazia muito mais sentido que Mimi Force sendo pega fazendo compras no J.C. Penney. "Você tem certeza?"

"Bom, eu digo, ela não estava tecnicamente no Banco, mas fora, você sabe, onde todo mundo vai para fumar, na ruela próxima do Bloco 122." Dylan explicou.

"O que aconteceu com você?" Schuyler perguntou. "Nós nunca vimos você de novo depois de meia noite."

"Eu, uh, conheci alguém," Dylan admitiu, com um sorriso tímido. "Não é grande coisa." Schuyler fez que sim com a cabeça e não perguntou mais.

Eles saíram da capela, passando por Mimi Force, que estava no meio de uma simpática roda de amigos. "Ela simplesmente foi fumar um cigarro..." eles ouviram Mimi falar, piscando rapidamente. "Então ela desapareceu... Nós ainda não sabemos como isso aconteceu."

"O que você está olhando?" Mimi disparou, notando Schuyler encarando ela.

"Nada - Eu..."

Mimi jogou seu cabelo para trás dos seus ombros e aspirou em irritação. Então ela deliberadamente virou suas costas para eles três e começou a reviver sexta a noite.

"Ei", Dylan disse, passando pela alta garota Texana na aula deles, que era parte do amontoado.

"Pêsames pela sua amiga." Ele pôs uma alva mão no braço dela.

Mas Bliss nunca iria admitir que ela ouviu ele. Schuyler pensou que isso foi estranho.

Como Dylan iria conhecer Bliss Llewellyn? A garota Texana era praticamente a melhor amiga de Mimi. E Mimi *despreza* Dylan Ward. Schuyler já ouviu ela chamando ele de "vagabundo" na sua cara quando ele se recusava a ceder o seu assento para ela na cafeteria. Ela e Oliver tinham avisado ele quando ele se sentou, mas ele não ouvia. "Mas essa é *nossa* mesa," Mimi tinha sibilado, segurando a bandeja que continha um prato de papel com alface seco e um hambúrguer não cozido. Schuyler e Oliver tinham imediatamente recolhido suas bandejas, mas Dylan se recusou a obedecer, o que instantaneamente matou ele para eles.

"Foi uma overdose de droga," Dylan sussurrou, andando entre Schuyler e Oliver.

"Como você sabe?" Oliver perguntou.

"É a única coisa que faz sentido. Ela morreu no Bloco 122. O que mais pode ser?"

Schuyler pensou: aneurisma, ataque cardíaco, diabetes. Tinham tantas coisas que podiam causar a morte inoportuna de uma pessoa. Ela tinha lido sobre isso. Ela sabia.

Ela perdeu o seu pai na infância, e sua mãe estava presa no coma. A vida é mais frágil do que qualquer pessoa pudesse ter percebido.

Um minuto, você podia estar fumando numa ruela no Baixo East Side com seus amigos, bebendo e dançando nas mesas em um popular clube noturno. E no outro minuto, você pode estar morto.

CINCO

Uma das melhores coisas sobre ser Mimi Force era que ninguém toma você por concedido. Depois que as notícias sobre as notícias de Aggie fez os círculos, a popularidade de Mimi aumentou em épicas proporções porque agora ela não era só bonita, ela era vulnerável também - ela era *humana*. Era como quando Tom Cruise deixou Nicole Kidman, e de repente Nicole Kidman parou de parecer tão gelada, impiedosa, carreira-disposta e virou só outra divorciada chutada que todo mundo podia se identificar. Ela até chorou na *Oprah*. Aggie foi a melhor amiga de Mimi. Bem, não, não exatamente. Mimi tem montes de melhores amigas. É um bônus da popularidade. Muitas pessoas se sentiam próximas a ela, mesmo que Mimi não se sentisse próxima a ninguém. Mas ainda, Aggie era especial para ela. Ela cresceu com ela. Patinando no Wollman Rink, lições de etiqueta no Plaza, verões em Southampton. Os Carondolets eram uma velha família nova-iorquina; seus parentes eram amigos dos parentes de Mimi. Suas mães iam ao mesmo cabeleireiro no Henri Bendel. Ela era uma sangue azul, assim como Mimi. Mimi amava a atenção, amava a bajulação. Ela disse todas as coisas certas, expressando seu choque e sua tristeza com uma voz rouca. Ela piscou muito seus olhos sem borrar seu lápis de olho. Ela recordou carinhosamente como Aggie tinha emprestado a ela seu favorito jeans Rock and Republic uma vez. *E nunca nem mesmo pediu eles de volta!*. Agora, isso era uma verdadeira amiga.

Depois da capela, Mimi e Jack foram puxados de lado por um dos corredores, um garoto com bolsa que servia como um mensageiro para o escritório da Diretora. "A diretora quer ver vocês," eles foram avisados.

Dentro do escritório acarpetado, A diretora disse a eles que eles podiam ter um dia inteiro de folga - não precisando esperar até meio dia. O Comitê entendeu quão próximos eles eram de Augusta. Mimi estava deliciada. Ainda mais tratamento especial!

Mas Jack balançou sua cabeça e explicou que se estivesse tudo bem para todo mundo, ele estava indo para o seu segundo período.

Fora da sala da administração, o vasto atapetado corredor estava vazio. Todo mundo estava em sala. Eles estavam praticamente sozinhos. Mimi parou e alisou o colar do seu

irmão, traçando com seus dedos o pescoço queimado de sol dele. Ele recuou ao toque dela.

"O que tem acontecido com você ultimamente?" ela perguntou impacientemente.

"Não, ok? Não aqui."

Ela não entendeu porque ele estava tão nervoso. Em algum ponto, as coisas iriam mudar. Ela iria mudar. Ele sabia disso, mas era como se ele não pudesse aceitar isso, ou ele não iria se deixar aceitar isso. Talvez fosse tudo parte do processo. O pai fez a história da família bastante clara pra eles, e a parte deles nisso era a que estava gravada na pedra (n.t.: destino). Jack não teve uma chance, quisesse isso ou não, e Mimi sentiu um pouco ofendida com o jeito que ele estava agindo.

Ela olhou pro seu irmão - seu gêmeo, sua outra metade. Ele era parte da alma dela. Quando eles eram pequenos, era como se eles fossem a mesma pessoa. Quando ela quebrou o dedo do pé, ele chorou. Quando ele caiu do cavalo em Connecticut, o braço dela doeu em Nova York. Ela sempre soube o que ele estava pensando, o que estava sentindo, e ela amava ele de uma maneira que assustava ela. Consumia cada pequeno pedaço do seu ser. Mas ele veio se afastando dela ultimamente. Ele estava distraído, distante. A mente dele estava fechada para a dela. Quando ela parou pra sentir sua presença, não tinha nada. Uma tábua rasa (n.t.: sem profundidade). Não, mais para um abafado. Um cobertor em cima de um som estéreo. Ele estava tirando ela de dentro dele. Mascarando seus pensamentos. Afirmando sua independência dela. Isso era problema, para dizer o mínimo.

"É como se você ao menos gostasse de mim mais," ela disse, levantando o grosso cabelo loiro e deixando ele cair nos seus ombros.

Ela estava usando um suéter marrom de cotton, transparente embaixo da luz fluorescente do corredor. Ela sabia que ele podia ver as rendas do seu sutiã marfim Le Mystère através do tecido.

Jack deu um sorriso torto. "Isso não é possível. Serie como odiar a mim mesmo. E eu não sou um masoquista."

Ela deu de ombros em câmera lenta, desviando-se e mordendo seu lábio.

Ele puxou ela para um abraço, pressionando o seu corpo contra o dela. Eles eram da mesma altura - os olhos no mesmo nível. Era como olhar em um espelho. "Seja boa", ele disse.

"Quem é você e o que fez com meu irmão?" ela disse. Mas era bom ser abraçada, e ela se apertou mais contra ele. Agora, era melhor assim.

"Estou assustada, Jack," ela sussurrou. Eles estiveram lá, naquela noite, com Aggie.

Aggie não devia estar morta. Aggie não podia estar morta. Simplesmente não podia ser verdade. Era impossível. *Em todos os sentidos da palavra*. Mas eles olharam o corpo de Aggie no necrotério, naquela fria manhã cinzenta. Ela e Jack foram um dos que identificaram o corpo. O número do celular de Mimi era a primeira chamada do celular

de Aggie. Eles seguraram as mãos sem vida. Eles viram o rosto dela, o grito congelado. Muito pior, eles podiam ver as marcas no pescoço dela. Impensável! Ridículo, até. Isso simplesmente não se somava. Era como se o mundo tivesse virado de cabeça pra baixo. Era contra tudo que eles foram ensinados. Ela não podia nem começar a fazer isso ser compreensível.

"É uma piada, certo?"

"Sem piadas." Jack balançou a cabeça.

"Ela não está apenas circulando cedo?" Mimi perguntou, esperança após esperança que eles encontrassem alguma explicação razoável para tudo isso. Tinha que ter alguma.

Coisas assim simplesmente não aconteciam. Não com eles.

"Não. Eles fizeram todos os testes. Pior. O sangue - se foi."

Mimi sentiu um arrepio em sua coluna. Era como se algo estivesse deslizando por toda seu corpo. "O que você quer dizer com, 'se foi'?" ela gaguejou.

"Ela foi drenada."

"Você quer dizer..."

"Completamente consumida." Jack deu de ombros.

Mimi recuou dos braços dele. "Você está brincando. Você tem que. Isso é simplesmente *impossível*." Essa palavra de novo. Essa palavra apareceu todo o fim de semana, sábado de manhã, quando a ligação chegou: repetida pelos parentes, os Elders, os Wardens, todo mundo. O que aconteceu com Aggie era simplesmente não era possível. Isso era o que todos eles tinham concordado. Mimi andou direto até uma janela aberta, andando até a luz solar, e se glorificando pelo jeito como isso fez cócegas na sua pele. *Nada podia machucar eles*.

"Eles chamaram a conclave. As cartas foram hoje."

"Já? Mas eles nem mesmo começaram a mudar ainda," Mimi protestou. "Isso não é contra as regras?"

"Situação de emergência. Todo mundo tem que ser avisado. Mesmo os prematuros."

Mimi suspirou. "Imagino que sim." Ela preferia ficar entre as mais novas. Ela não gostava de saber que o seu lugar logo iria ser suplantado por um novo lote.

"Eu estou indo para a sala. Aonde você está indo?" ele perguntou, colocando sua camisa dentro das calças, um movimento fútil, já que desde que ele ganhou uma sacola de couro, uma simples menção de movimento tirava a camisa das calças outra vez.

"Para a Barneys," ela respondeu, colocando seus óculos de sol. "Eu não tenho nada para usar no funeral."

SEIS

O segundo período de Shchuyler era Ética, uma aula aberta para alunos do primeiro e segundo anos completando os requerimentos de estudos diversificados. O professor, Mr. Orion, um graduado em Brown com os cabelos cacheados, vestido em um sueter maior

que ele que estava pendurado nele como um espantalho, sentado no meio da sala, liderando a discussão.

Ela achou uma cadeira perto da janela, puxando ela para o círculo em volta do professor. Lá tinham apenas dez pessoas, o tamanho-padrão. Schuyler não podia ajudar notando que Jack Force não estava no seu lugar de sempre. Ela nunca disse uma palavra pra ele em todo o semestre, e ela imaginava se ele mesmo lembrava de dizer olá para ela sexta a noite.

"Alguém aqui conhecia bem Aggie?" Mr. Orion perguntou, mesmo que fosse uma pergunta irrelevante. Duchesne era o tipo de lugar que, depois de passados anos da graduação, se você encontrar um ano no aeroporto, ou andando pelo Centre Pompidou, ou no subúrbio no Max Fish, você iria imediatamente comprar a ele algo para beber perguntar sobre sua família, porque mesmo se você nunca tiver trocado uma palavra enquanto na escola, você conhecia quase tudo sobre eles, até os detalhes íntimos.

"Alguém?" Mr. Orion perguntou de novo.

Bliss Llewellyn cautelosamente levantou sua mão. "Eu," ela disse timidamente.

"Você gostaria de compartilhar algumas memórias que tinha dela?"

Bliss colocou sua mão de volta, seu rosto vermelho. Memórias de Aggie? O que ela realmente sabia sobre ela? Ela sabia que ela gostava de roupas, e comprar, e o seu pequeno cachorrinho, Snow White. Era um chihuahua, como o de Bliss, e Aggie gostava de vestir ela em bobas roupinhas. O cachorro até tinha um suéter de mink que combinava com o de Aggie. Isso era o máximo que Bliss podia lembrar. Quem realmente conhecia alguém? E de toda forma, Aggie era na verdade amiga de Mimi. Bliss pensou de novo sobre aquela noite. Ela terminou falando com Dylan pelo que pareceu eras naquela ruela de trás.

Quando eles terminaram de fumar cada último cigarro entre eles, ele finalmente voltou para o Banco, e ela relutantemente retornou para o Bloco 122 e aos comandos de Mimi. Aggie não estava na mesa quando ela voltou, e Bliss não tinha visto ela pelo resto da noite.

Pelos gêmeos Force, Bliss sabia o básico - eles encontraram Aggie na "Terra do Desmaio" - o quarto de trás onde o clube escondia quem tinha desmaiado por causa de drogas - um sujo segredinho que o Bloco 122 tinha com sucesso guardado dos tablóides, com montes de suborno para policiais e colunistas de fofocas também. A maior parte do tempo aqueles que desmaiavam acordavam horas mais tarde apenas um pouco pior para usar, com uma ótima anedota para contar para os amigos - "E eu acordei nesse closet, cara! Foi uma longa estranha viagem, certo?" e eram mandados para casa (maior parte) intactos.

Mas alguma coisa deu errado sexta a noite. Eles não estavam preparados o suficiente para reviver Aggie. E quando a "ambulância" (o proprietário do lugar) depositou ela na emergência do St. Vincent - Aggie já estava morta. Overdose de droga, todo mundo

assumi. Ela foi achada no closet, afinal. O que você esperava? Exceto que Bliss sabia que Aggie não tocava em drogas. Como Mimi, os vícios eram salões e cigarros. Drogas eram olhadas de cima no círculo de Mimi. "Eu não preciso de nada para ficar alta. Eu sou alta na vida," Mimi gostava de repetir.

"Ela era... doce," Bliss ofereceu. "Ela realmente amava seu cachorrinho."

"Eu tive uma arara uma vez." Uma segundanista de olhos vermelhos disse. Ela foi a única que entregou a Mimi lenços no corredor. "Quando ela morreu, foi como perder uma parte de mim."

E desse jeito, Augusta "Aggie" Carondolet, que estava morta numa tragédia virou um mero trampolim para uma fervorosa discussão sobre como animais de estimação eram pessoas também, onde achar cemitérios de animais na cidade, e se clonar o seu animal era a opção ética certa.

Schuyler mal conseguia disfarçar seu desprezo. Ela gostava de Mr. Orion, ela gostava do jeito que ele abordava a vida, mas ela estava desgostosa com o jeito que ele deixou os alunos transformarem uma coisa real - a morte de alguém que eles conheciam, alguém que mal tinha 16 anos de idade - uma garota que todos eles viram tomando banho de sol no pátio, tomando suco de frutas, ou fazendo brownies na sala de culinária (como todas as garotas populares de Duchesne, Aggie tinha uma paixão por comida que era fora de proporção com o seu super-magro corpo) - em um assunto trivial, um degrau na escalada para falar das neuroses de todos os outros.

A porta se abriu, e todo mundo olhou para ver um Jack Force com o rosto vermelho entrar na sala. Ele pediu para entrar, e Mr. Orion acenou. "Sente-se, Jack."

Jack andou pomposamente pela sala para a única carteira vazia na classe - do lado de Schuyler. Ele parecia cansado, e um pequeno enrugado na sua pólo e a camisa saindo das calças folgadas de lã. Uma descarga elétrica passou pelo corpo de Schuyler, uma espinhosa e não desagradável situação. O que tinha mudado? Ela já tinha sentado ao lado dele antes, e ele era sempre invisível para ela, até agora. Ele não encontrou o olhar dela, e ela estava muito assustada e consciente dele. Era estranho pensar que eles estavam os dois lá naquela noite. Tão perto de onde Aggie morreu.

Mas agora outra discípula de Mimi estava tagarelando sobre seu hamster, que morreu de fome quando eles saíram de férias. "Eu amava Bobo demais," ela chorou e um lenço enquanto o resto da classe expressava sua solidariedade. Contos do desaparecimento similar de um amado lagarto, canário e coelho foram os próximos da fila.

Schuyler rolou os olhos e rabiscou nas margens do seu notebook. Era o seu modo de ficar distante do mundo.

Quando ela não podia mais aguentar - suas péssimas aulas em que os professores só discutiam, sem pensar em uma solução, infinitas palestras de matemática, a bocejo-indução das propriedades das divisões unicelulares - ela se perdia em uma caneta e papel. Ela sempre amou desenhar. Garotas de anime e garotos com olhos de pires.

Dragões. Fantasma. Sapatos. Ela estava inconscientemente desenhando o perfil de Jack quando uma mão apareceu e escreveu uma nota no topo do seu papel.

Ela olhou para cima, surpresa, instintivamente cobrindo o seu desenho.

Jack Force acenou sombriamente para ela, dando tapinhas no seu notebook com uma caneta, direcionando o olhar dela para as palavras que ele escreveu.

Aggie não morreu de overdose. Aggie foi assassinada.

SETE

Um reluzente Rolls-Royce Silver Shadow (n.t.: um carro sedan de porte grande da Rolls-Royce) estava esperando na frente dos portões da Duchesne quando Bliss saiu. Ela sentiu um pouco envergonhada, como ela sempre ficava ao ver o carro. Ela viu sua meia irmã, Jordan, que tinha onze anos e estava na sexta série, esperando por ela. Eles tinham deixado as turmas mais novas sair cedo também, ainda que mal conheciam Aggie.

A porta do Rolls aberta, e um par de longas pernas para fora do carro. A madrasta de Bliss, a antiga Bobi Anne Shepherd, vestindo uma tracksuit (n.t: uma espécie de roupa esportiva, tipo moletom com jaqueta e calça combinando) apertada de veludo rosa com o zíper puxado para baixo para revelar seu amplo peito, e de tamancos de salto-alto Gucci, começou a procurar freneticamente pelos estudantes agregados.

Bliss desejou, não pela primeira vez, que sua madrasta deixasse-a pegar um táxi ou ir para casa andando como qualquer outra criança no Duchesne. O Rolls, o Juicy, os diamantes de onze quilates, era tudo tão Texas. Bliss tinha aprendido, nos seus dois meses em Manhattan, a importância da rica discrição.

As crianças de classe mais ricas usavam Old Navy e foram rigorosamente auxiliados. Se eles precisassem de um carro, seus pais ficavam certos que fosse um elegante e discreto Town Car (n.t.: um sedan simples e discreto, geralmente usado nos filmes como carro do presidente e seus seguranças) preto. Mesmo Mimi teve cabinas. Displays cintilantes de status e riqueza eram olhados de cima. Claro, essa também eram as crianças que usavam jeans pré-marcados e suéters indescobertos das preciosas boutiques SoHo, que cobravam em cinco números. Estava tudo bem em parecer pobre, mas na verdade, ser pobre era totalmente imperdoável.

A princípio, todos na escola pensavam que Bliss era uma garota escolar (n.t.: scholarship kid. Não sei o que quer dizer, coloquei o que acho que mais se aproxima), com sua bolsa Chanel parecendo falsa e seus sapatos brilhantes. Mas o aparecimento do Silver Shadow Rolls todas as tardes em breve pôs um fim nesse rumor. O Llewellyns foram oprimidos, certo, mas em uma vulgar, cartoonish (?), ridícula moda, que era tão ruim quanto não ter dinheiro, mas não é bem assim.

“Queridas!” BobiAnne gritou, a voz dela transportando para baixo do bloco. “Eu estava tão preocupada!” Ela reuniu sua filha e sua enteada em seus braços magros, pressionando suas bochechas com pó contra a delas. Ela cheirava como perfume calcificado — doce e calcário. A mãe real de Bliss tinha morrido quando ela nasceu, e

seu pai nunca falou sobre ela. Bliss não tinha nenhuma memória de sua mãe. Quando ela tinha três anos, seu pai se casou com BobiAnne, e eles tiveram Jordan logo depois. “Pare com isso, BobiAnne” Bliss se queixou. “Nós estamos bem. Não somos nós que fomos assassinadas.”

Assassinadas. Agora, por que ela tinha dito isso? A morte de Aggie foi um acidente. Uma overdose de droga. Mas a palavra saiu naturalmente, sem ela sequer pensar. Por quê?

“Eu realmente desejaria que você me chamasse de mamãe, querida. Eu sei, eu sei. Eu ouvi. A pobre garota Carondolet. Sua mãe está em choque, coitada. Entre, entre.”

Bliss seguiu sua irmã para dentro do carro. Jordan foi impassível, como sempre, tomando as ministrações da mãe com uma indiferença estudada. Sua irmã não poderia ser mais diferente dela. Enquanto Bliss era alta e esbelta, Jordan era baixa e grossa. Bliss era extremamente bonita, mas Jordan era tão simples que era quase caseira, um fato que nunca satisfaz BobiAnne. “Tão diferentes como um cisne e um búfalo d’água!” ela lamentou. BobiAnne estava sempre tentando colocar Jordan em algum tipo de dieta e censurando-a por sua falta de interesse por moda ou por um “regime de beleza”, enquanto elogiava a aparência angelical de Bliss, o que agravou ainda mais Bliss.

“Vocês, meninas, não saiam mais sem uma dama de companhia. Você especialmente, Bliss, nada de sair por aí com Mimi Force para Deus sabe onde. Esteja em casa toda noite às nove.” BobiAnne disse, nervosamente apertando sua miniatura. Bliss revirou os olhos. Então agora só porque uma garota morreu em uma boate, ela tem algum tipo de toque de recolher? Desde quando sua madrastra se preocupa com coisas assim? Bliss tem indo à festas desde a sétima série. Ela provou pela primeira vez o sabor de álcool nessa ocasião, e tinha ficado estupidamente bêbada nas feiras naquele ano; a amiga de sua irmã mais velha teve de vir buscá-la depois que ela vomitou e desmaiou no palheiro atrás da Roda Gigante.

“Seu pai insiste,” disse BobiAnne ansiosamente. “Agora, você não vai me dar mais problemas sobre isso, ouviu?”

O Rolls pulou para longe dos portões da Duchesne, desceu pelo quarteirão, e deu uma meia-volta para parar em frente ao edifício Llewellyn logo do outro lado da rua.

Elas saíram do carro e andaram até um apartamento de construção palaciana. O Anthetum era um dos mais antigos e mais prestigiados endereços da cidade. A moradia dos Llewellyn era um alpendre triplo no último piso. BobiAnne havia encomendado vários designers de interiores para decorar o lugar, e tinha até dado ao apartamento um grande nome, Penthouse des Rêves (Penthouse of Dreams – Alpendre dos Sonhos), embora todos os francêss que ela sabia poderia caber em uma etiqueta de vestido (somente seco e limpo). Cada cômodo do apartamento foi decorado em extravagante, moda de pavão, e nenhum gasto havia sido poupado, desde o candelabro de dezoito quilates de ouro na sala de jantar até as louças de diamante incrustado na sala.

Tinha a sala de estar “Versace”, preenchida de antiguidades mortas do designer que

BobiAnne conseguiu no leilão, cheio até a borda com espelhos Sunburst, armários chineses de ouro, e uma escultura Italiana bombástica nu. Outro cômodo era a sala “Bali”, com armários de mogno de parede a parede, bancadas de madeira áspera, e gaiolas de pássaros de bambu. Cada item na sala era um autêntico, extremamente raro e caro artefato sul-asiático, mas porque havia tantos deles, que o efeito total era de uma venda na Pier 1 Importações. Tinha até uma “Cinderela”, modelada após a exibição na Disney World — completa vestindo com uma tiara, e um vestido segurado por duas fibras aves anexadas ao limite.

Bliss pensava que Penthouse de Crap (n.t.: Alpendre de Lixo) seria mais adequado. Sua madrasta estava particularmente agitada naquela tarde. Bliss nunca a tinha visto tão nervosa. BobiAnne nem sequer reclamou quando Bliss deixou pegadas sujas sobre o tapete imaculado.

“Antes que eu esqueça, isso chegou para você hoje.” Sua madrasta entregou a ela um envelope de tamanho desproporcional em linho branco. Tinha um impressionante peso para ele, como um anúncio de casamento. Bliss abriu, achando um cartão de estampado dentro. Era um convite para participar do New York Blood Bank Comité (n.t.: Comité de Banco de Sangue de Nova York, algo assim).

Uma das mais antigas organizações caritativas em New York, também a mais prestigiada; somente filhos das famílias mais proeminentes socialmente eram convidados a participar como membros juniores. Na Duchesne, era simplesmente chamada de “O Comitê”. Todo aquele que era alguém na escola estava no Comité; sendo um membro, um nível elevado da estratosfera social que era tão sublime, simples mortais só poderiam aspirá-la, mas nunca chegariam à sua altura.

Capitões de todas as equipes escolares estiveram no Comité, assim como editores do jornal e do livro do ano, mas não era uma sociedade justa, desde que crianças como Mimi Force, que não estavam ativos em quaisquer atividades escolares, mas que os pais eram influentes em New York, fez-se o grosso da adesão.

Era esnobe, restrito e exclusivo para o extremo; adesão incluía apenas crianças do topo de escolas particulares. O Comité nunca tinha sequer uma lista completa de seus membros — se você estivesse de fora, você podia adivinhar quando alguém estava nela, apenas uma pista, como um anel do Comitê, uma serpente dourada em torno de uma cruz, usada por um membro, lhe daria fora.

Bliss tinha estado sob a impressão de que eles não introduziriam novos membros até a primavera, mas o pacote informou-lhe que a primeira reunião era segunda-feira, na sala Jefferson no Duchesne.

“Por que eu iria querer participar de um Comité de caridade?” perguntou ela, pensando que tudo era bobagem. Todo aquele Hoopla (n.t.: aquele joguinho de jogar argolas para acertar num palito) sobre angariação de fundos de planejamento de festas. Ela tinha certeza que Dylan acharia isso ridículo. Não que ela se importasse com o que Dylan pensava. Ela ainda não sabia como se sentia em relação à ele — ela se sentia horrível

por nem dizer ‘olá’ quando ele bateu em seu ombro mais cedo. Mas os olhos atentos de Mimi estavam sobre ela, e Bliss não sentiu corajosa o suficiente para dar qualquer indicação de que eles eram amigos. Eram amigos? Eles certamente foram na sexta-feira à noite.

“Você não participa. Você é escolhida,” BobiAnne disse.

Bliss balançou a cabeça. “Eu tenho?”

BobiAnne estava inflexível. “Isso deixaria seu pai e eu muito felizes”

Mais tarde, à noite, Jordan bateu na porta do quarto de Bliss. “Onde você estava na sexta-feira à noite?” ela perguntou, seus dedos gorduchos repousando sobre a maçaneta, deixando suas impressões digitais pegajosas na maçaneta dourada. Os olhos escuros de Jordan assim como sua moda assustadora.

Bliss balançou a cabeça. Sua irmã era tão estranha. Ela era tão alienígena para Bliss.

Quando elas eram mais jovens, Jordan seguia ela para todo lugar como um cachorro perdido, e se perguntando porque ela não tinha cabelos encaracolados como sua irmã, pele clara como sua irmã, e olhos azuis como sua irmã.

Elas costumavam ser amigas. Mas as coisas tinham mudado no ano passado. Jordan tinha se tornado calada e tímida perto de Bliss. Tinha passado séculos desde que Jordan pedia a Bliss para trançar seu cabelo.

“No Bloco 122, você sabe, aquele clube privado que todas as celebridades vão. Estava na edição da semana passada da US Weekly,” Bliss respondeu. “Por que, quem quer saber?” ela estava sentada em sua cama de princesa, os papéis do Comitê espalhados sobre o edredon. Para um comitê de caridade, havia um infindável número de formulários a serem preenchidos, incluindo uma declaração de aceitação, que incluía um compromisso de duas horas toda Segunda-feira à noite.

“É onde ela morreu, não é?” Jordan disse sombriamente.

“Sim.” Bliss afirmou, sem olhar para cima.

“Você sabe quem fez isso, não sabe?” Jordan disse. “Você estava lá.”

“O que você quer dizer?” Bliss perguntou, finalmente abaixando os papéis.

Jordan balançou a cabeça. “Você sabe.”

“Na verdade, eu não faço nenhuma idéia sobre o que você está falando. Não recebeu o 411? Foi uma overdose. Agora, dá o fora, puke-face (n.t.: não achei tradução, deve ser algum apelido/gíria americana)” disse Bliss, atirando um travesseiro na porta.

Sobre o que Jordan estava falando? O que ela sabia? Por que sua madrastra tinha sido tão afetada pela morte de Aggie? E qual era a grande coisa de participar de um comitê de caridade?

Ela chamou Mimi. Ela sabia que Mimi estava no Comitê, e Bliss queria ter certeza que ela estaria na reunião.

Diário de Catherine Carver – 25 de Novembro, 1620, Plymouth - Massachusetts

Esta noite nós celebramos nossa segura viagem até nossa nova casa. Temos ótimas notícias – o povo desta nova terra nos receberam com braços abertos e muitos presentes. Trouxeram caça, uma grande ave que poderia alimentar um exército, uma doação de vegetais e milho. É um novo começo para nós, e estamos animados pela visão das terras verdejantes, os acres vastos e virgens onde nós nos assentaremos. Todos nossos sonhos foram realizados. É por isso que deixamos nossas casas – para que as crianças possam crescer seguras e com saúde.

— C. C.

OITO

Ao deixar a escola, Schuyler pegou o ônibus da cidade na Ninety-sixth Street, deslizando seu MetroCard branco no slot e encontrando um lugar vazio perto de uma mãe de olhar assediado com um andarilho. Schuyler era uma dos poucos alunos do Duchesne que pegava o transporte público.

O ônibus cortou lentamente as avenidas, passando por uma série de boutiques especializadas na Madison, incluindo a nominada imperdoavelmente de “Príncipe e Princesa”, que servia à elite abaixo-de-doze — vestidos franceses de algodão para meninas e casacos Barbour para meninos; farmácias que estocavam escovas de cabelo-de-javali-de-quinheiros-dólares; e pequenas lojas antigas que vendiam arcana como equipamento de cartografia e penas do quarto século.

Em seguida, ele foi do Central Park para o lado oeste da cidade, rumo a Broadway, uma mudança de bairro e cenário – restaurantes Chino-Latino, menos lojas de retalhos pretensiosas — depois finalmente, um íngreme até Riverside Drive.

Ela pretendia perguntar o que Jack queria dizer com sua nota, mas ela não foi capaz de pegá-lo após a aula. Jack Force, quem nunca tinha prestado atenção nela antes?

Primeiro ele sabia o nome dela, agora ele estava escrevendo notas no caderno dela? Por que ele diria que Aggie Carondolet foi assassinada? Tinha que ser algum tipo de piada. Ele estava brincando com ela, tentando assustá-la, provavelmente. Ela balançou a cabeça irritada. Não fazia sentido. E mesmo que Jack Force tivesse algum conhecimento aquecido do tipo Lei e Ordem sobre o caso, por que ele estava compartilhando com ela? Eles mal se conheciam.

Na 100th Street, ela soou a fita amarela e pulou afora pelas portas automáticas para a ainda ensolarada tarde.

Ela andou um quarteirão relativamente aos passos esculpidos até os terraços paisagísticos separados do tráfego e levavam diretamente para a sua porta.

Riverside Drive era uma cênica de estilo-Parisiense no lado oeste do Upper Manhattan: um grande sinuoso percurso pontilhado com mansões pomposas do Renascimento Italiano e apartamentos Art Deco de construções majestosas. Era ali que os VanAlens passaram a virada do último século, da sua menor morada na Fifth Avenue. Uma vez a

mais poderosa e influente família da cidade de New York, os VanAlens fundaram muitas das universidades e instituições culturais da cidade, mas a sua riqueza e prestígio tinha estado em declínio durante décadas.

Uma de suas últimas realizações foi o imponente palácio de estilo-Francês, na esquina da Leafy 101st e Riverside Drive, que Schuyler chamava de casa. Feito de belas pedras cinzas, tinha uma porta em ferro e gárgulas guardando a varanda.

Mas ao contrário de casas reluzentes remodeladas da cidade que a cercavam, a casa mal precisava de um novo telhado; telhas, e uma camada de tinta.

Schuyler tocou a campainha.

“Eu sei, sinto muito, Hattie, eu esqueci minhas chaves denovo” ela pediu desculpas para sua governanta, que tinha estado com a família desde que Schuyler podia lembrar.

A mulher polaca de cabelos grisalhos em um uniforme antiquado de camareira só grunhiu. Schuyler a seguiu pela porta dupla rangente e atravessou desconfiada pelo grande salão, que estava escuro e mofado com tapetes Persas (tão antigos e raros, mas cobertos de uma camada de pó). Nunca havia qualquer luz no cômodo porque, mesmo que a casa possuía várias janelas que davam vista para o Rio Hudson, pesadas cortinas de veludo sempre cobriam as vistas.

Traços da liberalidade da família estavam em evidência, desde as originais cadeiras Heppelwhite até as mesas maciças Chippendale, mas a casa era muito quente no verão e muito fria no inverno, sem o benefício do ar central.

Diferente do alpendre dos Llewellyns, onde tudo era uma salgada reprodução ou uma antiguidade comprada na Christie’s, cada peça de mobília na casa dos VanAlen era original e mantida de gerações anteriores.

A maioria dos sete quartos da casa eram trancados e inutilizados, e cobertos de tecido a maior parte das peças relíquias da família. Schuyler sempre achou que era como viver em um velho museu decrépito. Seu quarto era no segundo andar — um quarto pequeno que ela rebeldemente tinha pintado de um amarelo brilhante Mountain Dew para contrastar da escura tapeçaria do resto da casa.

Ela assobiava por Beauty (n.t.: beleza), e uma amigável e linda cadela de caça corria para seu lado. “Boa menina, boa menina” ela disse, ajoelhada e abraçando a criatura feliz, deixando-a lambe seu rosto. Não importa quão ruim tenha sido seu dia, Beauty sempre deixava melhor. O belo animal tinha seguido-a até sua casa da escola um dia no ano passado. A cadela era de raça pura, com um liso e escuro pêlo que combinava com os cabelos preto-azulados de Schuyler. Schuyler tinha certeza que os proprietários procurariam por ela, e ela tinha colocado um anúncio de “Animal encontrado” no bairro.

Mas ninguém veio atrás de Beauty, e depois de um tempo, Schuyler parou de tentar encontrar seu verdadeiro dono.

Dois deles subiram as escadas. Schuyler caminhou dentro de seu quarto e fechou a porta

atrás de seu cachorro.

“Em casa tão cedo?”

Schuyler quase pulou fora de seu casaco. Beauty latiu, então abanou seu rabo, galopando alegremente em direção ao intruso. Schuyler virou-se para encontrar a avó sentada na cama com uma expressão séria. Cordelia VanAlen era uma pequena mulher, parecendo um pássaro — era fácil ver de onde Schuyler pegara sua delicada estrutura e seus profundos e rígidos olhos, embora Cordelia costumasse repudiar observações sobre a semelhança familiar. Os olhos de Cordelia eram azuis e brilhantes, e eles encaravam intensamente sua neta.

“Cordelia, eu não te vi”, explicou Schuyler.

A avó de Schuyler havia proibido-a de chamá-la de Avó, ou Vovó, ou o que ela ouvia algumas crianças chamá-las, Nana. Seria legal ter uma Nana, uma calorosa e gordinha figura materna, cujo nome significasse muito amor e biscoitos de chocolate caseiros. Mas invés disso, tudo o que Schuyler tinha era Cordelia. Uma mulher ainda bonita, elegante, que parecia estar nos seus oitenta ou noventa, Schuyler nunca soube quanto. Alguns dias, Cordelia parecia jovem o bastante para estar nos seus cinquenta (ou quarenta até, se Schuyler estivesse sendo honesta consigo mesma). Cordelia sentava-se reto, vestida em um preto cardigan de cashmere e calças floridas jersey, suas pernas cruzadas delicadamente nos tornozelos. Nos seus pés estavam sapatos de balé pretos da Chanel.

Em toda a infância de Schuyler, Cordelia tinha estado presente. Não um poder maternal, ou mesmo afetuoso, mas uma presença não obstante. Foi Cordelia que mudou a certidão de Schuyler para que seu último nome fosse de sua mãe e não do seu pai. Foi Cordelia que tinha a matriculado na Duchesne School. Cordelia quem assinou sua permissão, monitorou seus cartões, e forneceu-lhe uma mesada miserável.

“A escola liberou mais cedo,” disse Schuyler. “Aggie Carondolet morreu.”

“Eu sei.” O rosto de Cordelia mudou. Um lampejo de emoção vacilou por sua feição rígida – medo, ansiedade, preocupação, até?

“Você está bem?”

Schuyler afirmou com a cabeça. Ela mal conhecia Aggie. Claro, elas frequentaram a mesma escola por mais de uma década, mas isso não quer dizer que eram amigas.

“Eu tenho lição de casa para fazer.” Disse Schuyler, enquanto desabotoava seu casaco e tirava seu suéter, tirando cada camada de vestuário até que ficou na frente de sua avó com uma regata branca e leggin preta.

Schuyler tinha um pouco de medo de sua avó, mas tinha crescido amando-a, embora Cornelia nunca demonstrasse qualquer inclinação de reciprocidade do sentimento. A mais palpável emoção que Schuyler podia detectar era uma tolerância invejável. Sua avó a tolerava. Ela não aprovava-a, mas tolerava-a.

“Suas marcas estão ficando piores”, observou Cordelia, referindo-se aos antebraços de Schuyler.

Schuyler assentiu. Estrias de linhas azul-pálidas floreciam em um intrincado padrão, visível sob a superfície da pele, da parte inferior de seu antebraço até seu pulso. As veias proeminentes azuis tinham aparecido na semana de seu décimo quinto aniversário. Elas não doíam, mas coçavam. Era como se ela estivesse crescendo fora de sua pele — ou na pele — de alguma maneira.

“Elas parecem a mesma coisa para mim,” Schuyler respondeu.

“Não esqueça de sua consulta com Dr. Pat.”

Schuyler assentiu.

Beauty se sentiu em casa no edredon de Schuyler, olhando pela janela em direção ao rio cintilante detrás das árvores.

Cordelia começou a alisar os pelos lisos de Beauty. “Eu tinha um cão como esse uma vez”, ela disse. “Quando eu tinha sua idade. Sua mãe tinha, também.” Cordelia sorriu melancolicamente.

Sua avó raramente falava sobre a mãe de Schuyler, quem, tecnicamente, não estava morta. Ela caiu em coma quando Schuyler tinha apenas um ano de idade, e estava presa nesse estado desde então. Os médicos concordaram que ela registrava atividade cerebral normal, e que ela poderia despertar a qualquer momento. Mas ela nunca o fez. Schuyler visitou sua mãe, todos os domingos no Columbia Presbyterian Hospital para ler para ela o jornal Sunday Times.

Schuyler não tinha muitas lembranças de sua mãe — além de uma triste e bela mulher que cantou Cantigas de Ninar com ela no berço. Talvez ela só lembrasse que sua mãe parecia triste, porque esse é o modo que ela parecia agora, que ela estava dormindo — havia uma melancolia projetada em suas feições. Uma amável, parecendo aflita mulher com as mãos dobradas, seu cabelo platino sobre o travesseiro.

Ela queria perguntar à avó mais sobre sua mãe e seu cão de caça — mas o olhar distante havia deixado o rosto de Cordelia, e Schuyler sabia que não iria obter mais qualquer informação sobre sua mãe naquela noite.

“Jantar às seis”, disse a avó, deixando o cômodo.

“Sim, Cordelia”, Schuyler murmurou.

Fechou os olhos e deitou na cama, inclinada diante de Beauty. O sol começou a se pôr através das cortinas.

Sua avó era um enigma. Schuyler desejou, não pela primeira vez, ser uma garota normal, com uma família normal. Ela se sentia muito solitária, de repente. Ela se perguntou se deveria ter dito a Oliver sobre a nota de Jack. Ela nunca guardou algo como isso dele. Mas ela estava preocupada que ele a chamaria de boba por cair numa piada estúpida.

Então seu celular bipou. O número de Oliver apareceu na caixa de mensagens, como se ele soubesse o que ela estava sentindo naquele momento.

SINTO SUA FALTA, BABE.

Schuyler sorriu. Ela podia não ter pais. Mas, pelo menos, tinha um amigo verdadeiro.

NOVE

O funeral de Aggie teve toda a pompa de um evento social exclusivo. Os Carondolets eram uma família nova-iorquina de alto escalão, e a morte prematura de Aggie tinha aparecido nos tablóides. GAROTA EM IDADE ESCOLAR MORTA EM UM CLUBE NA PARTE BAIXA DA CIDADE. Os pais dela tinham odiado, mas não tinha nada que eles podiam fazer sobre isso. A cidade estava obcecada com a beleza, a riqueza e a tragédia. (A mais bonita, rica e trágica, a maior a título.) Essa manhã uma multidão de fotógrafos montaram guarda nos portões da escola, esperando para ter um vislumbre da mãe em luto (uma digna Sloane Carondolet, rainha do baile em 1985) e a melhor amiga arrasada, nada menos que a ágil garota-problema-da-cidade Mimi Force.

Assim que Mimi viu os fotógrafos, ela estava feliz que foi pega no terninho Dior Homme por Hedi Slimane. Ela ajustou ele por toda a noite como uma cadela, mas o que Mimi quer, Mimi sempre tem. O terninho era de cetim preto, com acentuadas, fortes linhas. Ela não estava usando nada por baixo a não ser uma gargantilha de onix. Ela iria ficar fabulosa no jornal de amanhã - um toque de tragédia fazendo ela ficar uma figura ainda mais glamurosa.

Os assentos dentro da capela de Duchesne foi arrumada de acordo com a classificação, como um show de TV. Claro, Mimi ganhou um lugar na frente. Ela estava sentada entre o pai e o irmão, eles três fazendo um bonito trio. A mãe dela, presa em uma cirurgia plástica de três meses na África do Sul (plásticas no rosto disfarçadas de férias) não conseguiu voltar a tempo, então Gina DuPont, uma proprietária de galeria de artes muito bonita e amiga próxima do seu pai, foi a acompanhante dele no funeral.

Mimi sabia que Gina era na verdade uma das amantes do seu pai, mas o conhecimento não incomodava ela. Enquanto crescia, ela ficou chocada com a constância dos relacionamentos extraconjugais dos pais, mas quando ela tinha idade suficiente, ela aceitou os relacionamentos pelos que eles eram - necessários para a felicidade do casamento.

. Ninguém podia ser tudo para uma pessoa. Casamento era para manter a fortuna no seio da família, para fazer uma boa jogada, parecido com o som de um bom negócio. Ela foi feita para entender que tinham algumas coisas que só podiam ser satisfeitas fora do casamento, algumas coisas que mesmo uma esposa fiel não poderia providenciar.

Ela percebeu o Senador Llewellyn e sua família entrando pelo lado da igreja. A madrastra de Bliss entrou pavoneando-se em um casaco de mink preto que ia até o chão por cima de um vestido preto; o senador estava usando um terno preto trespassado; Bliss estava usando um suéter preto de cashmere e minúsculas calças cigarette pretas Gucci. Então Mimi notou uma coisa estranha. A irmã menor de Bliss estava vestida da cabeça aos pés de branco.

Quem usa branco em um funeral? Mas quando Mimi olhou em volta, ela percebeu que quase metade dos convidados na capela estavam usando branco - e todos eles estavam

sentados no corredor até o altar. Sentada na primeira cadeira, liderando os enlutados de branco, estava uma pequena, encarquilhada mulher que Mimi nunca tinha visto antes. Ela notou Oliver Hazard-Perry e seus pais caminharem para os vestidos de branco antes de encontrarem lugares no fundo.

O prefeito e sua comitiva chegaram, seguidos pelo governador, sua mulher e filhos. Eles estavam todos em apropriadas vestimentas formais pretas e se sentaram atrás do banco do pai dela. Mimi se sentiu estranhamente aliviada. Todo mundo do lado dela na capela estava usando as vestimentas apropriadas.

Mimi estava feliz pelo caixão fechado. Ela não queria ver o corpo congelado de novo, não pelo tempo de uma vida. De qualquer forma, foi tudo um grande erro. Ela estava certa que os Wardens iriam achar alguma explicação perfeitamente razoável para isso, alguma parte do ciclo que explicaria a perda de todo aquele sangue. Porque Aggie não podia estar simplesmente morta. Como o pai dela disse, Aggie provavelmente não estava nem naquele caixão.

A missa começou, e todo mundo se levantou dos seus assentos e cantou "Nearer, My God, to Thee." Mimi deixou de cantar e notou que Bliss estava saindo da sua cadeira. Ela franziu as sobrancelhas. Depois que o padre disse as palavras apropriadas, a irmã de Aggie fez um breve elogio. Muitos outros estudantes falaram, incluindo o seu irmão, Jack, que fez um discurso emocionante, e tão rápido quanto isso, o funeral estava acabado. Mimi seguiu a sua família quando eles saíram do seu banco.

A diminuta, grisalha matrona que estava sentada do outro lado caminhou até eles e cutucou seu pai rapidamente no braço. Ela tinha os olhos mais azuis que Mimi já tinha visto e estava usando um impecável terninho Chanel marfim e cordas de pérola em volta do seu pescoço enrugado.

Charles Force assustou-se visivelmente. Mimi nunca tinha visto seu pai daquele jeito. Ele era um composto, suntuoso homem, com uma juba de cabelos prateados e uma atitude militar rígida. As linhas do seu rosto eram entalhadas com as consequências do poder. Foi dito que Charles Force era a verdadeira autoridade em Nova York. O poder atrás do mais poderoso.

"Cordélia," seu pai disse para a velha morcega, com um aceno da cabeça. "É bom ver você de novo."

"Já faz muito tempo." Ela tinha o curto e elegante, nasal jeito de um verdadeiro Yankee. Ele não respondeu. "Uma terrível perda," ele disse finalmente.

"Extremamente infeliz," a velha senhora concordou. "Apesar de que pudesse ter sido prevenida."

"Eu não sei do que você está falando," Charles retrucou, parecendo genuinamente perplexo.

"Você sabe tanto quanto eu, que eles deviam ter sido avisados - "

"Chega. Não aqui," ele disse, abaixando a voz e puxando-a para perto dele. Mimi esperou para ouvir o resto da conversa.

"Sempre o primeiro a ter vergonha da verdade. Você é do jeito que você sempre foi, arrogante e cego..." a velha mulher estava dizendo.

"E se nós tivéssemos ouvido você e semeado o medo? Onde nós estaríamos então?" ele perguntou friamente. "Você nos teria nos escondendo em cavernas."

"Eu teria a nós garantindo a nossa sobrevivência. Ao invés disso, nós estamos vulneráveis mais uma vez," Cordélia replicou, sua voz áspera falhando com raiva. "Ao invés, eles estão autorizados a regressar, para caçar. Se eu tivesse a autoridade, se a Conclave tivesse me ouvido, ouvido a Teddy - "

"Mas eles não fizeram, eles me escolheram para liderar, como eles sempre fizeram," Charles interrompeu suavemente. "Mas isso não é hora para trazer de volta velhas feridas e ressentimentos." Ele amarrou a cara. "Você fez - não, você não fez - Mimi, Jack, venham aqui."

"Ah, os gêmeos." Cordélia sorriu um sorriso crítico. "Juntos de novo." Mimi não gostou do jeito que a velha senil estava olhando pra ela, dimensionando-a como se já soubesse tudo sobre ela.

"Essa é Cordélia VanAlen," Charles Force disse asperamente. "Cordélia, os gêmeos. Benjamin e Madeleine."

"Encantado em conhecê-la," Jack Force disse polidamente.

"Idem," Mimi bufou.

Cordélia acenou complacente. Ela virou para Charles Forces mais uma vez e sussurrou ferozmente. "Você tem que tocar o alarme! Nós temos que ficar vigilantes! Ainda tem tempo. Nós podemos parar eles, se você apenas achasse isso no seu coração para perdoar," ela disse. "Gabrielle..."

"Não fale de Gabrielle para mim," Charles disse, cortando-a. "Nunca. Eu nunca mais vou ouvir o nome dela falado para mim. Especialmente de você."

Quem era Gabrielle? Mimi imaginou. Por que o pai dela parecia tão agitado? Mimi se sentiu agitada e nervosa de ver como o seu pai reagia as palavras da velha mulher.

Os olhos de Cordélia suavizaram. "Já fazem quinze anos," ela disse. "Não é tempo o bastante?"

"É bom ver você bem, Cordélia. Tenha um bom dia," Charles disse, em tom definitivo. A velha bruxa fraziu o rosto e foi embora sem outra palavra.

Mimi viu Schuyler VanAlen seguir ela, olhando pra eles timidamente, como se embaraçada pelas ações da avó. Como ela deveria estar, Mimi pensou.

"Pai, quem era essa?" Mimi perguntou, notando o pai olhando assustado.

"Cordélia VanAlen," ele respondeu pesadamente, e não disse mais nada. Como se aquilo explicasse tudo.

"Quem usa branco num funeral?" Mimi zombou, seu lábio se curvando

"Preto é a cor da noite," Charles murmurou. "Branco é a verdadeira cor da morte." Por um momento, ele olhou para o seu terno preto em desânimo.

"Ahn? Pai? O que você disse?"

Ele balançou a cabeça, perdido em pensamentos.

Mimi percebeu que Jack correu para falar com Schuyler, e os dois começaram uma intensa conversa sussurada. Mimi não gostou daquilo nem um pouco. Ela não tinha idéia de quem essa Schuyler pensava que era, e ela não ligava nem um pouco se fosse descoberto que ela era material do Comitê apesar de tudo. Ela não gostava do jeito que Jack estava olhando para Schuyler. A única outra pessoa que ele sempre olhou desse jeito foi ela.

E Mimi queria manter dessa maneira.

DEZ

Bliss não estava pronta para aguentar aquilo. Enquanto o funeral ainda estava acontecendo, ela decidiu que ela tinha que sair dali. Funerais faziam ela ficar louca. O único que ela já tinha ido foi o da tia-avó, e ninguém estava tão triste. Bliss podia jurar que ela ouviu os pais dela dizerem "É questão de tempo" e "Já tive o suficiente dela" no funeral. Tia-avó Gertrude viveu até a madura idade de 110 anos - foi mostrada no show *Today* - e quando Bliss visitou ela no rancho no dia antes da morte dela, a coisa velha estava tão viva como sempre. *"É a minha hora, querida. Eu sei que é, mas nós vamos nos ver de novo."* ela disse a Bliss.

Pelo menos o de Aggie não tinha o caixão aberto, mas continuava fazendo ela se sentir enjoada de pensar em um corpo morto lá, apenas alguns metros longe dela. Logo depois que eles chegaram, Bliss se torceu para se sentar com a madrastra, que estava muito ocupada dizendo olá para todas as outras mães de Duchesne de qualquer forma. Bliss furtivamente fez seu caminho para a saída. Ela pegou o olhar de Mimi no caminho. Mimi levantou uma sobrancelha e Bliss fez com a boca "banheiro" se sentindo boba de ter que fazer isso. Por que Mimi colocava tantas ordens nela? ela pensou, enquanto continuava seu caminho para a saída. Mimi era pior que a sua madrastra. Estava ficando irritante. Ela saiu pela saída de trás, apenas para correr em alguém tentando esgueirar-se para fora.

Dylan estava usando um estreito terno preto, com uma blusa branca e uma gravata preta. Ele olhou como um membro do The Strokes. Ele sorriu para ela. "Indo para algum lugar?"

"Está, ahn, quente lá dentro," ela disse fracamente.

Ele acenou, ponderando sua declaração. Eles não tinham se falado desde sexta a noite, na ruela entre os clubes noturnos. Ela tinha tido vontade de busca-lo, apenas para se desculpar por ignorar ele ontem. Não que ela tivesse alguma coisa para se desculpar, na verdade. Apesar de tudo, eles apenas passaram a noite conversando.

Não era como se eles fossem amigos ou alguma coisa. Não era grande coisa.

Exceto que era. Naquela noite, ele contou pra ela sobre a sua família, e como ele odiou ir pra escola em Connecticut. Ela contou pra ele sobre Houston, como ela costumava

dirigir o Cadillac conversível do avô para a escola, o que todo mundo pensava que era hilário. A coisa era um barco - com barbatanas. Mais importante, ela confessou como ela não sentia como se servisse para Duchesne de jeito nenhum, e como ela nem gostava de Mimi.

Foi um alívio ter sido tão honesta com ele, mesmo que ela se arrependesse assim que chegou em casa, traumatizada pelo medo que de alguma forma ele iria achar um jeito de contar a Mimi o que ela confessou a ele, mesmo que ela soubesse que era impossível. Mimi estava na alta sociedade. Dylan andava com os desviados e fracassados. Nunca que os dois iriam se encontrar. Se ele mesmo tentasse se aproximar de Mimi, ela iria deixar ele morto com um olhar antes mesmo que ele abrisse a boca.

"Vai cabular?" ele perguntou. O cabelo preto dele estava caído liso para trás, e ele mexeu suas sobrancelhas escuras para ela convidativamente.

Cabular um funeral. Agora essa era uma idéia interessante. Toda a escola era supostamente para estar ali. Era uma ordem. A única turma que Bliss alguma vez já tinha cabulado era ginástica, uma tarde quando ela e seus amigos decidiram ir ver um filme de terror com um maníaco matando adolescentes. Foi um dia divertido - o filme era ainda pior do que soava, e eles voltaram para a escola sem serem pegos.

Na Duchesne, você estava na verdade autorizado a cabular aulas duas vezes no semestre - era parte do "programa acadêmico flexível." A escola entendia aquilo algumas vezes, o estresse era simplesmente demais e estudantes ocasionalmente tinham que cabular aulas. Era maravilhoso como até rebeliões estavam escritas em regras da escola, tudo tão ordenadamente escrito dentro de todo o rigor e lógica do lugar.

Mas tanto quanto ela sabia, ninguém estava autorizado a cabular o funeral. Isso seria seriamente transgressivo as regras. Especialmente porque ela era para ser supostamente uma das melhores amigas de Aggie já que elas saíam juntas com o mesmo pessoal.

"Vamos," Dylan disse, saindo e segurando sua mão.

Bliss começou a segui-lo, quando outra figura apareceu nas portas da capela. "Onde vocês estão indo?" Jordan Llewellyn perguntou a sua irmã, seus grandes olhos encarando o crânio de Bliss.

"Quem é você?" Dylan perguntou.

"Cai fora, cara de bunda," Bliss avisou.

"Você não devia ir. Não é seguro," Jordan disse, olhando diretamente para Dylan.

"Vamos, ela é uma louca", Bliss disse, olhando sua irmã, que estava toda vestida em branco e parecia como se estivesse para receber sua primeira comunhão.

"Estou contando!" Jordan ameaçou.

"Pode ir! Conte a todos!" Bliss respondeu.

Dylan sorriu afetadamente, e sem nenhuma outra palavra, Bliss seguiu ele pela porta de trás, pelas escadas, direto ao primeiro andar da mansão.

Uma das empregadas da escola olhou de dentro da sala da copiadora, que dava para a escada. "O que vocês crianças estão fazendo aqui?" ela perguntou, pondo uma mão nos

seus amplos quadris.

"Adriana, seja legal." Dylan sorriu.

A empregada balançou a cabeça, mas sorriu de volta.

Bliss gostou que Dylan estivesse sendo amigo dos empregados. Mesmo que ele só estivesse sendo educado, continuava sendo legal. Mimi tratava os empregados com seca condescendência.

Dylan levou Bliss, passando pela Entrada do lixo e fora da entrada de serviço. Logo eles estavam livres, andando pelo Rua 91.

"O que você quer fazer?" ele perguntou.

Ela deu de ombros. Inalou o ar fresco. Agora, isso era uma coisa que ela estava realmente começando a gostar em Nova York. Esse fresco, clara queda meteorológica - eles não tinham um tempo como esse em Houston. Passava de abafado para chuvoso.

Ela pôs as mãos nos bolsos do seu casaco camuflado Chloe cor de nata.

"Isso é Nova York, nós podemos fazer qualquer coisa." ele explicou. "A cidade inteira está aberta para nós. Nós podemos ver um show burlesco, ou uma comédia ruim. Ouvir algumas leituras de Derrida na Universidade de Nova York. Ou nós podemos jogar boliche no Pier. Eu sei, e quanto aquele bar no East Village onde os garçons são verdadeiros monges belgas? Ou talvez nós poderíamos caminhar no parque?

"Talvez nós pudéssemos só ir a um museu?" ela perguntou.

"Oh, garota artística." Ele sorriu. "Tudo bem. Qual?"

"O Met," ela decidiu. Ela só esteve lá uma vez, e só para a loja de presentes, onde a sua madrastra passou horas escolhendo motivos florais para souvenirs.

Eles foram pela Avenida 50 e chegaram no Museu Metropolitano rápido. Os degraus da frente estavam cheios de gente comendo seus almoços, tirando fotos, ou simplesmente pegando sol. Tinha uma atmosfera carnavalesca; alguém estava batando bongos em um lado, e uma grande caixa tocava reggae em outro. Eles andaram pelos degraus e entraram.

o lobby do museu estava pulsando de atividade e cor - crianças de escola em excursões andavam em fila atrás de seus professores, estudantes de arte andavam vivamente com seus cadernos de desenho entre os braços, uma torre de babel de diferentes linguas vinha dos turistas.

Dylan deslizou um centavo para dentro da cabine de vidro do vendedor de ingressos.

"Dois, por favor," ele disse, um sorriso inocente no seu rosto.

Bliss estava um pouco horrorizada. Ela chegou a placa. DOAÇÃO SUGERIDA: \$15.

Bem, ele tinha um ponto, era sugerido, não mandado. O caixa deu a eles os ingressos do Met sem comentários. Aparentemente, ele já tinha visto tudo aquilo antes.

"Você já esteve alguma vez no Templo de Dendur?" Dylan perguntou, levando Bliss em direção à saída norte do museu.

"Não," ela disse, sacudindo a cabeça. "O que é isso?"

"Pare," ele disse. Ele pôs as mãos gentilmente no rosto dela. "Feche seus olhos."

"Por que?" ela deu uma risadinha.

"Apenas faça isso," ele disse. "Confie em mim."

Ela fechou seus olhos, segurando uma mão contra seu rosto, e ela sentiu ele rebocá-la a seu lado, levando ela em frente. Ela andou hesitantemente, sentindo o que havia adiante - eles estavam em algum tipo de labirinto, ela pensou - como ele levou ela alegremente por uma série de acentuadas voltas. Então eles estavam fora disso. Mesmo com os olhos fechados, ela podia sentir que eles estavam em um grande e vazio espaço.

"Abra seus olhos," Dylan sussurrou.

Ela piscou e então abriu-os.

Eles estavam em frente à ruínas de templo egípcio. O prédio era majestoso e primitivo ao mesmo tempo - em direto contraste com as limpas, modernas linhas do museu. Era absolutamente estonteantes. A sala estava vazia, e tinha uma longa fonte horizontal em frente ao templo. Era uma deslumbrando obra de arte, e a história por detrás disso - o fato de que o museu tinha meticulosamente desmontado e reconstruído isso para que o templo parecia perfeitamente em casa em um museu de Manhattan - fez com que a cabeça de Bliss rodasse.

"Oh, meu Deus."

"Eu sei." Dylan disse, piscando.

Bliss piscou de volta chorando. Era a coisa mais romântica que alguém tinha feito para ela - desde sempre.

Ele olhou diretamente nos olhos dela, abaixando sua cabeça em direção aos lábios dela. Ela bateu as pestanas, o coração batendo forte na sua bochecha, desfalecendo. Ela se inclinou contra ele, levantando seu rosto para ser beijada. Ele parecia gentil e esperançoso, e ali tinha algo apelativamente vulnerável no jeito que ele não conseguia encontrar o olhar dela.

Os lábios se encontraram.

E foi quando aquilo aconteceu.

O mundo ficou cinza. Ela estava na sua pele, mas não na sua pele. O quarto era restritivo. O mundo foi diminuindo. Todas as quatro paredes do templo eram subitamente tudo. Ela estava no deserto. Ela podia sentir o gosto acre da areia na sua boca, sentir o sol quente nas costas. Mil escaravelhos - pretos e brilhantes, voaram para fora da porta do templo zumbindo. E foi quando ela começou a gritar.

Diário de Catherine Carver

30 de Novembro, 1620

Plymouth, Massachusetts

Hoje Myles Standish levou uma equipe pela costa até Roanoke, para levar remédios, comida e suprimentos para uma liquidação lá. É uma feira quinzenal, então eles vão ficar longe por um bom tempo. Eu estava doente do coração de ver Jonh indo com eles.

Até agora nós estamos salvos, mas ninguém sabe por quanto tempo. Ninguém se atreve a dizer. As crianças crescem rápido e são um prazer para todos. Tem havido uma abundância de nascimentos de gêmeos. Os Allertons recentemente tiveram trigêmeos. Susannah White, e seu marido, William, também viajaram para Roanoke, foram visitar. Nós concordamos que é uma estação fértil. Nós fomos abençoados.

ONZE

Schuyler ainda estava pensando sobre o Jack tinha dito depois do funeral de Aggie quando ela chegou no escritório todo-branco da Dr. Pat em um torre cromo-e-vidro da 50th Avenida mais tarde naquele dia. Ele perguntou para ela porque ela tinha ignorado o bilhete, e ela explicou que ela tinha simplesmente levou como uma brincadeira. "Você acha que a morte de Aggie é engraçado?" ele perguntou, seu rosto ferido. Ela tentou protestar - mas sua avó estava chamando-a e ela teve que ir. Ela não podia apagar sua expressão da memória. Como se ela tivesse desapontado ele profundamente de algum jeito. Ela tirou a frança do rosto ruidosamente. Por que ele tinha um efeito sobre ela? Uma mulher emaciada em um casaco de pele de raposa lhe deu um olhar penetrante pela sala. Schuyler olhou desafiadoramente de volta.

Cordélia tinha feito um grande rebuliço sobre Shuyler ver Dr. Pat. O médico era algum tipo de dermatologista, um famoso. O consultório era mais como a parte de dentro de um hotel de Miami - o Shore Club ou o Delano - do que uma sala de espera normal. Era toda branca, brancos tapetes peludos, brancos azulejos de parede, brancas mesas envernizadas, brancos sofás de couro, brancas fibras de camas Eames. Aparentemente Dr. Pat era O Dr. Pat, o que todas as socialites e fashion designers e celebridades creditam seus fabulosos complexos. Havia muitos autógrafos e fotografias emolduradas de modelos e atrizes pendurados nas paredes.

Schuyler tirou Jack da sua mente e começou a passar os olhos através dos artigos de revista brilhantes exaltando as virtudes do médico, quando a porta do consultório abriu e Mimi Force saiu do seu interior.

"O que você está fazendo aqui?" Mimi cuspiu. Ela tinha mudado o seu terninho Dior e estava usando um visual mais "casual" - um par de apertados jeans Apo de quatro-mil-doláres com rebites de platina e um botão de diamante, um grande e grosso suéter Martine Sitbon, e elegantes stilettos (n.t.: sapatos muito altos com salto fino) cor de manteira Jimmy Choo.

"Sentando?" Schuyler respondeu, mesmo sabendo que era óbvio que Mimi tinha feito uma pergunta retórica. "O que aconteceu com o seu rosto?"

Mimi olhou fixamente pra ela. Seu rosto inteiro estava coberto com pequenos pontos de sangue. Ela tinha acabado de receber um tratamento a laser para tirar cascas, e isso deixou sua pele um pouco crua. Ajudou a mascarar as veias azuis que estavam começando a desaparecer em volta dos seus olhos. "Nada que seja da sua conta."

Schuyler deu de ombros.

Mimi saiu, fechando a porta atrás dela.

Alguns minutos depois, a enfermeira chamou o nome de Schuyler, e ela iniciada em uma sala de tratamento. A enfermeira pesou ela e mediu a pressão, então pediu que ela trocasse de roupa e colocasse uma bata de hospital sem pano nas costas. Schuyler pôs a bata e esperou alguns minutos antes do médico finalmente entrar.

Dr. Pat era uma séria, grisalha mulher, que olhou para Schuyler e disse, "Você é muito magra," como cumprimento.

Schuyler deu de ombros. Nunca importou o que ela comia - ela podia viver com bolos de chocolate e batatas fritas e ela nunca parecia ganhar um grama. Ela era desse jeito desde criança. Oliver sempre costumava se maravilhar com sua capacidade. "Você devia ser tão grande como uma casa," ele gostava de dizer, "do jeito que você come."

Dr. Pat examinou as marcas nos braços dela, silenciosamente traçando as formas que tinham se formado ali. "Você fica desorientada?"

Schuyler deu de ombros. "Às vezes."

"Como se não pudesse lembrar onde você está ou onde você esteve?"

"Uhum."

"Você já sentiu como se estivesse sonhando mas você não está?"

Schuyler amarrou a cara. "Eu não sei o que você está dizendo."

"Quantos anos você tem?"

"Quinze."

"No tempo certo então," Dr. Pat murmurou. "Mas sem memórias antigas voltando ainda. Hmmm."

"Desculpe?"

Ela subitamente se lembrou daquela noite do Banco.

Oliver tinha ido pegar bebidas, e ela pediu licença para ir no banheiro feminino. Mas quando ela virou a esquina, ela bateu de frente naquele homem estranho. Ela só viu ele por um momento - um homem alto, com amplos ombros, usando um terno escuro - seus brilhantes olhos cinzentos encararam ela da escuridão. Então ele tinha desaparecido, embora houvesse apenas uma parede em branco onde ele estava encostado. Tinha alguma coisa antiga e remota sobre ele, e ela não conseguia saber o que era, mas ele lhe pareceu familiar. Ela não sabia se isso era algo para se contar a Dr. Pat, então ela não mencionou isso.

A médica tirou um papel e começou a rabiscar sobre ele. "Eu vou te dar um creme pra cobrir suas veias por agora, mas realmente, não é nada para se preocupar. Vejo você na primavera."

"Por que? Vai acontecer alguma coisa na primavera?" Mas a médica não diria.

Schuyler deixou o consultório com mais perguntas do que tinha respostas.

Não importava quando Mimi se sentia chateada, ela ia pro shopping. Era a sua reação natural para qualquer experiência emocional intensa. Alegre ou triste, depressiva ou triunfante, ela só podia ser achada em um lugar. Ela saiu intempestivamente do

consultório médico, pegou o acarpetado elevador para o térreo, e andou pela Madison (n.t.: avenida Madison.) para os céus da Barney's. Mimi amava a Barney's. Barney's era para Mimi como Tiffany's era para Holly Golightly (n.t.: personagem de Audrey Hepburn em *Bonequinha de Luxo.*), um lugar onde nada terrível nunca podia ser autorizado a acontecer. Ela amava as limpas linhas dos bonitos contadores, os embutidos de madeira clara, os recipientes de vidro exibindo minúsculas, requintadas e exorbitantemente caras jóias, pequena seção de bolsas de mão italianas, tudo tão limpo e moderno e perfeito.

Era um ótimo antídoto para tudo que aconteceu - porque claro, Aggie continuava morta. Isso era o que assustava ela mais.

A morte dela significava que tinha alguma coisa O Comitê estava escondendo deles. Essa coisa era algo que eles não sabiam, ou alguma coisa que os Wardens não estavam dizendo. Ela não queria questionar eles, mas era enlouquecedor quando seu pai não estava vindo com nenhuma resposta.

E aquela garota Van Alen - a que tinha a assustadora avó - aparecendo no consultório da Dr. Pat daquele jeito. Tinha alguma coisa naquela garota que ela não gostava, e não só porque Jack parecia estar interessado nela. Uma onda de revoltinha lavado ela quando viu os dois juntos, e ela queria exorcisar o mal estar remanescente que fez ela sentir como se estivesse vomitando. Ela queria que o seu irmão parasse de sair com magricelas segundo-anistas como Schuyler Van Alen. O que tinha de errado com ele? Uma mulher com um lustroso terninho e calças se aproximou de Mimi com deferência. "Gostaria de ver alguma coisa que eu tenha separado para você, Senhorita Force?"

Mimi deu de ombros. Ela seguiu sua vendedora pessoal para o provador privado nos fundos que era reservado para os VIPs e as celebridades. Era um quarto circular, com divãs de camurça, um pequeno bar, e uma mesa de buffet acolhedora. No meio do quarto tinha uma prateleira de roupas que sua vendedora tinha selecionado especialmente para ela.

Ela pegou um morango mergulhado no chocolate de uma bandeja de prata e mastigou-o lentamente enquanto ela examinava as prateleiras. Ela já tinha feito suas compras de outono naquele Agosto, mas não iria doer ver se ela tinha perdido alguma tendência. Ela acariciava uma bata redonda Lanvin dourada, um casaco tosado Prada, e um vestido de coquetel floral Derek Lam.

"Eu vou pegar esses," Mimi disse. "E o que nós temos aqui?" ela arrulhou, achando um tufo de chiffon sobre um cabide acolchoado.

Ela levou o vestido para o provador e emergiu poucos minutos mais tarde em um vestido de seda Roberto Cavalli com uma devastadora estampa de leopardo.

Ela olhou para si mesma no espelho. O vestido era cortado do pescoço até o umbigo, revelando sua pálida, cor-de-marfim pele, e terminando em uma névoa de penas que descia pelas suas pernas (n.t.: no original tinha algo como 'descia pelos seus bezerros' dai eu tentei normalizar, fiz o que pude.)

"Bellissima."

Mimi olhou para cima. Um lindo italiano estava encarando ela, os olhos dele repousando sobre o seu colo exposto.

Ela se cobriu com as mãos e exibiu suas costas cheias de curvas para ele. Sua calcinha preta espreitava acima da abertura do vestido. "Puxa o zíper pra mim?"

Ele andou até ela e pôs o dedo por debaixo da alça da sua tanga, acariciando o tecido de renda. Sua pele ardeu com arrepios pelo toque dele. Ele afagou a crescente parte inferior das suas costas, parendo bem em cima do quadril inferior. Ele riu pra ela no espelho e ela voltou sem chamá-lo. Ele parecia estar nos jovens vinte anos, no máximo vinte e três.

Um Patek Philippe dourado reluzia no seu pulso. Ela reconheceu ele das páginas da sociedade. Um playboy famoso em Manhattan, que tinha rumores de ter enviado metade das garotas de sociedade que tinham CEP 10021 para terapia (n.t.: imagino que o CEP comece assim em nova york, ou então nos bairros ricos de nova york)

"Esse vestido é desperdiçado com você aqui", ele disse, enquanto puxava lentamente o zíper para baixo.

Mimi deu um passo para trás, arqueando o pescoço e observando como o vestido mal cobria os mamilos dela. O colo do tamanho definido.

"Então por que não vamos para outro lugar?" Mimi perguntou, seus olhos cintilando perigosamente. Ela podia sentir o sangue debaixo da pele dele, quase sentir o gosto da rica, deliciosa, polpa nas suas veias. Não era de se admirar que ela estava se sentindo irritável e fraca - com toda a distração do funeral de Aggie, ela mal tinha tido algum tempo para um novo garoto.

Algumas pessoas provavelmente iriam advertir uma garotinha a não entrar num Lamborghini de um estranho.

Mas enquanto Mimi seguiu as pernas dele para dentro do assento do passageiro, suas compras pretas da Barney's guardadas no porta-malas com segurança, ela só podia sorrir para si mesma. Ela ainda estava usando o vestido Roberto Cavalli.

Ele embalou o motor e apertou o acelerador, mudando rapidamente os ares de modo que o cenário eram carros esportes amarelos correndo em Madison. Ele olhou para ela com uma fome predatória, e quando ele colocou seu braço direito em volta do seu encosto, ele repousava uma mão pesada no seu ombro.

Ao invés de protestar, Mimi conduziu sua mão mais para baixo, para que ele repousasse sobre seu busto, sentimento exaltado quando ele apertou seu peito através do fino tecido com uma mão, e com a outra, manobrando o carro habilmente pela avenida.

"É bom, sim?" ele perguntou com um pesado sotaque italiano.

"Muito bom." Ela lambeu os lábios devagar.

Ele não tinha idéia de onde ele tinha se metido.

DOZE

"Me diga de novo o que aconteceu."

Bliss sentou no sofá reclinável de couro branco no consultório da Dr. Pat. Os pais dela marcaram a consulta depois que ela acordou eles noite passada, pondo seus pulmões pra fora de tanto gritar.

"Ontem, você estava no templo," Dr. Pat estimulou.

"Certo. A ala egípcia no Met," Bliss concordou. "Ele tirou as mãos dos meus olhos, e eu vi o templo." Ela estava sentada em um sofá de fibras brancas Eames em uma sala de tratamento. Ela não estava certa de que tipo de médico "Dr. Pat" era. Paredia com um consultório de dermatologia, mas ela também via muitas mulheres grávidas fazendo ultrassons nos outros quartos.

"Sim, você disse isso."

"E então - " Ela corou. "Eu acho que ele estava a ponto de me beijar. Eu acho que ele me beijou, mas então, eu não sei - eu apaguei. A próxima coisa que eu soube, eu estava simplesmente andando com ele pela American wing olhando móveis."

"E isso é tudo que você se lembra?"

"Eu lembro de gritos."

"Você estava gritando?"

"Não, alguém estava gritando. Longe." Bliss disse. Ela olhou ao redor no consultório da Dr. Pat. Era o mais limpo, o mais branco consultório que ela jamais tinha ido. Ela notou que mesmo os instrumentos médicos brilhavam e estavam artisticamente arranjados em depósitos italianos de vidro.

"Conte-me sobre isso."

Bliss corou. Ela não tinha decidido revelar o que tinha incomodado ela tanto. Os seus pais já achavam que ela estava louca - e se Dr. Pat também?

"Bem, foi bem estranho, mas, de repente, eu estava fora do templo, quando ele estava completo. No Egito, quer dizer. O sol estava realmente brilhante, e o templo - não era uma ruína. Estava completo. E eu estava lá. Era como, estar dentro de um filme."

De repente Dr. Pat sorriu. Foi tão inesperado, que Bliss se achou rindo de volta. "Eu sei que isso soa insano, mas eu senti como se fosse transportada de volta no tempo."

Agora Dr. Pat estava definitivamente alegre. Ela fechou seu notebook e pôs ele longe.

"O que você está vivenciando é perfeitamente normal."

"É?" Bliss perguntou.

"Síndrome da memória regenerativa."

"O que é isso?"

Dr. Pat deu uma enorme explicação sobre os efeitos das "fenômeno da reestruturação do conhecimento na célula", um evento cataclísmico no cérebro que produzia o subsequente efeito "deformação-temporal". A explicação dela passou completamente sobre a cabeça de Bliss. "É como déjà vu. Acontece até com os melhores de nós."

"Eu imagino. Então eu não sou louca? Outras pessoas já tiveram isso?"

"Bem, não todo mundo," Dr. Pat respondeu duvidosamente. "Mas algumas pessoas."

Pessoas especiais. Você devia ter contado aos seus pais sobre isso mais cedo. Você tem uma reunião do Comitê na segunda, certo?"

Como Dr. Pat sabia sobre o Comitê?

Ela deu de ombros.

"Tudo vai ser explicado no tempo certo. Por agora, não dê a isso mais outro pensamento."

"Então não tem nada de errado comigo?"

"Absolutamente nada."

Mais tarde naquela noite, Bliss acordou com dor de cabeça aborrecedora. Onde eu estou? ela pensou. Ela sentia como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Seu corpo parecia alagado e pesado, e sua cabeça estava grogue. Ela olhou para o relógio do lado da sua cama.

Brilhou mostrando 11:49 P.M.

Com esforço, ela se puxou para uma posição sentada. Ela pôs uma mão na testa. Ela estava quente, queimando. A batida na sua cabeça era impiedosa. O seu estômago roncou. *Faminta.*

Ela colocou os pés fora da cama e se içou até levantar. Não foi uma boa idéia. Ela estava tonta e doente. Ela agarrou a cabeceira da cama e a escalou até o interruptor de luz. Quando ela conseguiu ligar a luz, o seu quarto estava repentinamente iluminado. Tudo estava como ela tinha deixado - a espessa carta do Comitê e formas espalhadas pela sua mesa, o livro de alemão aberto na mesma página, suas canetas dispostas organizadamente na sua caixa de lápis, um divertido ímã Stetson dos amigos para que ela voltasse para casa no Texas, uma fotografia emoldurada de sua família passos longe do Capitólio quando seu pai foi ser empossado no Senado.

Ela piscou e abaixou seus cachos, que, pela experiência, ela sabia que estavam pulando em todas as direções.

Faminta.

Era uma escura, duradoura dor. Uma dor física. Essa era nova. Dr. Pat não disse nada sobre *isso*. Ela apertou seu estômago, sentindo náusea. Ela saiu do quarto para o corredor escuro, seguindo as luzes fracas da cozinha.

A cozinha de aço inoxidável deles parecia severa na meia noite pela luz das lâmpadas de fora. Bliss olhou seu reflexo em todas as superfícies - uma alta, desengonçada menina com cabelos assustadores e uma expressão sombria.

Ela abriu a porta do congelador. Dispostas ordenadamente em filas estavam garrafas de Vitamin Water, Pellegrino, e Veuve Clicquot. Ela abriu as gavetas furiosamente. Fruta fresca, cortada e guardada em tapauers. Iogurte. Grapefruit metade comida coberta por celofane. Recipientes de papelão branco com sobras de comida chinesa.

Nada bom.

Fammmminnta.

Na gaveta de carne, ela achou. Um recipiente de carne de hambúrguer crua. Ela tirou-o

da geladeira e rasgou o papel pardo. Carne. Ela enfiou seu rosto nos sangrentos pedaços de carne moída, devorando aquilo vorazmente, de modo que o sangue no seu queixo gotejava.

Ela praticamente engoliu tudo.

"O que você está fazendo?"

Bliss congelou.

Sua irmã, Jordan, em um pijama de flanela cor de rosa, estava na porta da cozinha, assistindo ela.

"Está tudo bem, Jordan." BobiAnne subitamente apareceu das sombras. Ela estava fumando um cigarro no canto. Quando ela exalou, o fumo enrolou-se nos cantos dos seus lábios. "Vá para a cama."

Bliss pôs o pacote de carne no balcão.

Ela limpou sua boca com um guardanapo. "Eu não sei o que deu em mim. Eu só estava com fome."

"Claro que você está, querida," BobiAnne concordou, como se fosse a coisa mais normal do mundo encontrar sua enteada comendo um pedaço de carne de hambúrguer cru direto do freezer às três da manhã. "Tem alguns bifes de filé no segundo pacote. No caso de você ainda estar com fome."

E com essas palavras, BobiAnne deu seu boa noite a ela.

Bliss pensou nisso por um momento, imaginando se o mundo tinha ficado louco. Dr. Pat dizendo a ela que sua experiência de fora-do-corpo, fora-do-seu-tempo era apenas "uma dessas coisas," sua madrasta nem piscando um olho ao vê-la coberta de sangue na cozinha. Ela contemplou por um momento. Então ela achou a caixa de bifes e comeu eles, também.

Consumo. Sintomas incluem uma febre alta, desmaio, tontura, tosse (até de sangue), e a acumulação de fluidos nos pulmões. Durante os primeiros anos de colônia americana em Plymouth, um elevado grau de Consumo foi a causa de muitas mortes. "Consumo completo" era o termo para uma pessoa que morreu com tudo isso ou seu sangue drenado do corpo. Teorias sugerem que uma infecção bacteriana quebrou as plaquetas, aparando o sangue e absorvendo isso pelo corpo para que ele apenas parecesse que todo o sangue tivesse desaparecido.

- Do livro *Vida e morte nas colônias de Plymouth, 1620-1641* pelo Professor Lawrence Winslow Van Alen.

TREZE

No outro dia, toda a escola foi chamada na capela de novo, mas por uma razão menos sombria. Era uma Palestra sobre Carreira. Mesmo o lamentável falecimento de um dos

alunos não podia mudar o cronograma de palestras que a escola tinha planejado para esse ano. Parte da filosofia da Duchesne era expôr seus alunos as muitas oportunidades de carreira e os caminhos que estão à disposição. Eles tinham conversas com um famoso cirurgião cardíaco, o editor de uma prestigiada revista, o principal executivo da companhia Fortune 500, um diretor de filmes famoso. A maioria dos adultos que vinha dar as palestras eram ex-alunos da Duchesne, ou parentes de alunos. Muitos dos estudantes agradeciam pela uma-hora-e-meia de intervalo no dia deles, desde que isso significasse que eles podiam tirar uma soneca nos bancos de trás, o que era mais confortável do que cair no sono na classe.

"Nós temos um visitante especial pra vocês hoje," A Reitora anunciou. "Hoje nós temos Linda Farnsworth, da companhia Farnsworth Models." Um murmúrio de aprovação e excitação passou pela assembléia.

Farnsworth Models era o maior nome na mortal indústria de modelagem. A bianual Palestra na Duchesne era só uma desculpa para achar o mais novo lote de modelos oculto no corpo estudantil. Um incongruente, mas incostestável fato era que Duchesne era um terreno fértil para o talento de modelos na cidade. Alunos que mexeram seus quadris em clipes musicais, andaram em passarelas no Bryant Park, e apareceram em comerciais e publicidade impressa. Um enorme número aparecem nos catálogos da J. Crew e Abercrombie & Fitch. O tipo Duchesne - alto, esbelto, loiro, aristocrático, e completamente americano, estava sendo mais procurado que nunca.

Linda Farnsworth era uma pequena, atarracada mulher com cabelo repicado e uma aparência deselegante. Ela usava óculos meia-lua, e sua voz tremeu no microfone enquanto ela explicava o que estava 'por dentro' e o que estava 'por fora' da indústria de modelagem.

Ela exaltou as virtudes (Glamurosas sessões de fotos! Viajar para lugares exóticos! Ótimas festas!), e ao mesmo tempo enfatizou o trabalho muito duro que era fazer as fotos ficarem perfeitas. Houveram simples educados aplausos quando ela terminou. Quando a palestra formal terminou, Linda criou uma banca para selecionar as novas modelos no patamar do terceiro andar e convidou todos os alunos interessados a participar. Quase todas as garotas e até alguns garotos esperaram em fila para ver se eles iriam conseguir.

Depois que um bando de calouros mal-humorados foram postas de lado, Mimi passou a frente. Ela tinha se vestido especialmente bem para a ocasião, em uma minúscula blusa adaptada C&C California e baixos, recém-lançados jeans Paige. Ela ouviu que modelos deviam se vestir o mais simples possível para audições, uma tela em branco em que os anunciantes e designers poderiam facilmente projetar suas visões. Noite passada, ela tinha deixado o italiano exausto no seu apartamento na cobertura, ela mesma se sentindo revigorada e alegre.

"Ande até o fim da escadaria e volte, por favor," Linda cacarejou em aprovação quando Mimi entrou como um furacão para cima e para baixo até dar um pirueta no fim dos

degraus.

"Você tem as proporções ideais minha querida, e uma habilidade natural. Um andar famuloso é o que tudo isso é, você sabe. Me diga, você está interessada em ser uma modelo?"

"Claro!" Mimi gritou, batendo suas mãos juntas, deliciada por ter sido escolhida. Foi o tempo que ela aderiu as fileiras da modelagem profissional!

Bliss era a próxima. Ela galopou pra cima e pra baixo no corredor, mexendo os braços. Ela ainda se sentia enjoada pensando sobre o pacote de hambúrguer que ela empurrou pra dentro na noite passada, ainda que comendo aquilo fez ela se sentir melhor. Ela ainda achava estranho que BobiAnne parecesse ver todo o incidente como normal.

"Andar um pouco duro, querida, mas que pode ser ensinado. Sim, nós provavelmente precisamos de você na Farnsworth," Linda decidiu.

Mimi e Bliss se abraçaram em alegria. Bliss viu Dylan assistindo eles do canto do grande hall. Ela tentou sorrir pra ele. Ele sorriu de volta pra ela. Ela esperava que ele não tivesse notado nada estranho nela enquanto eles estavam no Met. Dr. Pat tinha explicado que durante a Síndrome da Memória Regenerativa, parte dela estava no presente, mas a parte que estava consciente estava no passado. Os desmaios de memória não iriam durar tanto - talvez quatro, cinco minutos no máximo. O que incomodou ela foi que a parte que se lembraria se eles se beijaram ou não estava ausente nesse ponto crucial. Ela não sabia nem como agir perto dele - eles estavam namorando ou o que? Só amigos? Foi enlouquecedor pra ela não saber onde estava com um rapaz que ela gostava. Ok, então aqui estava. Ela gostava dele. Ela gostava tanto dele que ela estava até começando a não se importar sobre o que Mimi ia pensar sobre os dois ficando juntos.

Bliss olhou para Mimi ligeiramente ressentida. Mesmo que ela tivesse ganhado sua vida social e seu atual status com Mimi, ela estava frustrada de ter que responder a ela por tudo.

O sinal para a próxima classe soou, e uma apressada garota correu da estação de modelagem sem nem olhar para recolher informações. Schuyler dormiu durante toda a palestra, já que ela mal dormiu na noite passada.

Linda Farnsworth parou ela no meio do seu caminho acabando com seus devaneios.

"Olá! E quem seria você?"

"Schuyler Van Alen?" Schuyler respondeu. Por que ela fez isso? Por que ela não podia ser mais confiante? "Digo, eu sou Schuyler," ela disse, freneticamente tirando a franja dos olhos.

"Está interessada em ser uma modelo?"

"Ela - uma modelo?" Mimi cuspiu do canto que ela estava preenchendo o contrato do cliente da Farnsworth. Ela deu uma olhada em Schuyler sinistramente.

"Shhh," Bliss disse, embaraçada o suficiente para acotovelar Mimi, para variar.

Schuyler ouviu o que elas disseram.

Ela olhou pra baixo para o que ela estava usando, meias pretas rasgadas continuando pelos dois joelhos (já ganhando para ela um demérito no código de vestimenta), um vestido-vovozinha com um frouxo encaixe floral com uma queda na cintura, meias cinza sujas porque ela não conseguiu achar as pretas, seus tênis furados, e um óculos de meia-lua. Mais, ela não tinha lavado seu cabelo em semanas. Não era como se ela quisesse ser uma modelo, então Mimi não tinha nada pra se preocupar. Uma parte secreta dela estava desesperadamente lisonjeada, embora ela tentasse não ser excessivamente vaidosa sobre seu aspecto.

"Não, acho que não," Schuyler responder, sorrindo apologeticamente.

"Mas você parece com uma jovem Kate Moss!" Linda Farnsworth argumentou. "Posso tirar uma foto?"

Linda tirou a foto com sua câmera antes que Schuyler pudesse protestar.

Schuyler piscou. "Ok..."

"Escreva o seu número aqui. Você não precisa assinar, mas se nós acharmos um designer que queira usar você, eu te ligo, está bem?"

"Eu acho." Ela concordou, rabiscando seu número sem um segundo de hesitação. "Olha, eu realmente preciso ir."

Mimi riu de Schuyler e foi embora, seu nariz no ar. Bliss voltou e pegou o olhar de Schuyler. "Parabéns, a propósito," Bliss disse quietamente. "Eu fui escolhida também."

"Uh, sim, obrigada, eu acho," Schuyler disse, chocada que alguém que saía com Mimi Force falasse com ela.

"Está indo para Arte?" Bliss perguntou de um jeito amigável.

"Er..." Schuyler hesitou, incerta sobre o que aquela garota texana queria. Para sua sorte, ela notou Oliver perto da fonte d'água e saiu de perto de Bliss sem outra palavra.

"Ei você," ela disse.

"Oh, hey, Sky," ele cumprimentou ela, colocando um braço ao redor dos magros ombros dela. Eles subiram as escadas escondidas no corredor da administração para o sótão para a aula de arte. Dylan já estava lá e rindo deles de trás da sua roda de cerâmica. Ele tinha um avental em torno de sua cintura e suas mãos estavam cobertas de lama até os cotovelos.

"Vocês não adoram ficar sujos?" ele perguntou.

Eles riram em silêncio aprovativamente e se sentaram cada um de um lado dele.

Schuyler pegou seu cavalete e Oliver pegou suas xilogravuras (n.t.: pelo sentido da palavra, é como se fossem coisas gravadas na madeira, ou esculturas, algo assim).

Nenhum deles notou Bliss Llewellyn do outro lado da sala, olhando os três intensamente.

Entre pinceladas, aconteceu de Schuyler olhar para cima e ver Jack Force inclinado na mesa de Kitty Mullin, admirando sua escultura de um gato siamês. Ela notou um revelador chupão no pescoço de Kitty.

Ela não foi a única que viu eles. Oliver levantou as sombrancelhas mas não fez nenhum

comentário, e ela estava feliz por isso. Ela adivinhou que Jack tinha achado uma namorada. Schuyler imaginou se ele estava passando as notas oblíquas dele pra *ela* na sala de aula. Huh. Com essa com certeza não tinha tido tempo. Ela sentiu uma onda de irritação pinicando na sua consciência, mas ela jogou isso longe. Oliver fez uma mímica cortar as costas de Jack com um machado invisível. Ela abafou uma risada e pôs Jack fora da mente dela de uma vez por todas.

QUATORZE

Bibi olhou por cima da sua tela. O professor de arte deles estava gesticulando efusivamente sobre a sua paisagem, mas ela não estava ouvindo. Seu olhar continuava indo em direção ao outro lado da sala, onde Dylan estava sentado.

Ele não tinha nem dado uma indicação que ele notou ela. Claro, ele era perfeitamente amigável sempre que eles se esbarravam. E esse era o problema - ele era apenas amigável. Talvez eles não tivessem nem se beijado no Met naquela tarde no final. Talvez nada tivesse acontecido. Talvez ele perdeu o interesse, que era um golpe para o seu ego tanto quanto para sua mente.

Isso era tão injusto, especialmente agora que ela estava totalmente obcecada por ele. Ela estava começando a pensar nele demais para apenas um casual amigo-que-não-estava-nem-na-dela. O ator ligou, o modelo implorou por um encontro, mas tudo que ela podia pensar era o jeito que as escuras costeletas de Dylan cacheavam ao redor das orelhas, e o jeito que ele olhou pra ela com seus grandes, tristes olhos. Ela podia dizer que ele era o tipo de garoto que quebrava as regras e não deixava nada acontecer, e ela gostava disso nele. Excitava ela.

Ela observava ele interagir com os amigos - aquela menina gótica que tinha acabado de ser escolhida como modelo, e aquele bonitinho, magro garoto com o cabelo desgrenhado - e sentiu uma dor cruciante de inveja. Dylan estava fazendo palhaçadas ao redor, jogando barro neles, mas eles não pareciam ligar. Os três pareciam estar tendo muita diversão.

Quando a aula terminou, tinha um estrangulamento na porta - já que a escadaria era tão estreita, todo mundo tinha que ir na mesma fila. Bliss se achou parada bem do lado de Dylan. Ela sorriu pra ele timidamente. "Hey."

"*Après vous, Madame*," ele disse galantemente, oferecendo-a o caminho.

Ela acenou agradecendo, demorando-se para ver se ele iria dizer alguma coisa a mais - talvez até convidá-la pra sair de novo. Mas ele não disse uma palavra.

Ela desceu as escadas sozinha enquanto ele esperava pelos amigos. Ela se sentiu derrotada.

Depois do almoço com Mimi e seu séquito, Bliss andou até o porão para pegar livros para sua próxima aula. Ela achou Schuyler se trocando para sua aula de ginástica no corredor, parada bem em frente ao seu armário, enquanto um monte de outras crianças

faziam o mesmo, meninas e meninos em vários estágios de nudez.

A escola era uma mistura estranha de luxúria e pobreza - em uma mão, estava o teatro da aula de artes cênicas, completo com assentos de auditório para duzentas pessoas, mas não tinha um vestiário porque eles não cabiam na mansão. Estudantes eram encorajados a se trocar nos banheiros, mas já que eles tinham apenas cinco minutos para fazê-lo, a maioria ignorava as regras e se trocava no corredor para poupar tempo. As garotas tinham aperfeiçoado a manobra removendo-o-sutiã-pelo-buraco-da-manga-e-colocar-em-um-sutiã-esportivo-ao-mesmo-tempo-que-escondendo-dentro-da-camiseta-grande. Os meninos nem sequer piscavam.

Uma das coisas mais sarcásticas sobre Suchesne era que já que todos eles se conheciam desde o jardim de infância, uma camaradagem de irmãos prevaleceu. O striptease adolescente só incomodava o corpo docente, especialmente o errante professor de história que por acaso achou metade da classe primeiro-anista nua no corredor, dar maliciosas risadinhas - mas não tinha nada que eles podiam fazer para parar isso. Se vestir em público era só uma das coisas estranhas que era parte da vida em Duchesne. "Hey, eu posso falar com você por um minuto?" Bliss perguntou, se apoiando contra um armário e observando enquanto Schuyler desaparecia dentro de um moletom maior que ela. Sendo nova, Bliss era uma das poucas garotas que usava o banheiro para se trocar. Ela não conseguia se sentir tão confortável quanto todo mundo fazia. Mimi, por sua vez, gostava de desfilar no seu sutiã La Petite Coquette como se estivesse andando na praia em St. Tropez.

"Mfff?" Schuyler perguntou, uma bata por debaixo do tecido, seus cotovelos apontando para todos os lados e para cima na tentativa de se enviar na sua própria roupa de ginástica. Ela tirou o moletom com um floreio e emergiu em uma blusa maior que ela e folgadas calças de moletom.

"O que está na sua mente?" ela perguntou a Bliss, um pouco cautelosa com relação a ela.

"Você é amiga de Dylan Ward, não?"

Schuyler deu de ombros. "Sim. O que tem?" Ela verificou seu relógio. O segundo sinal ia tocar logo, e os garotos da sua aula já estavam se apressando pelas escadas para o ginásio mais acima.

"Eu só - você conhece ele bem?"

Schuyler deu de ombros novamente. Ela não estava certa do que Bliss estava perguntando. Claro que ela conhecia ele bem. Ela e Oliver eram seus únicos amigos.

"Eu ouvi rumores," Bliss disse, olhando ao redor para ver se alguém estava ouvindo a conversa.

"Oh, sim, o que?" Schuyler levantou as sobrancelhas. Ela jogou de qualquer jeito seu moletom no seu armário.

"Bem, que ele estava envolvido em algum acidente com alguma garota em Connecticut nesse verão - "

"Eu não ouvi nada sobre isso," Schuyler disse, cortando ela. "Mas as pessoas por aqui falam sobre todo mundo. Você realmente acredita nessa história?"

Bliss pareceu chocada. "Não mesmo! Eu não acredito nem um pouco."

"Olha, eu deveria ir," Schuyler disse bruscamente, pegando sua raquete de tênis e indo embora.

"Espere," Bliss chamou, andando ao lado de Schuyler e se apressando para pegar Schuyler no topo das escadas.

"O que?"

"Eu só... digo..." Bliss encolheu os ombros. "Sinto muito sobre termos começado com o pé esquerdo. Meu erro, ok? Podemos começar de novo? Por favor?"

Schuyler estreitou seus olhos. O segundo sinal soou. "Estou atrasada," ela disse de maneira definitiva.

"É só, nós fomos pro Met outro dia e eu pensei que nós tivemos um momento realmente bom, mas eu não sei, ele não falou comigo desde então," Bliss explicou. "Você sabe se ele tem uma namorada ou algo assim?"

Schuyler suspirou. Se ela estava atrasada pra aula sua avó ia receber um bilhete.

Duchesne não tinha nada como "detenção", o único castigo era serem condenados a levar bilhetes indiscretos para pais envolvidos demais que iriam cometer suicídio se suas crianças não entrassem em Harvard. Ela olhou para Bliss, reparando no seu comportamento nervoso e sorriso esperançoso.

Relutantemente, Schuyler chegou a conclusão que talvez Bliss não fosse um desses clones de Mimi apesar de tudo. Ela não tinha os completamente retos cabelos loiros ou um desporto ou ofensiva insígnia "Equipe Force" na sua roupa de ginástica como o resto da gangue de Mimi, pelo menos. "Tanto quanto eu sei, ele não está namorando ninguém. Ele mencionou conhecer alguém na outra noite no clube..." Schuyler finalmente soltou, observando a reação de Bliss.

Bliss corou.

"Eu pensei." Schuyler deu de ombros. Contra seu melhor julgamento, ela se encontrou compadecendo-se. Se Dylan tinha levado ela pro Met, Bliss não podia ser completamente má. Schuyler não tinha certeza que Mimi ao menos soubesse o que era o Met. A vida de Mimi era ao redor de compras e entrar em salas VIP. Ela provavelmente pensava que "O Met" era algum tipo de clube noturno.

"Se você quer meu conselho, vá devagar com ele. Eu acho que ele realmente gosta de você," ela disse, dando a Bliss um simpatético sorriso afetado.

"Ele gosta? Digo, ele falou de mim?"

Schuyler rodou os ombros. "Não é realmente da minha conta," ela disse, hesitantemente.

"O que?"

"Bem, eu duvido que ele iria se importar se você convidasse ele para o baile de outono. Ele provavelmente nunca iria nem pensar em ir por ele, mas ele poderia ir se você pedisse."

Bliss sorriu. A festa era amanhã a noite. Ela podia fazer isso. Seus pais iam ter que deixar ela ir - era um evento escolar, e lá teriam obrigatoriamente toneladas de seguranças para apaziguar a ansiedade deles. "Obrigada."

Atingida pela idéia, Bliss rascunhou um bilhete rápido e rasgou o papel do seu fichário. Ela cuidadosamente removeu todas as partes rasgadas do lado, borrifou seu perfume ali, e colocou no armário de Dylan.

Ela estava chocada com sua coragem. Ela nunca teve que persuadir um garoto antes. Mas sempre tinha uma primeira vez pra tudo.

QUINZE

A festa anual de volta-as-aulas da Duchesne era chamada de "Informal" do Outono, embora fosse tudo menos informal. A festa era realizada na sede histórica da Sociedade Americana, uma grande mansão em tijolos vermelhos na Park Avenue e Sixty-eight Street. A sociedade era uma organização dedicada a manter um arquivo da nova história americana, incluindo documentos das primeiras colônias e as *Caltas* viagens. O segundo andar alojava uma livraria de painés de madeira, com um teto-barril abobadado tanto quanto aconchegantes, sociáveis salas ideais para jantar e dança. Era um popular espaço para eventos, e muitas noivas gastavam uma fortuna pelo privilégio de ter o seu casamento na Park Avenue. Mas para os alunos da Duchesne, era apenas o lugar onde eles tinham o baile escolar.

Mais cedo naquela tarde, Oliver e Schuyler estavam no quarto dele, fazendo nada como sempre - mas quando Schuyler casualmente mencionou que ela tinha ouvido que Dylan - de todas as pessoas - estava indo para o estúpido baile, Oliver veio com a idéia.

"Vamos."

"Nós? Por que?" Schuyler estava horrorizada.

"Qual é, vai ser legal."

"Não, não vai." Schuyler argumentou. "Nós indo para algum baile esnobe? Só para ver Mimi Force dominando qualquer um?"

"Eu ouvi que eles fazem uma boa *pasta*," Oliver adulou-a.

"Eu não estou com fome."

"Vá lá, o que mais nós vamos fazer?"

Depois da excitação do final de semana passado, quando eles se aventuraram no Banco, parecia um pouco estúpido ficar só sentada na cama de Oliver lendo revistas juntos.

"Tudo bem," Schuyler concordou. "Mas eu preciso ir pra casa e me trocar."

"Claro."

Quando Oliver pegou ela em casa, Schuyler estava usando um vestido de formatura de rendas pretas estilo anos cinquenta tamanho-coquetel, mimosas luvas brancas até o punho, meias arrastão, sapatos de salto com bico redondo, quase como uma piada. Ela tinha achado o vestido no eBay por trinta dólares. O vestido sem alça cabia perfeitamente em volta da sua minúscula cintura, e a saia florescia no nível dos quadris

como um gracioso sino em cima feito por camadas de saíotes de tule. Ela tinha achado o colar de pérolas da avó, com a fita preta de cetim, no fundo da sua caixa de música, e colocou-o ao redor do pescoço. Oliver escolheu um smoking de seda de um azul profundo e camisa preta e calças pretas. Ele presenteou Schuyler com um deslumbrante corsage de rosas (n.t.: corsage é uma pulseira de flores, tradicionalmente dada pelos meninos para as meninas nos bailes.)

"Onde você conseguiu isso?" Schuyler perguntou enquanto ele escorregava a pulseira em torno do seu pulso.

"Você pode ter tudo entregue em casa em Nova York." Oliver riu. Ele entregou pra ela um botão, e ela pregou ele na lapela.

"Como estamos?"

"Perfeitos," ele disse, oferecendo a ela seu braço.

Quando eles chegaram na mansão da Sociedade Americana, uma série de carros da cidade pretos lustrosos foram deixando alunos em pares. As garotas estavam em vestidos de coquetel pretos e pérolas, os garotos em blazers azuis e calças de lã. Ninguém tinha corsages. No lugar, as garotas estavam carregando lírios Calla de longa haste, que eles descuidadamente deixaram de lado quando entraram na sala.

"Eu acho que nós não pegamos o memorando," Schuyler disse sarcasticamente.

Eles subiram a escada, tentando se misturar. Muitas garotas sussurraram quando viram Schuyler no seu vestido. "Isso tem que ser Marc Jacobs," alguém sussurrou. "Parece mais como de uma loja de fantasia," sua amiga bufou. Schuyler se tornou vermelho-brilhante de vergonha.

Eles acharam Dylan no segundo andar pelo visor de cornucópia. Ele estava usando um casaco esporte de pêlo de camelo por cima de uma acentuada camisa comprida preta e bem-cortadas calças de lã. Bliss Llewellyn, a bonita ruiva do Texas, estava sentada no colo dele. Ela estava usando um pequeno vestido preto Costume National com bainha, sapatos abertos Prada, e o onipresente colar de pérolas em volta do seu pescoço de cisne.

"Hey, gente," Dylan disse, quando ele viu seus amigos. Ele balançou as mãos com Oliver e bicou Schuyler na bochecha. "Cês todos conhecem Bliss, certo?"

Eles assentiram. Desde quando Dylan dizia "Cês"? Ele devia estar mesmo na dessa garota.

"Você limpa bem," Schuyler brincou, tirando um pedaço de algodão da jaqueta de Dylan.

"Isso é Hugo Boss?" Oliver provocou, fingindo inspecionar o material.

"Sim, e não deixe isso sujo," Dylan replicou, desgostoso mas, não obstante, rindo.

Bliss sorriu alegremente para eles. Ela piscou para Schuyler. "Vestido legal," ela disse, e soou como se ela realmente quisesse dizer isso.

"Obrigada."

"Então - vocês deram uma olhada no lugar? Algumas comidas boas lá em cima," Dylan

disse.

"Não - mas nós vamos," Oliver prometeu. Eles deixaram o casal e rastejaram seu caminho de volta para a parte de cima lotada do buffet.

As salas tinham sido decoradas com luzes de natal brancas, e no fundo, tinha um elegante exibição de quentes e frios bifos assados, pratos de prata carregados com requintados hors d'oeuvres e pastéis franceses. No quarto do meio, uma suada mistura de patricinhas e mauricinhos estavam girando na batida de um rap pesado. As luzes estavam apagadas, e Schuyler só conseguia distinguir as sombras dos rostos. Ela podia ver que todos os garotos de Duchesne estavam carregando pequenos cantis com álcool de prata da Tiffany que estavam presos nas laterais dos bolsos das calças.

Ocasionalmente, eles iriam furtivamente tomar um gole ou colocar um pouco de álcool no copo dos seus pares. Até Oliver tinha trazido o seu cantil desenhado.

Tinham muitos professores vigiando, mas ninguém parecia notar, ou se importar com a bebedeira encoberta.

"Quer um gole?"

"Claro," Schuyler disse, tirando o cantil da mão dele. O licor estava quente e bateu nas costas da garganta dela. Sua cabeça zumbiu por um minuto, e ela tomou mais dois goles.

"Devagar aí! Isso é muito forte," (n.t.: na verdade, no original estava escrito 'prova 181', que é como eles dizem o quão forte uma bebida é) Oliver avisou. "Você vai desperdiçá-lo," ele disse alegremente.

Mas Schuyler se sentiu tão sóbria quanto antes, embora ela sorrisse e fingisse que sentia os efeitos.

Eles ficaram timidamente na borda da festa, cuidando os copos prata de ponche de fruta orgânico, tentando fingir que não importava a nenhum deles que ninguém tivesse chamado eles ou dito olá ou feito alguma indicação de que eles eram bem-vindos no evento. Schuyler olhou em volta para os grupos aconchegantes formados em volta das mesas de coquetel, fumando no balcão, ou posando para as fotos na frente do piano, e percebeu que, mesmo que ela tivesse conhecido a maior parte dessas pessoas por quase toda a vida dela, ela não pertencia a lugar nenhum. Era incrível como até mesmo Dylan tinha arranjado um jeito de achar um lugar pra ele mesmo, com nada menos que uma namorada popular, enquanto ela e Oliver foram apenas deixados um para o outro mais uma vez.

"Quer dançar?" Oliver perguntou, apontando com o polegar para a sala escura.

Ela balançou a cabeça. "Nah."

"Quer ir em vez disso?" Oliver perguntou, tendo chegado a mesma conclusão. "Nós podemos voltar para o Banco - aposto como eles estão tocando músicas melhores.

Schuyler estava dividida. Em uma mão, ela e Oliver tinham todo o direito de estarem ali - eles eram alunos da Duchesne, também - mas na outra mão, talvez fosse melhor se eles apenas escapassem silenciosamente; e talvez com alguma sorte ninguém iria notar que

eles estiveram lá absolutamente.

A boca de Oliver se torceu em um sorriso tenso. "Isso é minha culpa."

"Não - de jeito nenhum. Eu queria estar aqui," Schuyler protestou. "Mas você está certo, nós provavelmente deveríamos ir."

Eles desceram a grande escadaria acarpetada com um tapete vermelho, onde Jack Force estava no último degrau, falando com Kitty Muffins. Schuyler segurou sua respiração e andou em direção a porta da frente sem olhar pra ele. Ela apertou o braço de Oliver firmemente.

"Indo tão cedo?" Jack falou.

Ela se virou. Kitty Mullins tinha ido embora, e Jack estava encostado contra o balaústre completamente sozinho. Ele estava usando uma camisa branca com o punho francês feito sob encomenda, com a frente presa dentro mas a barra da camisa tipicamente fora, com calças cáqui amassadas e um blazer de marinheiro descuidadamente não abotoado. A gravata dele estava torta e ele não parecia nada menos que um recém-morto maravilhoso. Ele perdia tempo com a linha da manga do seu punho direito.

"Nós estávamos indo." Ela deu de ombros, sorrindo contrariando a si mesma.

"Por que você não fica?" Jack perguntou, sorrindo de volta e olhando direto nos olhos dela. "Você pode se divertir."

Por um momento, Schuyler esqueceu que Oliver estava parado bem ao seu lado, então quando ele falou, ela estava espantada. Oliver olhou pra ela, seu rosto deliberadamente em branco. "Eu acho que vou pegar outro drink. Quer ir comigo?"

Schuyler não respondeu, e por um interminável momento, os três ficaram em um desajeitado triângulo. "Eu, ah, não estou com sede, então eu te alcanço mais tarde, Ollie. Tudo bem?" ela fez como um pedido.

Oliver amarrou a cara, mas ele não protestou, e andou rapidamente de volta pelas escadas.

Schuyler cruzou os braços. O que era aquilo em Jack Force? Toda a semana depois que eles tinham se falado no funeral, ele mal disse uma palavra para ela, mas agora ele estava indo atrás dela de novo? Por que ela ainda se incomodava de dar a ele o horário do dia?

Jack subiu e colocou um braço ao redor dela. "Vamos lá, vamos dançar. Eu acho que eu ouvi minha música."

Ela se permitiu ser levada pelas escadas, e dessa vez, cabeças viraram quando a multidão espiou os dois entrando na sala. Schuyler notou a admiração invejosa das garotas, e muitos garotos deram a ela um olhar respeitável. Ela tinha sido invisível um minuto atrás, mas estar na presença de Jack mudava tudo isso. Ele puxou ela pra mais perto, e ela seguiu a música. O quarto estava mudando para a sexy, hipnótica batida da Muse, "Time Is Running Out." *Eu acho que estou me afogando, asfixiado...* Ela arrastou seu corpo para junto do dele, sentindo esferas de suor e transpiração na camisa dele que o calor entre eles estava gerando.

DEZESSEIS

Os pais dela estavam no seu caminho de saída. Mimi ficou no seu quarto e ouviu o som dos saltos da mãe no chão de mármore, seguidos pelos passos mais pesados do seu pai. "Oi, baby," Trinity chamou-a, batendo na porta da sua filha. "Papai e eu estamos indo." "Entre," Mimi disse. Ela colocou seus brincos de lustre e examinou sua imagem no espelho.

Trinity abriu a porta e entrou no quarto. Ela estava usando um vestido folgado até o chão - Valentino, Mimi pensou - e usando um exuberante cachecol preto em volta dos ombros dela. Ela era uma elegante, glamurosa figura, seu longo cabelo loiro ondulando em volta da sua clavícula. Sua mãe era frequentemente fotografada pelas colunas sociais e revistas de moda.

Seus pais estavam indo para algum baile de caridade. Eles estavam sempre fora. Mimi não conseguia se lembrar da última vez que os dois estavam em casa para o jantar. Algumas vezes semanas passariam até que ela pudesse ver eles. Sua mãe passava seus dias no salão de beleza, a academia, o consultório da psicóloga, ou butiques da Madison Avenue; e seu pai estava sempre no escritório, trabalhando.

"Não fique fora até muito tarde," Trinity advertiu, beijando sua filha na bochecha.

"Você está adorável, a propósito. É aquele vestido que eu comprei para você?"

Mimi assentiu.

"Um pouco demais com os brincos, no entanto, não acha?" sua mãe sugeriu.

Mimi se sentiu aborrecida. Ela odiava ser criticada. "Eu acho que eles ficam bem, Mãe."

Trinity deu de ombros.

Mimi notou seu pai parado na porta, parecendo impaciente. Ele estava falando acaloradamente no seu celular. Ultimamente, seu pai parecia mais distraído que o normal. Alguma coisa estava incomodando ele, ele estava preocupado e esquecido. Outro dia eles chegaram em casa horas depois do toque de recolher, mas seu pai, que tinha pego ela esgueirando-se pela cozinha enquanto ele estava reenchendo seu aperitivo de conhaque, não disse uma palavra.

"Cadê o Jack?" sua mãe perguntou, olhando em volta como se Jack pudesse estar escondido debaixo da penteadeira.

"Já está lá," Mimi explicou. "Meu par está atrasado."

"Bem, divirta-se," Trinity disse, afagando a bochecha de Mimi. "Não entre em muitos problemas."

Mimi se olhou no espelho de novo. Por alguma razão, toda vez que seus pais diziam seu adeus pela noite, ela se sentia desolada. Abandonada. Ela nunca se acostumava a isso. Ela tirou os brincos de lustre. Sua mãe estava certa, eles eram demais para o vestido. Não muito depois que seus pais saíram, o italiano chegou. Ele era distintamente um homem mudado do dia que eles se conheceram na Barneys. Seu comportamento

arrogante se fora, assim como o sorriso predador. Ela tinha sugado isso dele. Era Mimi que estava no controle. Ela tinha quase que se enchedo dele - ele era tão fácil. Ninguém se igualava a ela.

"Eu dirijo," ela disse, tirando as chaves do bolso dele. Ele não protestou.

Era apenas uma pequena distância até a Sociedade Americana, mas Mimi passou de alguns sinais vermelhos no caminho de qualquer jeito, fazendo uma ambulância se desviar para o lado para evitar um acidente.

Ela dirigiu até a tenda, onde o porteiro estava esperando. Eles desembarcaram do carro, e Mimi jogou as chaves para o valete. O italiano seguiu ela como um filhotinho. Eles entraram na mansão juntos.

Mimi parecia devastadora em um vestido de cetim meia-noite (n.t.: nome da cor do vestido) Peter Som, com o seu cabelo em um nó no alto da cabeça, uma tripla vertente de pérolas South Sea, uma relíquia de família, como seu único acessório. Ela puxou o braço do seu par e direcionou ele para as escadas. Lá, ela confrontou a visão de sua melhor amiga, Bliss Llewellyn, em um apaixonado beijo com aquele fracassado mastóide, Dylan Ward.

"Alôôô." A voz de Mimi estava gelada ao extremo. Quando aquilo aconteceu? Mimi não gostava de ficar fora do lance.

Bliss se desenbrou da língua de Dylan. Ela corou quando viu Mimi. O batom de Bliss estava manchado e seu cabelo estava torto. Dylan sorriu afetadamente para Mimi.

"Bliss. No banheiro. Agora."

Bliss deu a Dylan um olhar de desculpas, mas ela seguiu Mimi para o banheiro feminino sem perguntas.

Mimi checkou as divisórias e enxotou a empregada para fora. Quando ela tinha certeza que não havia ninguém lá dentro, ela se virou para Bliss.

"O que diabos está acontecendo com você? Você está com *aquele* garoto?" Mimi exigiu. "Você poderia estar com qualquer garoto que você quisesse."

"Eu gosto dele," Bliss disse desafiadoramente. "Ele é legal."

"Legal," Mimi sibilou a palavra então ela tinha dez sílabas. Leeeeeegaaalll.

"Qual é o seu problema?" Bliss perguntou desafiadoramente.

"Problema? Eu não tenho um problema. Quem disse que eu tenho um problema?" Mimi perguntou, olhando em volta como se surpresa de não ver ninguém ali.

"É aquela coisa de Connecticut?" Bliss perguntou. "Porque ele não tem nada a ver com isso."

"Do que você está falando?" Mimi perguntou.

"Eu não sei, eu ouvi que teve algum acidente com alguma garota em Greenwich, e ele estava envolvido." Bliss disse. "Mas de qualquer forma, não é verdade."

Mimi encolheu os ombros. Era a primeira que ela ouvia sobre isso, mas não surpreendia ela. "Eu só não sei por que você está perdendo seu tempo com ele."

"Por que você odeia ele tanto assim?"

Mimi foi pega de surpresa. Era verdade - ela reagiu a Dylan com uma repulsa fora do normal. Por que ela odiava ele? Ela não estava certa, mas ela reconhecia aquele sentimento instintivo, e seu instinto nunca estava errado. Tinha alguma coisa que ela não gostava nesse garoto, mas ela não podia por um dedo nele.

"E o que tem o seu namorado, a propósito? Ele é como um zumbi," Bliss disse, apontando para o canto.

O herdeiro italiano tinha as seguido para dentro do banheiro feminino e estava no momento se babando-se na porta. Todos os homens de Mimi se pareciam com esse em uma coisa - morte cerebral.

"Eu vou lidar com ele mais tarde."

"Eu estou voltando para o meu par," Bliss disse mordazmente.

"Bom. Mas é melhor que esteja segunda na reunião do Comitê."

Bliss quase tinha esquecido. Ela não estava nem certa que queria entrar para algum esnobe comitê social, mas ela tinha que aplacar Mimi de algum jeito. "Claro."

Mimi observou sua amiga ir embora. Mas que desperdício. Incomodava ela que Bliss estava exercendo sua independência. Não tinha nada que Mimi gostava menos que rebelião em um subordinado. Ela saiu do banheiro, puxando a gravata do seu namorado para levar ele em frente. E foi quando ela viu a segunda imagem que chamuscou o seu cérebro.

O seu irmão Jack, na parte reservada para dança, com aquela garota Van Alen nos braços dele. Agora Mimi realmente se sentiu vomitando.

Quando Schuyler estava com Jack, era como se o tempo e o espaço parassem. Ela nem ao menos sentia como se estivesse em uma sala apinhada cheia de adolescentes suados. Eles se moviam no mesmo ritmo, os corpos em sintonia perfeita um com o outro. Jack habilmente manteu o corpo dela próximo do dele, inclinado para baixo para respirar levemente no seu pescoço. Era estranho como ela podia ver ele tão claramente quando tudo o mais era um borrão escuro. Ela fechou os olhos, e por um momento, ela viu os dois - vestidos diferentemente. Eles estavam na mesma sala de baile da mansão, exceto que cem anos antes - e ela estava vestida em um longo vestido de noite com um apertado espartilho e saíotes de seda, e ele estava bonito e jovial em um smoking branco de cauda. A música tinha cessado de ser o encantamente sexy da música do Muse e virou uma valsa suave.

Era como um sonho, mas não era.

"O que está acontecendo?" ela perguntou, olhando pra ele enquanto ele rodopiava ela. Em volta deles, a sala de baile estava cheia com luzes e música lenta. O tilintar das taças de champanhe, a gentil vibração das respirações femininas.

Mas Jack só sorriu.

Eles continuaram a dançar, e Schuyler descobriu que ela sabia os intrincados passos. No final da música, eles bateram palma educadamente.

Schuyler olhou em volta, e de repente ela estava de volta no presente, usando o seu vestido de formatura dos anos 50, Jack no seu blazer azul e gravata vermelha. Ela piscou. Ela tinha imaginado isso? Era real? Ela estava confusa e desorientada.

"Vamos fazer um intervalo," ele disse, enquanto pegava a mão dela e levava ela para fora da pista de dança. Eles andaram até o balcão. Jack acendeu um cigarro. "Quer um?" Schuyler balançou sua cabeça.

"Isso aconteceu com você também?" ela perguntou.

Jack assentiu. Ele pegou um lugar e exalou.

Eles olharam para o lado de fora na Park Avenue. Do lado da Riverside Drive, Schuyler pensou que era uma das ruas mais bonitas do mundo. Park Avenue, com sua majestosa matriz de apartamentos pré-guerra, frotas de táxis amarelos fluindo para cima e para baixo ao longo da cidade. Nova York era um lugar mágico.

"O que foi isso?"

Mas antes que Jack pudesse responder, ouve um grito de dentro da mansão. Eles se olharam, pensando na mesma coisa. A morte de Aggie. Isso era outra? Eles correram de volta pro hall.

"Está tudo bem," Mimi Force estava dizendo. "Ele apenas desmaiou. Deus, me ajude, Kitty." O namorado italiano de Mimi estava jogado na varanda, completamente inconsciente, o rosto dele drenado de cor. "Jack, uma mão?" ela vociferou, vendo o irmão na porta.

Jack correu para o lado da irmã e ajudou a colocar o italiano numa posição sentada. Schuyler podia ver Jack dizendo alguma coisa raivosamente para Mimi, e ela conseguiu ouvir partes do sermão dele, "passou do limite... Você podia ter matado ele... Lembre-se do que os Wardens disseram..."

Ela ficou ali, não sabendo o que fazer, quando Bliss e Dylan apareceram. Dylan deu uma olhada no quadro comprometedor. "Deixe-me adivinhar, ele estava com Mimi Force?"

Schuyler assentiu. "Eu acho que é hora de nós espalharmos essa ligação."

"Eu não poderia concordar mais," Bliss respondeu.

Schuyler deu a Jack um último olhar. Ele ainda estava argumentando com a irmã dele. Ele nem ao menos notou que ela estava indo embora.

Diário de Catherine Carver

20 de Dezembro, 1620

Plymouth, Massachusetts

Os homens já foram embora há dias, e ainda não há nenhuma palavra. Nós estamos amedrontados. Eles deviam ter chegado lá e voltado por agora, com notícias da

colônia. Mas tudo está silencioso. As crianças me fazem companhia e nós fazemos o tempo passar lendo alto dos livros que eu consegui trazer. Se nós ao menos pudéssemos deixar esse navio - está sempre úmido e terrivelmente cheio, mas as estruturas ainda não estão prontas. Os homens estão autorizados a acampar em terra, mas nós devemos permanecer aqui nesse lugar escuro.

Eu estou assustada, mas eu me conforto com a compreensão que eu irei saber se Jonh e o resto da companhia estiverem perdidos. Até agora, eu não senti nem vi nada nas minhas visões. Tem uma dúvida na colônia sobre se estamos realmente salvos.

Rumores estão se alastrando dizendo que há deles aqui, escondidos entre nós - há muitos sussurros e suspeitas. O garoto Billington está desaparecido, eles disseram. Desaparecido. Levado. Mas alguns se lembram que ele pode ter ido com a festa Roanoke, então ninguém está preocupado por agora. Nós assistimos, e esperamos, segurando nossas respirações.

DEZESSETE

Desde quando Schuyler podia se lembrar, ela tinha passado cada domingo no hospital. Quando ela era mais nova, ela e a avó pegavam um táxi todo o caminho para os maiores alcances de Manhattan. Schuyler era um rosto familiar, os guardas nunca mais nem deram a ela um crachá de visitante mas simplesmente deixavam ela entrar. Agora que ela era mais velha, Cordélia raramente vinha com ela nessas visitas semanais, e Schuyler fazia a viagem sozinha.

Ela andou pela sala de emergência, para o átrio envidraçado, e pela loja de presentes com balões e flores.

Ela comprou um jornal na barraca e andou até o elevador de trás. Sua mãe estava no último andar, em um quarto privado que imitava uma suíte de um dos melhores quartos de hotel da cidade.

Diferentemente da maioria das pessoas, Schuyler não achava hospitais depressivos. Ela passou muito da sua infância ali, zunindo pra cima e pra baixo nos corredores em cadeiras de rodas emprestadas, brincando de esconde-esconde com as enfermeiras e subordinados. Ela comia todo domingo um café da manhã reforçado na lanchonete do porão, onde os serventes faziam uma pilha alta com bacon, ovos, e waffles no prato dela.

Ela passou pela enfermeira costumeira da sua mãe no corredor.

"É um bom dia," a enfermeira informou ela, sorrindo.

"Oh. Ótimo." Schuyler sorriu de volta. Sua mãe tinha estado em coma pela maior parte da vida de Schuyler.

Depois de alguns meses do nascimento dela, Allegra sofreu um aneurisma e entrou em choque. A maioria dos dias, ela jazia placidamente na cama, sem se mover, mal respirando.

Mas em "bons" dias, alguma coisa acontecia - um tremelique por dentro das pálpebras fechadas, o movimento do seu grande dedo do pé, uma contração na bochecha. De vez em quando, sua mãe suspirava por nada. Esses eram pequenos, infinitesimais sinais de uma mulher vibrante presa em um casulo de uma vida morta.

Certamente, Cordelia acreditava que isso era verdade e encorajou Schuyler a ler para Allegra então sua mãe iria conhecer sua voz e talvez responder a isso.

Schuyler disse obrigada para a enfermeira e espiou pela pequena janela de vidro colocada na porta para que as enfermeiras pudessem checar os seus pacientes sem perturbar eles.

Tinha um homem dentro do quarto.

Ela manteve sua mão na maçaneta, sem a virar. Ela olhou pelo vidro de novo.

O homem se fora.

Schuyler piscou. Ela jurava que ela tinha visto um homem. Um homem grisalho, em um terno preto, ajoelhado ao lado da cama da mãe, segurando a mão dela, suas costas viradas para a porta. Seus ombros estavam balançando e parecia que ele estava chorando.

Mas quando ela olhou de novo pelo vidro, não tinha nada.

Era a segunda vez agora. Schuyler não era tão agitada quanto curiosa. A primeira que ela vislumbrou ele foi há vários meses atrás, quando ela deixou o quarto por um momento para pegar um copo de água. Quando ela voltou para o quarto, ela estava assombrada de ver alguém lá. Na visão periférica, ela viu um homem parado perto das cortinas, olhando para fora da janela para o rio Hudson embaixo. Mas no momento que ela entrou, ele desapareceu. Ela não tinha visto seu rosto - só as suas costas e o seu elegante cabelo grisalho.

Primeiro, ela tinha ficado com medo dele, imaginando se ele era um fantasma, ou um truque da luz e sua imaginação. Mas ela tinha um sentimento de que ela sabia quem o sem-nome, sem-rosto visitante podia ser.

Ela empurrou a porta vagorosamente e entrou no quarto. Ela pôs as espessas camadas do jornal de domingo na mesa móvel do lado da televisão.

Sua mãe estava deitada na cama, suas mãos dobradas na sua barriga. Seus justos cabelos loiros, longos e lustrosos estavam soprados para fora do travesseiro. Ela era a mulher mais bonita que Schuyler já tinha visto. Ela tinha um rosto como de uma Madonna da Renascença - serena e pacífica.

Schuyler andou até a cadeira perto do pé da cama. Ela olhou em volta do quarto de novo. Ela entrou no banheiro que sua mãe jamais tinha usado. Ela puxou as cortinas de frente da janela, meio esperando encontrar alguém escondido ali. Nada.

Desapontada, Schuyler retornou ao seu local perto da cama.

Ela abriu o jornal de domingo. O que ela iria ler hoje. Guerra? Crise do petróleo?

Tiroteios no Bronx? Um artigo de revista sobre a nova, experimental cozinha

espanhola? Schuyler decidiu na seção de "Estilos" - os "Casamentos e Celebrações." Sua mãe parecia que gostava desses. Algumas vezes, quando Schuyler lia uma particularmente interessante coluna de "Votos", os dedos do pé dela balançavam. Schuyler começou a ler. "Courtney Walach casou com Hamiltom Fisher Stevens no Pierre essa tarde. A noiva, trinta e um, graduação em Harvard e Escola de Negócios de Harvard..." Ela olhou esperançosamente para sua mãe. Não houve movimento na cama. Schuyler tentou outra. "Marjorie Fieldcrest Goldman casou com Nathan McBride em uma cerimônia do Tribeca Rooftop ontem a noite. A noite, vinte e oito, um editora associada no..."

Ainda nada.

Schuyler procurou nos anúncios. Ela nunca podia prever o que sua mãe iria gostar. Primeiro, ela pensou que fossem notícias de pessoas que eles conheciam, os casamentos de herdeiros e herdeiras das antigas famílias nova-iorquinas. Mas tão comumente quanto, sua mãe suspirava ouvindo uma história de dois programadores de computador que se conheceram em um bar no Queens.

Os pensamentos dela flutuaram de volta ao visitante misterioso. Ela olhou em volta do quarto de novo, e notou uma coisa. Tinham flores na mesa. Um buquê de pequenos lírios em um vaso de cristal. Não os cravos baratos que eles vendiam lá embaixo. Esse era um requintado arranjo de altas, gloriosas flores. O cheiro intoxicante delas enchiam o quarto. Era engraçado que ela não tivesse visto elas assim que entrou. Quem iria trazer flores para uma mulher em coma que não podia vê-las? Quem esteve ali? E aonde ele foi? Mais importante, de onde ele veio?

Schuyler perguntou-se se deveria mencionar isso para a sua avó. Ela tinha mantido as visitas do estranho um segredo, preocupada que Cordelia fosse fazer alguma coisa para manter o estranho longe de alguma forma. Ela não pensava que Cordelia fosse aprovar um homem estranho visitando sua filha.

Ela virou a página. "Kathryn Elizabeth DeMenil para Nicholas James Espero que seja o Terceiro." Ela olhou para o pálido rosto da sua mãe. Nada. Nem mesmo uma ruga na sua bochecha. Um fantasma de um sorriso.

Schuyler pegou a mão gelada da sua mãe nas suas e a afagou. De repente, lágrimas rolaram silenciosamente pelas suas bochechas. Já fazia um bom tempo desde que a visão da sua mãe fazia ela chorar. Mas agora Schuyler chorou abertamente. O homem que ela viu pelo vidro estava chorando também. O quarto silencioso estava cheio com uma profunda e aguda tristeza, e Schuyler lamentou sem vivacidade por tudo que ela tinha perdido.

DEZOITO

Segunda-feira na escola, Oliver deu um gelo em Schuyler. Ele sentou-se ao lado de Dylan na cafeteria e não guardou lugar para Schuyler. Ela acenou para os dois,

mas apenas Dylan acenou de volta. Schuyler comeu seu sanduíche na biblioteca - mas o pão tinha gosto de bolor em sua boca, seco e farinhento, e ele perdeu seu apetite rapidamente. E não ajudou que depois de dançarem juntos na noite de sábado, Jack Force voltou a agir como se nada nunca houvesse acontecido. Ele se sentou com seus amigos, saiu com sua irmã, e basicamente agiu como seu velho eu. Aquele eu que não a conhecia, e isso machucava.

Ao deixar a escola, ela viu Oliver através dos armários rindo de algo que Dylan estava dizendo. Dylan deu a ela um olhar simpático. "Eu te pego mais tarde, cara," Dylan disse, batendo nas costas de Oliver. "Mais tarde, Sky."

"Tchau, Dylan," ela disse. Os três - ela, Bliss, e Dylan, tinham ido comer fatias de pizza no Sofia Fabulous Pizza após o baile. Eles procuraram por Oliver, mas ele já tinha ido embora. Ele provavelmente nunca os perdoaria por fazerem algo sem ele. Mais especificamente ela. Ela o conhecia bem o bastante para entender que ela tinha cometido uma traição grave. Elas supostamente deveria tê-lo seguido escadas acima, mas ao invés disso ela havia ido dançar com Jack Force. Agora ele a puniria por ignorar a sua amizade. Uma amizade da qual ela dependia como dependia do sol.

"Hey, Ollie," ela disse.

Oliver não respondeu. Ele continuou a colocar seus livros em sua bolsa de carteiro sem olhar para ela.

"Ollie, por favor," ela implorou.

"O quê?" Ele encolheu os ombros como se só agora percebesse que ela estava parada lá.

"O quê você quer dizer com 'o que'? Você sabe o que," ela disse, piscando os olhos.

Parte dela estava furiosa com a pobre-má-atuação dele o tempo todo. Como se ela não tivesse o direito de ter nenhum outro amigo? Que tipo de amigo era esse?

"Você não me ligou por todo o final de semana. Eu achei que nós iríamos assistir aquele filme."

Oliver amarrou a cara. "Nós iríamos? Eu não me lembro de fazer planos. Mas eles, você sabe, algumas pessoas parecem mudar seus planos sem te contar nada sobre eles."

"O que você quer dizer?" ela perguntou.

"Nada." Ele encolheu os ombros.

"Você está bravo comigo por causa de Jack Force?" ela questionou. "Porque isso seria realmente, realmente, très idiota."

"Você gosta, gosta dele ou algo do tipo?" Oliver perguntou, um olhar magoado em seu rosto. "Aquele atleta perdedor?"

"Ele não é um perdedor!" Schuyler argumentou. E ela ficou espantada por quão apaixonada ela repentinamente se sentiu por Jack Force.

Oliver ficou chateado. Ele puxou seu topete impacientemente para trás. "Ótimo. Se é

assim que você se sente, Pod Person (Pessoa Vagem)."

Invasion of the Body Snatchers (Vampiros de Almas) era um dos seus filmes favoritos.

No filme, aliens chatos substituíam todas as pessoas interessantes. Pod

People era como eles chamavam seus robos - como pares, que sentiram-se sortudos com tudo em torno deles: Bolsas Marc Jacobs! Corte de cabelo hetero-japonês!

Jack Force!

Schuyler sentiu-se culpada por algo que ela nem entendia. Era tão terrível que ela

achasse Jack Force uma pessoa legal? Ok, então ele era um BMOC (algo como

um cara super popular), o maior - ela tinha que admitir - e sim, ok, então ela costumava torcer o nariz para todas as tietes de Jack Force na escola que

achavam que ele andava sobre a água. Era apenas tão previsível gostar de Jack Force.

Ele era inteligente, bonito, e atlético; ele fazia tudo sem esforço. Mas

só porque ela decidiu parar de não gostar dele isso não fazia dela uma robô sem cérebro, fazia? Fazia? A aborrecia não poder decidir.

"Você está com inveja," ela acusou.

"Do que?" Os olhos de Oliver se alargaram, e seu rosto empalideceu.

"Eu não sei, mas você está." Ela disse, encolhendo os ombros em frustração. Isso era sempre o problema do mostro de olhos-verdes, não era? Ela sabia que em algum nível, Oliver gostaria de ser mais como Jack. Adorado. Como Jack.

"Certo," ele disse sarcasticamente. "Eu estou com inveja da habilidade dele de perseguir uma bola com um pedaço de pau," ele zombou.

"Ollie, não diga isso. Por favor? Eu realmente quero conversar com você sobre isso, mas eu tenho uma reunião agora- para O Comitê e eu..."

"Você foi chamada para O Comitê?" Oliver perguntou incrédulo. "Você?" Ele olhou como se nunca tivesse ouvido algo tão ridículo em toda a vida.

Isso era assim tão impossível? Shuyler ficou vermelha. Então talvez ela não fosse ninguém, mas a sua família costumava ser de 'alguéns', e o que toda essa coisa estúpida tinha a ver com isso?

Mas mesmo assim ela odiava admitir - ele estava certo. Ela mesma ficara se perguntando o porquê de ela ter sido escolhida para tal honra, e, bora houvesse aquele olhar satisfeito no rosto de sua avó novamente - quando ela rebera o espesso envelope branco na outra noite. Cordelia tinha dado a ela o mesmo olhar apreensivo de felicidade como quando as marcas dos seus braços apareceram. Era como se ela estivesse vendo a neta pela primeira vez na vida. Era como se ela estivesse orgulhosa dela.

Ela nem sequer havia mencionado isso a Oliver, pois era evidente que ele não tinha sido convidado, porque ele nunca esconderia algo como isso dela. Era estranho para ela que ele não tivesse sido chamado para O Comitê, já que sua família era dona de metade do Upper East Side e todos tinham estado no DutchessCounty (país Dutchess).

"Sim, engraçado, haha, certo?" ela disse.

O rosto dele se contorceu. A carranca voltou. Ele agitou sua cabeça. "E você não me contou?" ele disse. "Eu nem sei mais quem você é."

Ela assistiu enquanto ele andava pelo corredor, para longe dela. Cada passo dele parecia ilustrar o grande buraco que agora os separava. Ele era seu melhor amigo.

A pessoa em quem ela mais confiava no mundo todo. Como ele poderia esperar se juntar a algum grupo social idiota e ela não? Mas ela sabia porque ele estava bravo. Até agora, eles tinham feito tudo juntos. Mas ela havia sido convidada para se juntar ao Comitê e ele não. Seus caminhos tinham subitamente se separado.

Schuyller pensou que tudo aquilo era tão idiota. Ela iria para uma reunião, só porque sua avó queria que ela fosse, e então ela largaria o Comitê. Certamente não havia nada que houvesse no Comitê que a interessasse.

Dezenove

Era tão divertido ver o quão assustado o sangue novo olhava. Mimi se lembrou de estar sentada nessa mesma sala no ano passado, pensando que tudo iria começar com o planejamento anual do Four Hundred Ball (Tema? Decoração? Convites?) e esse seria o fim disso. Obviamente, Jack sabia que algo estava acontecendo, nada conseguia passar despercebido por seu irmão - e aparentemente, alguns deles tinham mais ideia do que estava acontecendo do que outros. Mimi tinha tido os flashes de memória também - as memórias que se arrastaram sobre ela sem nenhum aviso prévio. Como quando na vez em que ela estava no Martha's Vineyard, e ao invés de estar do lado de fora da Black Dog, ela estava do lado de fora de uma farmácia, usando um odioso e gigantesco vestido - acredite nisso ou não. Ou a vez em que ela tinha um teste de Francês e não tinha estudado nada, mas ela acertou todas as questões, descobrindo que repentinamente era fluente no idioma.

Ela sorriu para si mesma enquanto recordava, e assistiu os Altos Membros do Comitê, entre eles sua mãe, entrarem na sala, seus Blahnik batendo suavemente no piso de mármore rosa. Tudo estava silencioso. A mulher bem arrumada acenou com a cabeça para uns e deu um aceno mais alegre para seus filhos.

O Quarto Jefferson era a sala de entrada para a Mansão Flood, no estilo de Monticello, uma homenagem para o terceiro presidente. Tinha um alto teto de cúpulas de catedral, vários retratos Gainsborough, e no meio uma grande mesa redonda, onde os novos membros estavam sentados, alternadamente parecendo entediados ou assustados. Mimi não reconheceu todos eles, já que alguns deles eram de outras escolas. Deus, esses uniformes da Nightingale são feios, ela pensou. O restante dos membros do Comitê Junior estavam sentados nas mesas de estudo, ou inclinados nas janelas, ou em pé com

os braços cruzados, observando silenciosamente. Ela notou que pela primeira vez, seu irmão Jack tinha os agraciado com sua presença.

Então os Guardiões haviam incluído a garota VanAlen apesar de tudo. Isso era estranho.

Mimi não tinha lembranças dela em seu passado, nem de Plymouth. Ela tinha que estar lá em algum lugar; Mimi só precisava cavar mais em seu subconsciente.

Quando Mimi olhou ao redor da sala, ela pôde ver os reflexos de quem todos costumavam ser. Katie Sheridan, por exemplo, sempre fora um amigo - eles tinham que 'sair' juntos durante a temporada de 1850, e Lissy Harris tinha sido uma atendente em seu casamento em Newport nesse mesmo ano. Mas esse não foi o caso com Scuyler.

Quanto a Jack, eles tinham estado juntos por mais tempo que a eternidade. Seu rosto era o único que ela sempre via constantemente, esperando por ela em cada encarnação de seu passado. Se Mimi praticasse sua meditação, talvez ela conseguisse acessar os recessos mais profundos de sua história, voltar à sua criação, ao Egito antes das inundações.

Sra. Priscilla DuPont, uma presença regular nas colunas sociais da cidade, e a força financeira e social por trás de várias instituições culturais de Nova York, estava parada impaciente. Como a outra mulher atrás dela, ela era naturalmente magra, com um suave, untuoso pingente que ajudava a emoldurar seu rosto quase sem linhas. Ela vestia um terno preto Carolina Herrera que possuía um corte àspero. Como chefe e presidente do Comitê, ela chamou a reunião para ordem (seria como 'ordem no tribunal :B reunião, no caso).

"Bem-vindos à primeira reunião do New York Blood Bank Committee (achei melhor não traduzir, mas é algo do tipo: Comitê do Banco de Sangue de Nova York) da temporada," ela disse, sorrindo graciosamente. "Nós estamos muito orgulhosos de ter todos vocês aqui."

Mimi se desligou por pouco tempo, mal escutando a palestra padrão sobre responsabilidade civil, deveres e direitos da classe mais nobre, e a enumeração dos muitos serviços que o Comitê promovia a sua comunidade.

O baile anual, por exemplo, levanta um tremendo monte de dinheiro para pesquisas sobre sangue, que são dedicadas a erradicação de doenças transmissíveis por sangue como a AIDS e a hemofilia. O Comitê havia fundado hospitais e instituições de pesquisa, e era colaborador importante nas pesquisas com células-tronco e outros avanços da medicina.

Então, após o lengalenga padrão, Sra. DuPont olhou atentamente para os dez jovens sentados junto a mesa.

"Mas ajudar os outros não é tudo o que O Comitê faz." Houve um silêncio de expectativa.

Sra. DuPont olhou atentamente para cada um dos estudantes antes de falar. "Vocês foram reunidos aqui hoje porque são muito especiais." Sua voz tinha uma melodiosa, culta qualidade, calma e aristocrática ao mesmo tempo.

Mimi viu Bliss Llewellyn olhar desconfortavelmente. Ela havia irritado Bliss sobre Dylan, isso fora seu funeral. Bliss tinha até ameaçado faltar a reunião, mas de alguma maneira. Mimi tinha ajudado-a a mudar de idéia.

"Alguns de vocês talvez tenham notado certas mudanças em seus corpos. Quantos começaram a ver marcas azuis em seus braços?" ela perguntou.

Houve um número limitado de mãos levantadas, e alguns braços com a brilhante luz safira em suas peles.

Ela acenou com a cabeça. "Bom. É o sangue começando a se manifestar."

Mimi lembrou-se o quão assustada ela tinha ficado quando as primeiras marcas começaram a aparecer. Elas formavam um complicado, quase um estampado vivo - como um padrão que ia de seus ombros até seus pulsos. Jack tinha mostrado as dele para ela, e isso parecia como mais uma daquelas coisas que eram coincidência, mas não era realmente - se eles juntassem seus braços próximos um do outro, o padrão coincidia perfeitamente.

As marcas de sangue eram um mapa de suas histórias pessoais - era o sangue propriamente dito; O Sangre Azul (Sangue Azul :B), que os marcava de sua maneira, Sra. DuPont informou a eles.

"Alguns de vocês descobriram que são capazes de fazer algumas coisas muito bem. Notaram que são excelentes em testes para o qual não estudaram? A memória se tornou uma espécie de máquina fotográfica?"

Houveram mais acenos de cabeça, e alguma balbúciação.

"Algun de vocês notou que ocasionalmente, o tempo pára de passar ou se torna muito lento?"

Mimi acenou com a cabeça. Era parte disso - as lembranças que te levam do presente para o passado. Você estava descendo uma rua, prestando atenção em seus próprios negócios, e de repente você estava descendo a mesma rua, mas em uma época completamente diferente. Era como assistir a algum filme realmente legal, Mimi pensou, exceto que você estava estrelando esse filme.

"Vocês acham que podem comer tudo e ainda assim não ganhar uma grama?"

Houve risos de algumas garotas. Um bom metabolismo, era o que os Sangues Vermelhos pensavam.

Mimi teve que rir consigo mesma. Era como se alguém pudesse comer biscoitos com glacê o quanto quisessem e ainda fosse tão magro quanto ela. Essa era sua parte favorita de ser uma Sangue Azul. Uma das partes mais sortudas. As escolhidas.

"O gosto da carne cozida se tornou insuportável. Vocês começaram a ansiar coisas cruas, sangrentas."

Houve alguns olhares desconfortáveis ao redor da mesa. Bliss parecia especialmente pálida. Mimi se perguntou se alguém tinha tido a mesma experiência que ela tinha tido - o dia em que ela devorou várias carnes cruas, bifês de costela, por conta própria;

enchendo a boca até o sangue gotejar por seu queixo e ela parecia uma paciente com problemas mentais.

Pelos olhares que vinham da mesa, Mimi podia apostar que tinha acontecido com mais do que apenas alguns.

"Uma última pergunta: quantos de vocês obtiveram bixos de estimação no último ano? Cães, mais especificamente?"

Todos levantaram as mãos. Mimi pensou sobre como ela havia achado seu cão, Pookie, na praia no Hamptons um dia, e como seu irmão havia encontrado o dele, Patch, na mesma manhã. O pai deles havia ficado tão orgulhoso.

"Quantos deles são caçadores?"

Apenas Schuyler levantou a mão. Mimi olhou com desconforto. Seu irmão Jack também tinha merecido um cão de caça - nível top. Isso era irritante.

"Nós estamos aqui para contar a vocês, que não devem se preocupar. Todas as coisas que vocês vem experimentado é normal. Isso é porque, como eu, como seus amigos e colegas de classe sentados atrás de vocês, como seus pais, avós, irmãos, e parentes, vocês são parte de uma nobre tradição dos Four Hundred (Quatrocentos)."

Sra. DuPont estalou os dedos e todas as luzes da sala se apagaram. Mas ela, assim como os outros membros do Comitê, ainda estava brilhando. Eles possuíam uma luz interior que acentuava suas feições.

Era como se eles fossem feitos de um mármore translúcido.

"Isso é called illumination, é um de nossos presentes que nos auxilia na noite e nos torna visíveis um para o outro."

Alguns dos estudantes gritaram.

"Não há nada com o que se preocupar. Vocês estão a salvo aqui, pois somos todos iguais."

Sua voz tomou uma qualidade melódica e hipnótica.

"É tudo parte do Ciclo de Expressão. Vocês são os novos Sangues Azuis. Hoje é a introdução para a história secreta de vocês. Bem-vindos às suas novas vidas."

Os rostos dos estudantes se converteram em choque. Mimi se lembrou do quão aterrorizada ela tinha ficado, mas não porque ela tivesse medo do Comitê - era um tipo diferente de terror - um tipo mais complicado de medo. Era o terror de finalmente saber a verdade. Ela viu o mesmo medo na face dos novos membros.

Eles estavam embarcando em uma jornada para a escuridão dentro deles.

Vinte

Vampiros?

Eles estavam loucos?

O Comitê era apenas uma fachada para um grupo de sugadores de sangue monstros de

filmes B? Então eles não eram apenas socialites. Eles não eram apenas crianças ricas. Eles não eram magros porque vomitavam tudo o que comiam. E eles não eram rápidos no campo ou incrivelmente atléticos ou extraordinariamente inteligentes porque eles eram talentosos; isso era porque e isso era totalmente ridículo - eles eram mortos-vivos? Schuyler assistiu a coisa toda, metade chocada e metade fascinada pelo culto cerimonial.

O que quer que ela tenha pensado que aquilo era, certamente não era isso. Ela tinha que dar o fora dali. Ela empurrou a cadeira para trás e estava preste a sair da sala.

Mas ela hesitou - e se sentou novamente. Pareceu-lhe mal educado e contra seu melhor julgamento. Havia tantas coisas sobre as quais eles falaram que faziam sentido. As marcas azuis em seus braços, por exemplo.

Aparentemente seus sangues estavam brilhando sob a pele porque estavam começando a se afirmar, começando a se reconectar com todo o antigo conhecimento, sabedoria e lembranças de suas vidas passadas. Porque isso era o sangue vivo - isso era o que fazia deles mortos-vivos - seus sangues possuíam milhares de anos, desde começo dos tempos, vivendo como um banco de dados com a consciência imortal. Tinha vontade própria, e crescer como um Sangue Azul significa aprender a acessar e controlar a vasta inteligência que está disponível dentro de você.

Sua aparência física acaba após uma centena de anos e você descansa, evoluindo para o que eles chamam de próxima fase do ciclo. Ou você poderia escolher não descansar, e escolher manter a mesma aparência física, se tornando Imortal - como alguns dos Anciãos, mas você tinha que ter uma dispensa especial para isso. A maioria dos Sangues Azuis passava sem interrupções pelo ciclo. Como eles chamavam isso? Os três estágios da vida de um vampiro:

Expressão, Evolução, Expulsão.

E sobre o cão-de-caça - ela não poderia discutir quanto a isso. Beauty seguiu-a até em casa um dia, e ela sentia como se a criatura fosse parte dela. Sra. DuPont explicou que seus familiares caninos eram na verdade uma parte de suas almas que fora transferida para o mundo físico para protegê-los. Os anos quinze até o vinte-e-um eram chamados de Anos do Pôr-do-Sol pelos Sangues Azuis - seu tempo mais vulnerável no ciclo de Expressão quando eles mudavam suas naturezas humanas para as vampíricas. A Manifestação do Sangue, que trouxe o choque das lembranças, as vertigens, as doenças, fazia deles fracos, e seus cães eram seus guardiões, se ministrando como anjos para assegurar que os Sangues Azuis chegassem à próxima fase intactos.

Ainda assim, isso tudo era tão inacreditável. Ela se convenceu de que O Comitê estava pregando uma peça de Halloween quando eles se iluminaram daquela maneira. Até Jack. Então era por isso que ele estava todo iluminado no baile. Por isso ela pôde enxergá-lo no escuro.

Espere só até ela contar a Oliver!

Porém, oh. Ela não poderia contar. Os Sangues Vermelhos - os humanos - eles não podiam saber.

Embora humanos familiares - aqueles a quem você recorreu como Latin - seu nome imaginário para sangue-sugado - eles podiam saber, mas então a cerimônia os fazia esquecer ou algo do tipo. Havia algum tipo de essência hipnótica no processo que os fazia amnésicos, e leais aos Sangues Azuis.

Schuyler não conseguia se imaginar querendo sugar o sangue de ninguém. Só parecia nojento. Mas de qualquer jeito, ela havia esquecido que ela não poderia contar à Oliver porque ele não estava falando com ela.

Então haviam todas essas regras que regiam os sugadores-de-sangue - você só poderia ter um humano de cada vez, e só tinha permissão para usá-lo uma vez a cada quarenta-e-oito horas. Aparentemente, a vida como um vampiro não era como ela havia lido nos livros ou visto na televisão, que foram criados pela Conspiração, um subconjunto do Comitê dedicado a esconder a sua existência dos Sangues Vermelhos. Um Sangue Azul hungru com um senso de humor macabro fora o responsável pelo mito do "Conde Drácula". A Conspiração espalhava informações falsas. Todas essas coisas para supostamente matar um vampiro - um crucifixo, alho, o sol - era tudo inventado. A idéia deles de piada.

Porque de acordo com O Comitê, nada poderia matar um vampiro. Nada. Morte era meramente uma ilusão.

Schuyler descobriu que a razão para que os Sangues Azuis não gostavam de crucifixos era porque eles lembravam seu banimento do reino do Céu. (Essas pessoas eram verdadeiramente iludidas, Schuyler pensou consigo mesma. Eles realmente achavam que eram antigos anjos ou algo do tipo. Justamente do que o mundo precisava. Mais pessoas ricas se auto-glorificando.) Voltando ao alho era apenas não - não só por causa do cheiro.

Sra. DuPont encerrou dizendo como os Sangues Azuis eram uma raça muito propensa a estética, que favorecia beleza e harmonia acima de tudo (e que exclui comida Italiana?). E sobre a luz do sol - bom, de novo, isso os lembrava do paraíso do qual foram expulsos, mas a maioria dos vampiros amava o sol - por isso do bronzeado de matar da maioria dos membros do Comitê.

Eles viviam para sempre, mas não como a mesma pessoa, e não sempre no mesmo tempo. Havia apenas Quatrocentos deles em cada Ciclo. Eles podiam ingerir comida, mas a maioria só fazia isso por hábito, ou simplesmente para serem sociáveis. Uma vez que eles atingiam certa idade, só era preciso sangue humano para mantê-los recarregados.

Schuyler descobriu que tomar um humano para Consumo Integral - drenando o sangue dele ou dela completamente, matando o humano efetivamente, era o maior taboo de todos. Esse era o primeiro mandamento do Código dos Vampiros - não vir a prejudicar os seus humanos familiares.

Já que só podia ser retirada uma parte do sangue do humano, a maioria dos Sangues Azuis possuía vários humanos familiares, eles rodiziavam a alimentação, escondendo tendo vários amantes. Então era por isso que Mimi tinha tantos namorados. Era parte do estilo de vida dos Sangues Azuis. E Kitty Mullins - ela era uma das humanas familiares de Jack? Ela tinha que ser, uma vez que Kitty não estava presente na reunião do grupo. De repente Schuyler não sentia mais tanto ciúmes de Kitty Mullins. Se sentia triste por ela.

O Diretor os disse que a maior missão deles ao passar pelo ciclo de Expressão era chegar ao ponto em que Deus poderia perdoá-los e trazê-los de volta ao céu.

Certo.

Schuyler não acreditava em uma palavra daquilo. Isso era alguém doente e com uma ideia sem graça de uma brincadeira estúpida.

Ela esperava que uma câmera de TV pulasse de trás de um dos armários. Mas todo mundo restante estava balbuciando, e algumas das pessoas estavam chorando de alívio.

"Eu estava tão preocupada, eu estava ficando louca." Ela ouviu Bliss Llewellyn dizer. Eles assinaram alguns papéis que os comprometia com o Código dos Sangues Azuis. O Código era como Os Dez Mandamentos dos Sangues Azuis - as leis da criação - e eles eram obrigados a seguir as regras.

Toda segunda-feira eles iriam aprender mais sobre a sua história, bem como a forma de controlar seus poderes.

Os poderes vampíricos se manifestavam de maneiras diferentes, os mais comuns eram a hiper-inteligência e força sobrenatural. A maioria dos vampiros podia ler a mente humana, mas os mais poderosos podiam controlar a mente, forçando sugestivamente as vontades das mentes mais fracas. Alguns mudavam de forma, eram capazes de mudar sua forma física como quisessem. A habilidade mais rara de todas era a de poder parar o tempo, mas apenas um Sangue Azul em toda a história tinha sido capaz de demonstrar esse poder, e só havia feito uma vez em todos os séculos em que esteve na Terra.

As reuniões também eram voltadas a ajudar os mais jovens a escolher um propósito para o ciclo. Schuyler aprendeu que os Sangues Azuis estavam por trás de quase todas as fontes culturais da cidade, incluindo o Metropolitan Museum of Art, o Museu de Arte Moderna, o Frick Collection, o Guggenheim, o Balet de Nova York, e o Metropolitan Opera. O conselho dos Sangues Azuis possuía curadores contratados, e organizadores de fundações. Era o dinheiro dos Sangues Azuis que mantinha todas essas instituições maravilhosas vivas.

Sra. DuPont explicou que assim que eles ficassem mais velhos, eles teriam a chance de servir em todos esses diferentes comitês. Já, a geração jovem dos Sangues Azuis estavam unidos, organizando o Baile Save Venice, os jovens colecionadores passariam as noites no Whitney, em benefício ao High Line, entre outras causas dignas.

Oh, e naturalmente, eles também planejavam o Baile Anual dos Quatrocentos. O maior evento social do ano, que era realizado na salão de festas do St. Rogis Hotel em

dezembro, era parte de uma tradição iniciada durante a Era Dourada por um grupo de Sangues Azuis. Era então chamado de Baile Nobre.

Mas Schuyler não acreditava em uma palavra disso. Depois que eles foram dispensados, alguns dos novos membros se amontoaram, falando com os os juniors e seniors para fazerem mais perguntas. Schuyler saiu rapidamente sozinha.

Ela não notou que alguém havia seguido-a.

Ele apareceu em frente a ela sem aviso prévio.

"Hey." Jack Force sorriu. Seu cabelo estava adoravelmente bagunçado como de costume. Seus olhos eram verde esmeralda em seu esculpido, bonito rosto.

"Deus, como você faz isso?" ela exigiu.

Jack deu de ombros. "Eles vão te ensinar. É uma das coisas que nós podemos fazer."

"Bom, 'nós' não vamos ficar aqui para descobrir," ela disse, tirando ele de seu caminho.

"Schuyler, espera."

"Por quê?"

"Não era para acontecer desse jeito. Essa reunião foi convocada cedo demais.

Normalmente, isso acontece na primavera. E por isso, quase todo mundo já descobriu isso tudo, pelas lembranças. Você começa a descobrir quem é antes de alguém tenha que te contar. A reunião é apenas uma formalidade. Normalmente quando você entra para O Comitê, você já sabe."

"Huh?"

"Eu sei, é muita coisa. É muita coisa com o que lidar. Mas você se lembra do que aconteceu na noite de sábado? Quando nós estávamos dançando? Nós vimos aquilo porque já havia acontecido antes. Tudo o que ela disse lá é verdade."

Schuyler balançou a cabeça. Não. Ela não iria cair nessa. Eles todos poderiam ter bebido muito Kool-Aid lá, mas ela tinha uma boa cabeça em seus ombros. Coisas como vampiros, vidas passadas e imortalidade não existiam no mundo real. E Schuyler tinha um cartão de membro do mundo real. Ela não queria visitar a CidadeMaluca tão cedo.

"Faça isso," disse Jack, tocando seu rosto, checando ao lado de sua mandíbula.

"Por quê?"

"Você vai começar a senti-los. Bem aqui," ele disse, pressionando o polegar e o dedo indicador contra cada lado de sua boca.

"Bem aí?"

"É, eu sei, os Sangues Vermelhos acham que nós os temos em nossos caninos, mas isso é só mais uma das coisas da Conspiração. Nossos dentes do cizo são os da lateral."

"Dentes do cizo? Como aqueles que a gente retira no dentista?" Schuyler perguntou, tentando não revirar os olhos.

"Oh, eu esqueci, os Sangues Vermelhos chamam esses dentes assim também. Não, não são tão para trás. Eles roubaram esse termo de nós, mas não significa a mesma coisa.

Vamos lá, tente. Eles começam a aparecer na parte direita agora."

Ela revirou os olhos. Mas ela colocou o dedo dentro da boca, tentando ver se ela notava

alguma coisa.

"Nada, não há na-Oh." Abaixo havia um pequeno dente que ela nunca havia notado antes, de cada lado, ela sentiu uma ponta afiada.

"Se você se concentrar você pode torná-los aparentes."

Ela passou um dedo por cima deles, e pegou os dentes alongadamente, fazendo-os sair de dentro da gengiva. Surpreendentemente, o esmalte dos dentes começaram a sobressair de baixo para cima.

"Você pode aprender a estendê-los e retraí-los."

Schuyler fez, seus dedos traçaram as presas, indo até o final dos dentes. Ela sentiu seu estômago revirar com uma excitação que ela nunca havia sentido antes.

Porque só então ela percebeu o que ela negou o tempo todo.

Ela era uma vampira. Imortal. Perigosa. Seus dentes eram afiados o bastante para tirar sangue - para perfurar a pele de um ser humano. Ela os retraiu lentamente, sentindo uma dor com o seu desaparecimento.

Ela realmente era um deles.

Vinte e um

Uma vez que a reunião havia terminado, Bliss ainda pensava sobre tudo o que havia aprendido. Ela era uma vampira, ou como ela mesma se corrigiu; uma "vam-pira", o que significava anjo de fogo na Linguagem Antiga, uma Sangue Azul. Uma dos mortos-vivos. Então isso explicava as lembranças, os pesadelos. As vozes em sua cabeça. Era estranho pensar que seu sangue era vivo, mas foi isso que eles disseram - que todos eles haviam vivido antes, muito tempo atrás, e eram chamados em serviço quando necessário. Um dia eles estariam no comando de todas as lembranças e aprenderiam como usá-las.

O conhecimento trouxe um profundo sentimento de alívio. Então ela não era louca. Ela não estava perdendo a sanidade.

O que acontecera no Met na outra tarde, quando ela apagou antes de beijar Dylan, era provavelmente apenas parte do processo. Era isso que o Dr. Pat havia querido dizer. Então ela era normal. Ela deveria supostamente sentir-se tonta e doente. Depois de tudo, seu corpo estava mudando, seu sangue estava mudando. Talvez agora que ela entendia o que ela tinha, seus pesadelos não a assustariam tanto no futuro.

Mimi estava sorrindo de orelha a orelha quando a reunião acabou. Ela andou até Bliss.

"Você está bem?" ela perguntou gentilmente. Ela sabia que levaria um tempo até se acostumar. Mas descobrir ser um Sangue Azul era um tipo de formatura ou algo do tipo. Quando ela e Jack foram introduzidos, seus pais haviam dado a eles uma festa surpresa no Club 21.

Bliss acenou com a cabeça.

"Vamos," Mimi disse, "Vamos comer Steak tartare (é um prato russo, feito com carne crua e servido como aperitivo)."

Elas andaram alguns quarteirões até o LaGoulue, então pegaram uma mesa na calçada. Era tarde, mas ainda estava ensolarado e quente o bastante para sentar do lado de fora. Elas fizeram o pedido rapidamente.

"Então, deixe-me ver se eu entendi direito. Nós não podemos ser mortas?" Bliss perguntou, puxando seu assento mais para perto para que ninguém pudesse ouvir a conversa delas.

"Não, nós vivemos para sempre," Mimi disse alegremente.

"Tal como, para sempre?" Bliss não achou que poderia aguentar tanto. Como ela poderia viver eternamente exatamente. Como, ela não iria ficar enrugada e outras coisas?

"Tal como, para sempre," Mimi ecoou.

"E quanto a estaca de prata no coração?"

"Só se for da Tiffany's!" Mimi piou. Ela tomou um gole de seu Pellegrino. "Não, sério, você tem assistido muito Bulb. Não há nada que possa nos machucar. Mas você conhece Hollywood. Eles sempre tem que pensar em maneiras de nos matar. Eu não sei como nós adquirimos uma reputação tão ruim." Ela sorriu docemente, uma linda mostra. "É tudo criado pela Conspiração, você sabe. Eles gostam de enganar os Sangues Vermelhos."

Os pensamentos de Bliss flutuavam. Ela ainda sentia-se confusa. "Mas nós morremos depois de uma centena de anos?"

"Apenas a forma física. Se você escolher. Suas lembranças duram eternamente, então você nunca está realmente morto," Mimi disse, apertando a pequena garrafa verde de espumante e tomando outro gole.

"E quanto a sugar sangue e coisas assim?"

"É divertido," Mimi disse, seus olhos vidrados sonhadoramente, pensando em seu pedaço de carne italiano. "Melhor do que sexo."

Bliss corou.

"Não seja tão faladeira. Eu já tive toneladas de humanos."

"Você é como uma vampira vadia," Bliss brincou.

O rosto de Mimi ficou sombrio, mas então ela viu o humor nele. "Sim, uma verdade Vamp (interesseira, sedutora, ;x), sou eu."

A comida chegou - raras fatias rosas de carpaccio de atum para Mimi e muito Steak tartare embebido em ovos crus para Bliss.

Bliss agradeceu a quem quer que tenha inventado comida que levasse carne crua, que não era apenas aceitável como também elegante como entrada. Ela se perguntou como Dylan iria se sentir se ela quisesse fazer dele seu humano familiar. Ela apenas, você sabe, deveria começar a morder e chupar o pescoço dele?

As mesas da calçada foram rapidamente se enxendo dos moradores do bairro, em sua

maioria mulheres com chiques casacos de couro, camurça e antigas calças de brim, segurando grandes bolsas e sacolas de compras das lojas da Madison Avenue, parando para um descanso após um cansativo dia experimentando roupas.

Bliss olhou em volta. Quase todas as mesas estavam preenchidas com similares comidas cruas. Ela se perguntou quantos deles eram Sangues Azuis. Talvez todos?

"E quanto ao sol? Não vai nos matar?" ela perguntou, entre mordidas. A carne derretendo sobre a língua, frio e azedo.

"Você está murchando e morrendo no momento?" Mimi riu silenciosamente. "Todos nós vamos a Palm Beach todo Natal. Alô!"

Bliss tinha que admitir que ela não estava. Morrendo, quero dizer, de exposição solar. Mas ela tinha conseguido sarnas, e contou a Mimi sobre isso.

"Você só tem que ir ver o Dr. Pat. Há uma pílula para tomar se você for alérgica.

Alguns de nós somos; é genético. Mas você é sortuda, a pílula que você consegue limpa acne também. Não é ótimo?"

Mimi abaixou seu garfo, limpando seus lábios com um gurdanapo, então pegou uma lixa Tweezerman e começou a amolar seu dente de trás com isso.

"É bom para os dentes," ela informou-o-fato a Bliss.

Bliss estava desconcertada. Por um momento, ela olhou para o assento de Mimi e viu o rosto de uma pessoa que ela sentiu que costumava conhecer.

"Aconteceu, né?"

"O quê?"

"Você me viu. Ou, você sabe, alguma versão de mim, em alguma de suas vidas passadas."

"É o que isso era?"

"Quem eu era?" Mimi perguntou, curiosa.

"Você não sabe?"

Mimi suspirou. "Não realmente. Você pode, através de meditação, aprender sobre toda a sua história, mas é meio que doloroso. Você não precisa realmente."

"Você estava para se casar," Bliss disse. "Estava usando uma coroa."

"Mmmm." Mimi sorriu. "Eu me pergunto quando foi. Eu não me lembro desse. Eu me casei em Boston, Newport, e Southampton - na Inglaterra, não em Long Island. É até onde nós estávamos, você sabe. Pelo menos, até nós chegarmos aqui. Eu me lembro de quando nós nos mudamos para Plymouth, você se lembra? É só até onde eu consigo ir. Por agora."

Mas Bliss não disse a Mimi que em sua lembrança, ela vira Mimi beijando apaixonadamente seu noivo. E que ele parecia muito com seu irmão, Jack. Foi muito assustador. Talvez os Sangues Azuis tivessem algum tipo de explicação para isso, mas por agora, Bliss iria guardar a imagem perturbadora para si mesma.

Vinte e dois

Cordelia havia pedido para Schuyler encontrá-la para um chá no lobby St. Regis depois da escola. Ela estava a esperando em sua mesa de costume quando Schuyler chegou. Sua avó estava sentada no meio de uma brilhante e bela sala, com o cão-de-caça de Schuyler descansando em seu pé. O St. Regis não costumava aceitar animais de estimação no salão de jantar, mas abriram uma exceção para Cordélia. Afinal, a Corte de Astor havia sido nomeada pela bisavó de Cordelia.

Schuyler caminhou até ela, sentindo uma mistura de raiva e apreensão.

Sua avó estava sentada serenamente, seus braços dobrados sobre o colo. Ela parecia vibrante e energética. Sua pele brilhava, e seu cabelo estava pálido, loiro platinado, com apenas um toque de luzes prateadas. Pela primeira vez, Schuyler notou que sua avó sempre parecia dessa maneira após o tratamento semanal no Jorge's. Mas agora ela se perguntou - o extravagante cabeleireiro sul-americano era apenas seu cabeleireiro? Ou um dos humanos familiares de Cordelia? Schuyler decidiu que não queria saber.

"Posso ser a primeira a te parabenizar," Cordelia disse.

"Eu não sei a respeito do que eu deveria estar tão feliz," Schuyler respondeu.

Cordelia gesticulou para a cadeira do lado dela. "Sente-se, minha neta. Nós temos muito o que conversar."

Um garçom de smoking se aproximou, e Cordelia fez o pedido do cardápio - serviço de chá, obviamente. "De flores chinesas para mim, por favor," Cordelia decidiu fechando o menu.

Schuyler se sentou e Beauty aninhou sua cabeça no colo dela. Schuyler afagou seu cachorro distraidamente, se perguntando se Beauty era realmente seu anjo da guarda, ou apenas um cão perdido que ela acabara por encontrar na rua.

Ela deu um apressado olhar no menu encardado de couro e passou algumas páginas.

"Earl Grey está bom para mim, obrigado."

"Por que você não me disse antes?" Schuyler exigiu, quando o garçom tinha saído.

"Não é nosso papel," Cordelia disse simplesmente. "O fardo de saber não deve ser expressado até que você esteja pronta. E nós descobrimos que Priscilla faz um trabalho excelente com a cerimônia de introdução."

Priscilla DuPont. A Chefe Warden. Uma Cadeira no Comitê. Socialite. O que quer que ela fosse.

"Cordelia, quantos anos você tem exatamente?" Schuyler perguntou.

Cordelia sorriu. Um deplorável, esperto sorriso. "Você adivinhou corretamente. Eu fui além do ciclo normal. Eu estou cansada dessa Expressão (n.t.: uma das fases lá que a Priscila explicou -.-). Mas eu tenho as minhas razões para ficar.

"Por causa da minha mãe..." Schuyler disse. Ficou claro para ela que Cordelia foi autorizada a viver mais então ela poderia tomar dela, já que sua mãe estava... o que sua mãe estava fazendo exatamente? Se ela era uma vampira toma-poderosa, então porque

ela estava em um coma?

Sua avó parecia estar com dor. "Sim. Sua mãe fez algumas escolhas terríveis."

"Por que? Por que ela está em coma? Se ela é invulnerável, por que ela não vai acordar?"

"Isso não cabe a mim discutir," Cordelia disse bruscamente. "O que quer que ela tenha feito, você deveria se considerar privilegiada de ter essa herança."

Schuyler queria perguntar a sua avó o que ela quis dizer com isso, mas o garçom tinha chegado ostentando uma bandeja de prata de três andares carregada com scones (n.t.: um lanche inglês), sanduíches e petit fours. Brilhantes bules de prata com chá preparado foram colocados ao lado de suas xícaras de porcelana.

Schuyler se apressou a servir-se e foi repreendida pela sua avó. "O coador."

Ela acenou e colocou o coador de chá de prata no topo da sua xícara. O garçom pegou o bule e pôs o chá quente no copo. O aroma agradável de excessiva bergamota preencheu seus sentidos. Ela sorriu. Desde que ela era uma garotinha, ela gostava do ritual da tarde. No fundo, o harpista estava tocando uma gentil melodia.

Por alguns minutos, nada foi dito e ela e sua avó se serviram com prazer. Schuyler pôs uma colherada generosa de creme Devonshire em um scone e pôs no topo um monte de coalhada de limão. Ela deu uma mordida, murmurando seu deleite.

Cordelia bateu levemente o seu guardanapo na boca. Ela escolheu um pequeno sanduíche cheio de salada de caranguejo, deu uma pequena mordida, e pôs de volta no seu prato.

Schuyler descobriu que estava morrendo de fome. Ela pegou um sanduíche - fino, de quadrados de pepino, e outro scone.

O garçom silenciosamente reencheu os primeiros dois níveis da bandeja, deslizando discretamente.

"O que você quis dizer com sortuda?" ela perguntou a sua avó. Ela estava confusa. Soou como se ela tivesse algum tipo de escolha por ser quem ela era, mas de tudo que ela aprendeu na reunião, ser uma Sangue Azul era seu destino.

Cordelia deu de ombros. Ela levantou a tampa do bule e amarrou a cara para o garçom que estava parado silenciosamente contra a parede. "Gostaria de mais água quente, por favor," ela disse.

"Você é realmente minha avó?" Schuyler perguntou, entre dentadas de salmão defumado em centeio.

Cordelia sorriu de novo. Era desconcertante, como se uma cortina tivesse sido puxada e Schuyler estivesse sendo finalmente autorizada a uma espiada na verdadeira velha mulher.

"Tecnicamente, não. Você é sensata de discernir isso. Há Quatrocentos de nós desde o começo dos tempos. Nós não temos descendência no sentido tradicional. Como você aprendeu, entre os ciclos, muitos são chamados mas alguns escolhem descansar. Mais e mais de nós estão descansando, cochilando, escolhendo não evoluir e ficando no estado

primitivo. Quando nossos corpos expiram, tudo que resta é uma única gota de sangue com nosso DNA padrão, e quando é hora de liberar um espírito novo, aqueles de nós que escolhem carregar são implantados com uma nova vida. Então de certa forma, nós somos todos relacionados, mas não somos relacionados. Mas você é a minha carga e minha responsabilidade."

Schuyler estava aturdida pelas palavras da avó. O que exatamente ela quis dizer com aquilo? "E o meu pai?" ela perguntou timidamente, pensando no homem alto em um terno preto que visitou sua mãe.

"Seu pai é de nenhuma relevância para você," Cordelia respondeu friamente. "Não pense mais sobre ele. Ele não era digno de sua mãe."

"Mas quem...?" Schuyler nunca tinha conhecido seu pai. Ela sabia o nome dele: Stephen Chase, e que ele era um artista que conheceu sua mãe na inauguração da sua galeria. Mas isso era tudo. Ela não sabia nada da família do seu pai.

"Chega. Ele se foi, é tudo que você precisa saber. Eu te disse, ele morreu logo depois que você nasceu," Cordelia disse. Ela chegou mais perto de sua neta e alisou seu cabelo. Era a primeira vez que Cordelia mostrou afeto físico em muito tempo.

Schuyler pegou um morango azedo. Ela se sentiu diminuída e desconfortável, como se sua avó não estivesse dizendo tudo a ela.

"É um tempo difícil para nós, você vê," Cordelia explicou enquanto ela inspecionava o prato de petit fours e escolhia um biscoito de avelã. "Tem menos e menos de nós escolhendo ir para os próprios ciclos, e nossos valores, nosso modo de vida, está rapidamente desaparecendo. Não muitos de nós estão aderindo ao Código mais. Tem corrupção e divergência na nossa categoria. Muitos tem medo de que nós nunca iremos alcançar o estado de elevação. Ao invés disso, tem aqueles que escolhem se dissolver na escuridão que ameaça nos levar. Imortalidade é uma maldição e uma benção. Eu já vivi demais. Eu lembro demais." Cordelia tomou um longo gole da sua xícara, seu dedo rosa apontando para baixo elegantemente.

Enquanto Cordelia punha sua xícara abaixo, sua face mudou. Decaiu e murchou em frente aos olhos de Schuyler. Schuyler sentiu uma onda de simpatia pela velha mulher, vampira ou não.

"O que você quer dizer?"

"É um tempo rude em que nós vivemos. Cheio de vulgaridades e desespero. Nós tentamos o nosso melhor para influenciar, para mostrar o caminho. Nós somos criaturas de beleza e luz, mas os Sangue Vermelhos não nos ouvem mais. Nós nos tornamos irrelevantes. Tem muitos deles agora, e muito poucos de nós. Vai ser a vontade deles que vai mudar este mundo, não a nossa."

"O que você quer dizer? Charles Force é o mais rico e mais poderoso homem na cidade, e o pai de Bliss é um senador. Os dois são Sangues Azuis, não são?" Schuyler perguntou.

"Charles Force," Cordelia disse severamente enquanto ela agitava o mel no seu chá. Ela largou sua colher com tanta raiva que os outros levantaram a vista com o som. Seu rosto estava duro. "Ele tem sua própria agenda. E quanto ao Senador Llewellyn, segurar um escritório político é uma direta violação do nosso Código. Nós não interferimos diretamente com assuntos políticos humanos. Mas os tempos mudaram. Olhe para sua esposa," Cordelia disse, com uma pitada de desgosto. "Não tem nada de Sangue Azul sobre seu gosto e roupas - 'aspiração as camadas mais pobres', eu acredito que seja chamado." Ela suspirou enquanto Schuyler descansava suas mãos nas dela. "Você é uma boa garota. Eu já te disse muito. Mas talvez vá te ajudar quando você perceber a verdade um dia. Mas não agora."

Era tudo que Cordelia ia dizer sobre o assunto.

Elas acabaram o chá em silêncio. Schuyler comeu um pedaço de éclair de chocolate, mas colocou de volta no seu prato sem terminar. Depois de tudo que Cordelia tinha dito a ela, ela não estava mais com fome.

Vinte e três

Era de enlouquecer como o seu melhor amigo conseguia bagunçar tanto dentro de você e o quanto isso machuca. Oliver sabia exatamente onde apunhalar com seu pequeno punhal. Pessoa Vagem (foi citado em outro cap. era o personagem de um livro ou filme, não lembro ;x) de verdade! Quanto a ele, com sua Vespa e seu corte de cabelo de um-milhão-de-dolares? E suas festas de aniversário anuais no iate da família a duzentos-pés? Não fora apenas outra facada na popularidade que o iludia?

Desda reunião do Comitê e do chá com Cordélia, Schuyler sentia-se deslocada, de mãos atadas, em terreno instável. Havia tanto que sua avó confirmara sobre o passado - e tanto que ela havia deixado passar. Por quê sua mãe estava em coma? O quê havia acontecido com seu pai? Schuyler sentiu-se mais perdida do que nunca, especialmente desde que Oliver parara de falar com ela. Eles nunca discutiram sobre nada antes - eles costumavam brincar que era duas metade de uma mesma pessoa. Eles gostavam de todas as mesmas coisas (50 Cent, filmes de ficção científica, sanduíche de carne defumada lambuzado com mostarda) e não gostavam de todas as mesmas coisas (Eminem, a alfafa da pretenciosa Academy Award, vegetarianos auto-virtuosos).

Mas agora que Schuyler havia movido Jack da coluna 'NÃO' para a coluna 'QUENTE', sem pedir consentimento e aprovação de Oliver, ele tinha deixado de falar com ela.

O resto da semana passou sem incidentes, Cordelia partiu para a sua estada anual no The Vineyard, Oliver continuou a se recusar a notar sua existência, e ela não teve a chance de falar com Jack novamente. Mas desta vez, ela estava muito ocupada

com preocupações do mundo-real - passando em biologia, fazendo seu dever de casa, fazendo suas redações de Inglês - para se preocupar com qualquer um deles. Sua mandíbula doía quando ela retraía e prorrogava seus dentes, e ela estava aliviada por não ter sentido a profunda-estabelecida fome ainda. Ela aprendera com sua avó que a Cerimônia Oscular, o Beijo Sagrado, era uma cerimônia muito especial, e a maioria dos Sangues Azuis esperava até a maior idade (dezoito) para fazê-la; embora incidentes de sucção pré-termo fossem crescendo a cada geração - alguns vampiros faziam mais jovens, com quatorze ou quinze anos já possuíam seu primeiro humano familiar. Pegar um Sangue Vermelho sem seu consentimento também era Contra o Código.

Em um capricho, ela decidiu visitar sua mãe no hospital na sexta a noite depois da escola, já que Oliver não a havia convidado para sair com ele como ele sempre fazia. Além disso, ela tinha um plano, e ela não queria esperar até sábado para testá-lo. Ao invés de ler as notícias novas do jornal como ela fazia toda semana, ela iria fazer algumas perguntas à mãe no lugar. Mesmo que sua mãe não pudesse responder, Schuyler sentiria-se melhor tirando esse peso do peito.

O hospital era quieto em um dia de semana durante a noite. Não haviam muitos visitantes na sala de espera, e havia um desolador, sentimento de abandono no prédio. A vida estava sendo vivida em outros lugares; até as enfermeiras pareciam anciosas pelo fim de semana.

Schuyler olhou através do vidro novamente antes de entrar no quarto da mãe. Assim como antes, lá, no pé da cama, estava o mesmo homem de cabelos-castanhos. Ele estava dizendo algo para sua mãe. Schuyler pressionou o ouvido contra a porta.

"Me perdoe...me perdoe...acorde, por favor, deixe-me ajudá-la..."

Schuyler assistia e escutava. Schuyler sabia quem ele era. Tinha que ser ele. Schuyler sentiu seu coração batendo em excitação.

O homem continuou falando. "Você já me puniu tempo o bastante, você já se puniu tempo o bastante. Volte pra mim. Eu imploro."

A enfermeira de sua mãe apareceu atrás de seu cotovelo. "Oi, Schuyler, o que você está fazendo? Por quê você não entra?" ela perguntou.

"Você não vê ele?" Schuyler sussurrou, apontando para o vidro.

"Ver quem?" A enfermeira perguntou, confusa. "Eu não vejo ninguém."

Schuyler pressionou seus lábios juntos. Então apenas ela podia ver o estranho. Isso era o que ela pensava, e ela sentiu uma agitação de antecipação. "Você não?"

A enfermeira balançou a cabeça e olhou para Schuyler como se houvesse algo realmente muito errado com ela.

"Sim, era só um truque de luz," Schuyler disse. "Eu achei que tinha visto algo..."

A enfermeira deu de ombros e foi embora.

Schuyler entrou no quarto. O visitante misterioso havia desaparecido, mas Schuyler notou que o assento ainda estava quente. Ela olhou ao redor do quarto e começou a

chamar suavemente, pela primeira vez desde que ouvira o choro do estranho. "Pai?" Schuyler sussurrou, andando até o próximo quarto, um quarto-sala-suíte totalmente mobiliado para hóspedes, e olhou ao redor. "Pai? É você? Você está aí?" Não houve resposta, e o homem não reapareceu. Schuyler sentou no assento que ele havia desocupado.

"Eu quero saber sobre o meu pai," Schuyler disse para a mulher silenciosa na cama. "Stephen Chase. Quem ele era? O que ele fez pra você? O que aconteceu? Ele continua vivo? Ele vem visitar você? Era ele aqui, agora?" Ela levantou a voz, então se o visitante ainda estivesse ouvindo, ele ouviria ela. Então seu pai poderia saber que ela sabia que era ele. Ela desejou que ele ficasse e falasse com ela.

Cordelia sempre havia dado a impressão que seu pai havia feito algo dano grave para sua mãe.

Que ele nunca havia amado ela - um fato que ela não podia conciliar com a imagem do homem soluçando do lado da cama de sua mãe.

"Mãe, eu preciso da sua ajuda," Schuyler implorou. "Cordelia disse que você pode levantar a qualquer hora que você queira, mas você não acorda. Acorde, mãe. Acorde por mim. Por favor."

Mas a mulher na cama não se moveu. Não houve resposta.

"Stephen Chase. Seu marido. Ele morreu quando eu nasci. Ou é isso que Cordelia me contou. Essa é a verdade? Meu pai está morto? Mãe? Por favor. Eu preciso saber."

Nem sequer um mexer do dedo do pé. Nem um sinal.

Schuyler desistiu de suas perguntas e pegou as notícias novas do jornal de novo. Ela continuou lendo os anúncios de casamentos, sentindo-se estranhamente confortada pela ladainha das uniões conjugais e sua homogeneidades.

Quando ela já tinha lido cada anúncio, ela parou e beijou sua mãe na bochecha.

A pele de Allegra era fria e aspera ao toque.

Como tocar um morto.

Schuyler saiu, mais desmotivada do que nunca.

VINTE E QUATRO

Naquela noite, quando Schuyler voltou para casa, ela recebeu um interessante telefonema de Linda Farnsworth.

Stiched for Civilization era a melhor companhia de jeans na cidade (e de fato do mundo) no momento. As estampas salpicadas estavam em toda a Times Square, e a assinatura de trezentos-dólares feitiço "Social Lies" - super-baixo-crescimento, levanta-rabo, modelador-de-coxa, com suíças, tingido, branqueado, rasgado, e extra-longo - era o objeto de obsessão cultuado na *jeanerati*. E aparentemente, o designer tinha capotado pela foto de Schuyler.

"Você é o novo rosto da Civilization!" Linda Farnsworth jorrou no celular de Schuyler.

"Eles tem que te ter! Não me faça implorar!"

"Ok, eu acho." Schuyler finalmente disse, ainda se sentindo um pouco tonta pela exuberância de Linda.

Já que Schuyler não conseguia achar uma razão legítima para negar aos deuses da moda (quem era ela para dizer não para Civilization?), na manhã seguinte ela percorreu a parte baixa da cidade para a sessão de fotos marcada. O estúdio fotográfico era longe ao oeste de Chelsea e era alojado em um gigantesco prédio de blocos alongados que tinha à princípio sido uma fábrica de imprensas. O elevador de serviço estava ocupado por um cavalheiro de olhos turvos em um terno utilitário, que tinha que operar manualmente o elevador para levar Schuyler para o andar apropriado.

Ela andou por um labirinto de corredores, notando os montes de nomes de designers e endereços de sites que pareciam familiares nas plaquetas das portas fechadas.

O estúdio fotográfico era no canto nordeste. A porta foi adequadamente aberta e alta música eletrônica estava explodindo de dentro.

Ela entrou, não muito certa do que esperar. O estúdio era um grande espaço aberto, uma caixa toda-branca com brilhantes pisos brancos com poliuretano e janelas a forrar. Um fundo "sem costura" branco estava esculpido em uma parede, e um tripé estava montado na frente disso. Internos bocejantes estavam girando uma cabide de roupas então uma estilista com dreadlocks poderia examinar o vestuário.

"Schuyler!" Um homem magricela com uma sombra a cinco horas, usando uma blusa enrugada e jeans folgados, se aproximou dela apertando sua mão entusiasticamente. Ele estava usando óculos aviador Ray Ban.

"Hey," Schuyler disse.

"Jonas Jones, lembra de mim?" ele perguntou, levantando seus óculos e dando uma risada.

"Oh... claro!" Schuyler disse, um pouco intimidada. Jonas Jones era um dos ex-alunos de Duchesne mais notórios. Ele se graduou há alguns anos. Ele tinha feito um grande respingo no mundo da arte com suas pinturas desafiadas. Ele também tinha feito um filme, *Lumberjack Quadrille*, que foi colocado no Sundance, e sua última reviravolta de carreira era um fotógrafo de moda.

"Muito obrigado por fazer isso," ele disse. "Me desculpe por ser tão de última hora. Mas esse é o negócio." Ele a apresentou a designer da Civilization, uma antiga modelo com apliques hard rock e protuberantes ossos pélvicos.

"Eu sou Anka," ela disse alegremente. "Desculpe por acordar você tão cedo em um sábado. Mas vai ser um longo dia. Mas vai ser ok. Nós temos toneladas de donuts." Ela acenou para a mesa do buffet carregada de caixas verdes-e-brancas de Krispy Kreme. Schuyler já gostava dela.

"Tudo bem. Vamos fazer seu cabelo e maquiagem." Jonas declarou, conduzindo Schuyler em direção ao canto onde o espelho do trocador com duas filas de lâmpadas incandescentes estavam ligadas na frente de duas cadeiras altas de lona preta.

Bliss Llewellyn estava sentada em uma das cadeiras. Linda tinha falhado em mencionar que tinham *dois* rostos da Civilization naquele ano. A garota alta já estava pronta. O cabelo dela tinha sido transformado em um grande e volumoso penteado, e seus lábios estavam pintados com vermelho cereja. Ela estava usando um robe branco macio e conversando no seu celular. Bliss alegremente levou uma mão manicurada na direção de Schuyler.

Schuyler se esquivou. Ela se rebocou de volta a cadeira, e uma maqueadora britânica que se apresentou como Perfeição Smith começou a avaliar a condição da sua pele. Ao mesmo tempo, um severo cabeleireiro agarrou chumaços do seu cabelo para examiná-lo, estalando sua língua em desaprovação.

"Ficou até tarde acordada?" Perfeição inquiriu, segurando para cima o queixo de Schuyler na luz. "Você está bem seca, querida," ela disse em um sotaque londrino anasalado.

"Eu acho," Schuyler disse. Ela não vinha dormindo muito desde a reunião do Comitê. Assustava ela pensar que enquanto ela dormia, seu próprio sangue estava acordando, escorrendo para dentro do seu inconsciente, e todas as memórias e vozes das suas vidas passadas estavam clamando para controlar seu cérebro. Mesmo que Jack tivesse explicado que não funcionava assim - as memórias eram as suas memórias, então elas eram parte de você, e não tinha nada para se assustar sobre isso - Schuyler não estava tão certa.

Ela fechou seus olhos enquanto seu rosto era friccionada, pinçada, cutucada, devastada, empoada, e aplicada generosamente em tudo; e seu cabelo foi puxado, escovado, e secado, quase chamuscando suas raízes.

"OW!" ela ganiu, enquanto o secador chegou perigosamente perto de queimar seu escalpo. Mas o irritável cabeleireiro nem ao menos se desculpou.

Ela estava também tendo problemas em seguir todas as direções. Perfeição estava ladrando para ela. Schuyler nunca tinha imaginado que conseguir fazer sua maquiagem seria tão difícil. Ela tinha que fazer muitas coisas, as vezes ao mesmo tempo, para que a maqueadora pudesse fazer seu trabalho corretamente. Perfeição era como um sargento broca. "Aberto. Mais aberto. Olhe para o lado. Olhe para o outro lado. Olhe para o meu joelho. Olhe para o teto. Feche sua boca. Esfregue seus lábios juntos. Olhe para mim. Olhe para meu joelho."

Schuyler estava exausta quando sua transformação terminou.

"Você está pronta?" Perfeição perguntou. Ela girou a cadeira para que Schuyler pudesse finalmente se ver no espelho.

Schuyler não podia acreditar no que ela viu. Era o rosto da sua mãe a encarando de volta. O rosto que sorria serenamente nas fotos de casamento que Schuyler mantia embaixo da sua cama. Ela era tão linda quanto uma deusa.

"Oh," Schuyler disse, seus olhos arregalados. Até agora, ela nunca soube que parecia com a mãe.

Deus, ela era *realmente* bonita, Bliss pensou. *Bonita* não era nem a palavra - seria como chamar Audrey Hepburn de bonitinha. Schuyler era *extraordinária*. Por que ela nunca tinha ao menos notado aquilo antes? Bliss imaginou. Ela estava falando com Dylan no seu celular - falando a ele sobre a sua festa em casa que ela ia ter mais tarde naquela noite - sua mãe estava indo para D.C. para visitar seu pai, e Jordan estava para dormir fora na casa de uma amiga. Ela estava dizendo a ele a que horas chegar quando ela notou a transformação de Schuyler.

Schuyler parecia uma modelo em cada polegada. Seus lábios estavam cheios e lustrosos. Eles tinham tirado seu cabelo preto-azul então estava pendurado, liso e perfeito como uma cortina de ébano, trazendo o seu melhor de volta. O estilista tinha posto ela em um par de jeans Stichee for Civilization; e por debaixo de todas essas camadas vagabundas, Bliss notou que Schuyler tinha uma linda figura pequena, magra e abandonada. Bliss de repente se sentiu como um cavalo do lado dela.

"Falo com você depois, eles estão nos chamando no set," ela disse a Dylan, fechando seu telefone.

"Deus, você parece tão linda," Bliss sussurrou, quando elas estavam enfileiradas uma ao lado da outra contra a parede branca de fundo.

"Obrigada," Schuyler disse. "Eu me sinto tão boba." Ela nunca tinha usado roupas tão pequenas em público antes, e estava tentando não se sentir muito constrangida sobre isso. As duas estavam usando os jeans, e apenas jeans - suas costas estavam para a câmera, e as duas estavam cobrindo seus peitos com braços cruzados, mesmo que o estilista tivesse passado band-aids sem cor nos seios delas para cobrir seus mamilos. Ela tinha concordado em modelo mais por curiosidade, um experimento social que ela poderia analisar depois, mas ela tinha que admitir, era também muito divertido.

Estava frio no estúdio, e Jonas estava gritando instruções para todo mundo por cima da explosão de Black Eyed Peas para os faladores. Tinha uma atmosfera frenética de assistentes nervosos e técnicos de luz pulando a cada palavra do fotógrafo. Bliss e Schuyler foram atacadas com latas de spray de cabelo onde quer que tivesse uma falha. A gravidade sem expressão prevaleceu enquanto Jonas e Anka acaloradamente discutiam problemas como se o cabelo delas tinha que ser jogado pelo vento ou não (sexy ou clichê?), ou se os jeans pareciam melhores de frente ou de lado.

As garotas posaram e fizeram beicinho, tentando não piscar com o flash da câmera. Se sentindo inspirada de repente, Bliss puxou Schuyler para mais perto para um abraço apertado.

"Torcido," Jonas sorriu afetadamente de trás das lentes.

Durante o intervalo para almoço, elas puseram os robes de novo e se juntaram a multidão em volta da mesa de buffet, empilhando em seus pratos vegetais e atum seco. (Raro, obrigado Deus, Bliss pensou.)

"Fumam?" Jonas perguntou, pegando um pacote amassado de cigarros do seu bolso de

trás. "Vamos lá garotas, se juntem a mim."

Elas puseram seu prato de lado e seguiram ele e Anka ao balcão.

"Então, vocês duas vão para Duchesne?" Anka perguntou, dando uma tragada um longo cigarro de menta e respirando aquilo enquanto Jonas ligava o dele com o seu Zippo.

"Uh-huh," Bliss acenou, aceitando alguma coisa esmagada Camel de Jonas.

Schuyler sacudiu a cabeça. Cigarros faziam ela ficar doente. Ela só estava ali fora pela companhia e a vista. O balcão tinha a vista de cima de ferroviárias abandonadas ao lado do rio. Uma barca estava vagorosamente fazendo seu caminho pela água. Schuyler olhou em volta alegremente. Ela nunca iria ficar cansada de olhar a cidade.

"Eu fui para Kent," Anka voluntariou. "Eu conheci Jonas no RISD."

Jonas concordou. "Nós temos colaborado desde então." Ele deu uma tragada. "Nós estamos tão felizes de termos encontrado vocês garotas. Nós realmente queríamos o seu tipo para ser o rosto da campanha."

"Nosso tipo?" Schuyler perguntou.

Anka riu, e suas presas apareceram em um flash.

"Vocês são Sangues Azuis!" Bliss engasgou-se.

"Claro." Jonas concordou, divertido. "A maioria das pessoas no mundo fashion é. Não tinham notado?"

"Como você pode dizer?"

"Você apenas sabe - no formato dos olhos e uma certa estrutura óssea global," Jonas explicou. "Mais, nós também somos realmente, realmente meticulosos. Apenas olhe para Brannon Frost, o editor-chefe da *Chic*. Alô."

"Ela é uma vampira?" Bliss espantou-se. Mas então, fez muito mais sentido - a figura frágil, os óculos escuros muito grandes, a pele pálida, a rigorosa dedicação à perfeição.

"Quem mais?" Schuyler perguntou.

Jonas facilmente disse muitos outros nomes: um designer popular "bad-boy" que recentemente tinha revitalizado o estilo gótico-grunge, uma modelo que era o atual rosto de uma companhia de lingerie, um aclamado maqueador que popularizou polimento de unhas. "Tem toneladas," ele disse, arremessando seu cigarro no balcão.

Eles mudaram de assunto quando muitas pessoas da multidão vieram para fora para se juntar a eles, e Jonas começou a contar uma série de piadas rudes que apenas Perfeição podia chegar em grosseria. Schuyler riu com todo o resto, sentindo como se ela e Bliss fossem parte de uma improvisada, ligeiramente desordenada família.

"Por que Mimi não está aqui?" Schuyler perguntou de repente. Não fazia sentido que ela ia ter essa experiência enquanto Mimi, que prosperava nesse tipo de atenção, tivesse sido deixada de lado.

Bliss de repente riu. Ela tinha esquecido completamente de Mimi. Mimi ia morrer quando ouvisse que Bliss e Schuyler foram escolhidas para a campanha da *Stitched for Civilization* e ela não!

"Sim, onde está Mimi?" Bliss perguntou.

Jonas coçou sua cabeça. Schuyler notou as marcas azuis desbotadas nos braços dele. "Mimi Force? Nós consideramos ela, por tipo, um segundo. Lembra Ank? O que aconteceu com ela?"

"Linda me disse o que ela cobrava," Anka disse. "Aparentemente quando ela se inscreveu, ela disse a Linda que ela não iria levantar da cama por menos que dez mil dólares por dia. Desculpe, garotas, mas com nenhuma experiência, isso é só irrealista. Eu nem mesmo fiz uma oferta. Além disso, nós queríamos vocês duas."

"Eu acho que dormir é simplesmente muito importante para ela." Bliss sorriu afetadamente. "Ela não sabe o que está perdendo." Bliss deu a Schuyler um dos seus raros, genuínos sorrisos.

"Certo." Schuyler acenou.

Schuyler sorriu de volta. Ela estava começando a gostar de Bliss Llewellyn ainda mais. Elas voltaram para a sessão, se arrumando uma sobre a outra, e quando Jonas gritou, "Fogo! Fogo! Me dêem fogo!" elas praticamente queimaram as lentes.

Vinte e cinco

Eles deixaram-na ficar com o jeans! Schuyler estava maravilhada.

A seção terminou tarde, já havia passado das seis da tarde, e pelo tempo que eles levaram já estava escuro do lado de fora. Ela disse seu adeus e jogou muitos beijos no ar, acenando loucamente para todos da esquina. O alegre bando se dispersou - Anka e os estilistas desapareceram em um caro, o cabeleireiro e o maquiador entraram em cabines de taxis, Jonas e seus assistentes para o bar mais próximo.

"Você quer uma carona para a parte alta da cidade?" Bliss perguntou. "Meu motorista vai chegar aqui logo."

Schuyler balançou a cabeça. "Obrigada, mas não. Eu acho que vou andar um pouco." Era uma noite boa, sem nuvens e fresca.

Bliss deu de ombros. Ela já estava fumando um cigarro, e usando uma blusa apertada, jeans novos, e um roxo casaco de pele de macaco, ela se parecia inteiramente com uma off-modelo de profissão. "Ajude a si mesma. Não se esqueça, minha casa, hoje às dez da noite."

Schuyler deu de ombros. Ela abraçou a sacola de plástico com seus novos jeans fortemente. Ela tinha voltado a usar suas muitas camadas - uma blusa preta sobre uma gola olímpica sobre uma saia preta sobre um jeans cinza e meias listradas em preto-e-branco, com suas surradas botas de combate pretas. Ela pretendia andar para o leste na Seventh Avenue, e continuar passeando até a Times Square, Lincoln Center, e no Upper West Side no caminho de casa.

Enquanto ela caminhava pelo leste da Tenth Avenue, ela sentiu-se um pouco receosa. As ruas estavam completamente desertas; os edificios entrepostos que abrigavam novas

galerias de arte eram escuros e ameaçadores.

Os postes de iluminação estavam falhando e havia poças no chão de uma chuva recente. De repente Schuyler desejou ter aceito a oferta de carona de Bliss. Sentido-se ansiosa, ela começou a caminhar mais rápido para chegar até as avenidas mais bem iluminadas. Se ela pelo menos pudesse chegar até a Ninth, com cafeterias e butiques, ela sabia que estaria a salvo.

Ela tentou espantar o medo, pensando que isso era meramente paranóia por causa do escuro - e quem era ela para ter medo do escuro de qualquer modo? Ela era uma vampira! Ela riu macabramente, mas ela ainda sentia a mesma pontada de medo de antes.

Ela não podia negar isso mais.

Alguém a estava seguindo.

Ou alguma coisa...

Ela começou a correr rapidamente, seu coração batendo loucamente no peito, e sua respiração saindo em rápidos suspiros. Ela virou para trás...

Uma sombra contra uma parede.

A sombra dela. Ela pestanejou. Nada. Não havia nada nem ninguém. Você é apenas paranóica, você é apenas paranóica, ela disse a si mesma. Ela se forçou a andar mais devagar, para mostrar a si mesma que ela não estava com medo.

Só mais alguns passos para chegar ao céu da Ninth Avenue...tão perto...ela virou-se para trás mais uma vez... e sentiu algo se virando e a alcançando para agarrar seu pescoço.

Ela lutava para respirar, para abrir os olhos, para espernear, mas ela não conseguia gritar; era como se algo estivesse bloqueando e apertando sua garganta firmemente. Uma negra, gigante criatura...alta e forte como um homem, com uma densa e nociva presença...olhos avermelhados, olhos avermelhados com pupilas vermelhas que brilhavam no escuro, encarando-a...perfurando seu cérebro...e então ela sentiu isso...

Não! Não! Não!

Ela se recusou a acreditar, mas sim, haviam marcas de presas em sua pele - mas como isso poderia ser? Ela era um deles! O quê era isso?

Com toda a força que tinha, ela puxou seu atacante para si - mas ela falhou, arranhando nada, apenas o vento que tinha em suas mãos que não era útil, as presas desceram furando seu pescoço - seu sangue, seu brilhante sangue azul, tirando a vida de dentro dela...ela estava tonta e confusa...ela estava desmaiando - quando repentinamente um borrão preto-azulado se materializou, latindo loucamente.

Beauty!

O cão de caça rosnou e saltou sobre a negra criatura. O monstro a libertou, e Schuyler cambaleou para o lado sujo da calçada, apertando o lado do pescoço.

Seu cão de caça corria em círculos, rosnando e latindo alto. A criatura negra desapareceu.

Beauty ainda estava latindo quando Schuyler finalmente abriu os olhos. Alguém a

estava segurando de pé.

"Você está bem?" Bliss Llewellyn perguntou.

"Eu não sei," Schuyler disse, ainda em choque. Ela tentou recuperar o equilíbrio, se inclinando fortemente sobre os ombros de Bliss, suas pernas ainda tremiam.

"Easy," Bliss irritou-se.

Beauty ainda estava latindo, com altos, zangados 'holws', e rosnando para Bliss.

"Calma, Beauty, calma, essa é a Bliss, ela é minha amiga," Schuyler disse, colocando o braço ao redor para aliviar os tremores do cão. Mas o cão não parou. Beauty correu em torno de Bliss, mordendo seus calcanhares.

"Ouch!"

"Beauty, é o suficiente!" Schuyler disse, tendo agarrado a coleira de Beauty. De onde ela tinha vindo? Como ela soube? Schuyler olhou dentro dos inteligentes olhos negros do cachorro. Você me salvou, ela pensou.

"O que aconteceu" Bliss perguntou novamente.

"Eu não sei. Eu só estava andando quando alguma coisa me atacou por trás..."

"Eu ouvi você," Bliss disse, sua voz falhando. "Eu estava esperando lá, do lado de fora do estúdio, pelo meu carro, quando eu te ouvi gritando descendo o quarteirão, então eu corri para ajudar."

Schuyler acenou distraidamente com a cabeça, ainda tonta com a experiência. Sua bolsa e seu conteúdo estavam espalhados em volta dela - seus livros abertos e humedecidos nas poças, seu novo jeans ganhado jogado em uma pilha.

"O quê você acha que era?" Bliss perguntou, ajudando Schuyler a recolher suas coisas e a colocá-las de volta na bolsa de couro.

"Eu não sei...pareceu...irreal," Schuyler gaguejou.

Ela subiu o zíper da bolsa e a colocou próxima no ombro. Ela ainda sentia o chão um pouco instável sob seus pés, mas segurar a coleira de Beauty a fazia se sentir melhor de alguma maneira. Ela sentia-se mais forte com o cão de caça, mais substancial.

Já, a lembrança do ataque estava começando a ir embora - uma negra bagunça, com brilhantes olhos vermelhos e pupilas prateadas - e dentes, dentes afiados o bastante para perfurar pele - presas - assim como as dela - mas quando seus dedos tocaram o lado de seu peçoço, não havia mais nada. Não uma ferida. Nem mesmo um arranhão.

Diário de Catherine Carver

23 de dezembro, 1620

Plymouth, Massachusetts

Ai de mim! Ai de mim! Todos de Roanoke estão desaparecidos, Myles e os homens não encontraram nada da colônia. Os abrigos haviam sido desfeitos, não havia sinal de animais. Não havia nada além de um nu pedaço de campo. Nada permaneceu no assentamento, exceto por um sinal solitário pregado em uma árvore. Jonh me mostrou o

sinal.

CROATAN

Meu sangue gelou ao ver isto! Ai de mim! Ai de nós! Era verdade. Nós fomos amaldiçoados! Eles estão aqui. Tudo está perdido! Nós derramamos lágrimas pelos nossos. Mas nós devemos proteger as crianças. Nós não estamos a salvo!

Vinte e seis

Ridículo. Era uma das palavras favoritas de Mimi.

Sua bolsa de pele de crocodilo Birkin? Ridículo! O novo jato G-5 do pai? Ridículo! A festa na casa de Bliss Llewellyn? O TOP, baby. O máximo do ridículo. Não havia nada como uma festa para fazer o seu sangue correr. Mimi examinou a sala lotada. Quase todo mundo do Comitê estava lá, e uma ótima seleção de Sangues Vermelhos de aparência-deliciosa. Ela estava feliz por ter convencido Bliss a dar a festa.

As coisas estavam tomando um rumo sério demais na escola - exames até para virar a esquina, os mais velhos estressando-se por causa dos requerimentos, a tristeza persistente pelo funeral de Aggie - e todos eles precisavam relaxar.

Bliss tinha sido hesitante no começo - bombardeando Mimi com milhares de preocupações semelhantes como, alguém vai fazer um show? E quanto a comida? Quem vai comprar a cerveja? E quanto a mobília? E se algo acontecer com ela? Algumas dessas coisas são realmente caras! Ela quase tinha deixado Mimi louca com toda a histeria. "Deixe tudo em minhas mãos capazes," Mimi disse finalmente à amiga.

Então, em uma rápida sucessão, Mimi comandou um exército de publicitários e planejadores de eventos para transformar o apartamento triplex dos Llewellyns em um paraíso bacana - complete com patrocínio para open-bar (se é que alcool tinha algum efeito sobre eles, de qualquer modo), uma tripulação de modelos segurando bandejas com canapés comestíveis (batatas cheias de caviar, lagosta com pasta e coquetel de camarão), e brilhantes e coloridas bolsas recheadas com uma linha completa de luxuosos produtos de banho. Mimi havia ainda contratado uma equipe de reflexologistas, aromaterapeutas, e massagistas Suecos para os pés, mãos e massagens nas costas para os convidados. Os alvos-brancos "policiais mimados" estavam ocupados no trabalho de amassar, cortar, aliviar o estresse causado pelas escolas particulares de elite.

Bliss chegou em casa para encontrar toda a mobília sobre o baixo piso substituída por divãs listrados como zebras, tapetes de pelúcia e luminárias Aero. Um DJ estava em frente a lareira.

"Não enlouqueça, ok?" Mimi disse, colocando uma mão em frente ao rosto de Bliss.

"O que diab-?" Bliss perguntou, olhando em volta da total transformação do apartamento dos pais dela de lar para o estilo dicoteca anos 60.

Mimi explicou que tinha todas as coisas dos pais de Bliss em segurança mantidas em

um local de armazenamento, e que tudo seria colocado no lugar amanhã de manhã antes de eles voltarem para casa. Ela tirou a ideia das revistas de design, que sugeria que uma casa vazia era um lugar perfeito para uma festa.

"Eu sou um gênio ou o quê? Desse jeito, você não precisa se preocupar com nada sendo roubado ou quebrado," Mimi assegurou, "Aonde você estava? Você está atrasada!"

Bliss balançou a cabeça, horrorizada. Ela se perguntou o que a sua madrastra diria se descobrisse que tudo de sua preciosa casa desRês estava em algum lugar em Jersey. Ela interrompeu Mimi por um segundo, levantando as mãos para cima em redenção, e andou para o quarto para se trocar.

"Você é bem-vindo!" Mimi chamou.

O último bom remix (Desty's Child vs. Nirvana) estava explodindo dos sistema de som estério dos Llewellyns. Mimi sorriu para si mesma no escuro. Ela humedeceu os lábios, que brilharam com uma cor de vermelho sangue. Seu namorado Italiano estava em algum lugar, desmaiado como de costume.

"Lychee martini?" (é um martini feito com umas frutinhas chinesas :B) uma garçonete perguntou, oferecendo a ela um coquetel.

Uma perfeita presa. Mimi sorriu e esvaziou o copo. Então ela pegou outro e outro, enquanto a confusa servente apenas a encarava.

"Com sede?" uma voz por de trás dela perguntou.

Mimi se virou.

Dylan Ward a estava assistindo, seus cabelos escuros encobrindo os olhos. A mesma sensação de pavor apoderou-se dela.

"O que é sede pra você?" ela zombou.

Dylan deu de ombros.

Mimi andou até mais próxima a ele. Ela estava vestindo um corpete vermelho, jaqueta Dsquared e uma saia rodada de chiffon que abraçava suas curvas. A irritou que Dylan nem reparasse o quão boas as pernas dela pareciam naquela saia. Havia algo insolente nisso. Era como se ele nunca ligasse para como ela parecia! Blasfêmia! Ela checou o pescoço dele. Até agora, nenhum sinal de que Bliss havia tentado fechar com suas obrigações. Mimi sorriu para si mesma. Uma ideia formando-se em sua cabeça. Agora, isso poderia ser divertido.

Se ela realizasse a Cerimônia Oscular com Dylan antes que Bliss fizesse, ele seria destinado a ela para sempre.

Ele esqueceria tudo sobre Bliss. Isso seria por Bliss ter continuado a vê-lo mesmo que Mimi tivesse proibido. Não que algum dia ela tivesse sido interessada em Dylan ou algo assim, ela só estava entediada.

Ela baixou seus olhos em flerte. "Me ajuda com uma coisa?" ela perguntou, conduzindo-o para se afastar da festa.

Nas sombras, ela olhou como uma garota indefesa, e mesmo sem pensar sobre o

assunto, Dylan se achou seguindo-a automaticamente se distanciando edistanciando, entrando profundamente na escuridão.

"Mas ela me convidou! Eu conheço a dona deste apartamento!" Schuyler argumentou. Ela nunca tinha ouvido falar de uma festa em casa que tinha uma lista de convidados. Mas então de novo, ela nunca havia sido convidada para uma. O elevador se abriu para a parte baixa do apartamento, e Schuyler se encontrou barrada por uma estrutura insensível - enfrentando garotas RP (relações públicas).

"Você tem convite?" uma delas exigiu, masgando seu chiclete e olhando maldosamente para as roupas inadequadas de Schuyler.

Ela estava vestindo uma túnica fluída com camadas de plástico cobertas de pérolas, shorts de algodão sobre leggings pretas, e roçando os pés nas botas de cowboy.

"Eu só soube da festa hoje," Schuyler lamentou.

"Eu sinto muito, você não está na lista," a garota da prancheta respondeu, saboreando a rejeição.

Schuyler estava prestes a entrar no elevador e ir para casa, quando Bliss apareceu por uma porta escondida.

"Bliss!" Schuyler chorou. "Eles não me deixam entrar."

Bliss marchou até lá. Ela havia tomado banho e mudado para um elegante-conveniente vestido Missoni com ziguezagues listrados e sandálias gladiador de salto alto. Ela segurou Schuyler pelo braço e passou com ela pela barricada de RP, mediante ao protesto da garota endiabrada da prancheta. Ela levou Schuyler até a sala principal, que estava lotada com crianças da Duchesne pescando drinks no bar, esparramados sobre almofadas, ou dançando provocativamente perto da janela.

"Obrigada," Schuyler disse.

"Desculpe por aquilo. É a Mimi. Eu disse a ela que meus pais iriam estar fora e eu estava pensando em chamar algumas pessoas, e ela juntou tudo, como a Pós-Festa da MTV Movie Awards."

Schuyler riu. Ela olhou ao redor - havia go-go boys e go-go-girls se movimentando em gaiolas penduradas no teto, e ela reconheceu vários rostos famosos na mistura. "Isso não é-?" Schuyler perguntou, notando uma atriz adolescente afunilando cerveja na frente de uma multidão aplaudindo.

"É," Bliss suspirou. "Vamos lá, deixe eu mostrar o resto do lugar. Não costuma parecer desse jeito."

"Eu adoraria - mas eu preciso fazer uma coisa primeiro."

Bliss levantou a sobrancelha. "Oh?"

"Eu preciso achar Jack Force."

Ela tinha de achar Jack Force. Ela tinha que dizer a ele o que havia acontecido com ela. Eles mal haviam se falado desde a noite do The Informals, mas ela percebeu que ele era o único que poderia entender. Ela estava lutando para manter a lembrança - já estava sumindo - logo ela não iria mais conseguir se lembrar dos detalhes exatos de onde, por

quê, ou como isso tinha acontecido - exceto pelos olhos, brilhantes olhos vermelhos no escuro, com pupilas prateadas. Olhos vermelhos e dentes afiados.

Mas a casa dos Llewellyns era como uma casa que magicamente se expandia - todos os lugares para onde você se virava, havia sala e salas inutilizadas com inúmeras entradas, com tesouros escondidos. Schuyler encontrou uma piscina interna na cobertura, equipamento de ginástica, e o que parecia com equipamento para um dia de spa nas instalações, completo com mesas de massagem e óleos essenciais, e bem como um quarto de jogos cheio com velharias - brinquedos arcáicos de carnaval, com contador automático de dinheiro e jogos com moedas, tudo em perfeita condição de conservação. Ela puxou uma carta de uma pilha e removeu sua sorte.

VOCÊ É UM VIAJANTE DO CORAÇÃO.

MUITAS JORNADAS ESPERAM POR VOCÊ.

Ela desejou que Oliver estivesse lá para ver isso.

"Você viu o Jack? Jack Force?" ela perguntava para todos com quem topava.

Haviam dito que ele tinha acabado de sair, ou estava em outro andar, ou que estava chegando. Ele parecia estar em todos os lugares e em nenhum.

No fim, ela o achou em um quarto de hóspedes vazio no andar mais alto. Ele estava tocando um violão e cantando suavemente para ele mesmo. Descendo as escadas estava a festa caseira do século, mas Jack preferia o silêncio subindo as escadas.

"Schuyler?" ele disse, sem olhar.

"Algo aconteceu," ela disse, fechando a porta atrás de si suavemente. Agora que ela finalmente o havia encontrado, todos os sentimentos que ela tinha enterrado vieram à tona. Ela estava tremendo, tão assustada que nem percebeu que eles estavam sozinhos. Seus olhos estavam largos e assustados.

Sem pensar duas vezes, ela correu para o lado dele e sentou-se próxima a ele na cama. Ele colocou um braço em volta dela protetoramente. "O que aconteceu?"

"Eu estava em uma seção de fotos hoje, e depois, eu estava andando sozinha...e eu estava...eu não posso lembrar..."

Ela lutou com as palavras. Com as imagens. Em tempo, elas estavam queimando em seu cérebro, ainda sentido dificuldade em alcançá-las. Ela voltou os trilhos em sua memória - algo terrível tinha acontecido com ela - mas o quê? Quais palavras poderiam dizer o que havia acontecido, e por quê sua memória a estava traindo?

"Eu fui atacada," ela se forçou a dizer.

"O quê?" ele chingou. Ele apertou-lhe os ombros, então a segurou mais perto. "Por quem? Me conte."

"Eu não me lembro. Se foi, mas era...poderoso, eu não consegui pará-lo.

Vermelhos...olhos vermelhos...dentes...indo sugar...aqui," ela disse, apontando para o próprio pescoço. "Eu senti, dentro das minhas veias...mas veja, eu não tenho nenhuma ferida? Eu não entendo." Jack amarrou a cara. Ele manteve os braços em volta dela. "Eu

vou te dizer uma coisa. Uma coisa importante."

Schuyler balançou a cabeça.

"Algo está nos caçando. Há algo lá fora caçando Sangues Azuis," ele disse pacientemente. "Eu não estava certo antes, mas eu estou agora."

"O quê você quer dizer com nos caçando? Eles não estão pra trás? Nós somos os únicos de quem todo mundo precisa ter medo!"

Jack balançou a cabeça. "Eu sei que isso não faz sentido."

"Porque O Comitê disse que nós não podemos ser mort-"

"Exatamente," Jack interrompeu. "Eles sempre nós disseram que nós vivemos para sempre, que nós somos imortais e invulneráveis, que nada pode nos matar, certo?" ele perguntou.

Schuyler acenou distraidamente. "É o que eu estava te dizendo."

"E eles estão certos. Eu tentei."

"Tentou o quê?"

"Eu me joguei na frente de trens. Eu me cortei. Fui eu quem caiu da janela da biblioteca no ano passado."

Schuyler se lembrou daquele rumor - que alguma criança havia pulado do terceiro andar e aterrissado no Cortile. Mas ela não tinha acreditado nisso. Ninguém poderia sobreviver a uma queda do terceiro andar e sobreviver, muito menos sair andando nos próprios pés.

"Por quê?"

"Para ver se tudo o que tinham nos dito era verdade."

"Mas você poderia ter morrido!"

"Não. Eu não poderia. O Comitê estava certo sobre isso, pelo menos."

"Aquela noite - aquela noite em frente ao Bloco 122 - você foi acertado pelo taxi."

Ele acenou distraído. "Mas não me machucou."

"Não." Schuyler concordou. Então ela havia visto ele cair debaixo do taxi. Ele deveria ter morrido.

Mas ele aparecera do lado da calçada, inteiro. Ela pensou que estava consada por causa da noite, e por isso seus olhos estavam falhando. Mas isso realmente tinha acontecido. Ela viu.

"Schuyler, me escute. Nada pode nos prejudicar...exceto-"

"Exceto...?"

"Eu não sei!" Ele colocou as mãos em punhos em frustração.

"Mas há algo lá fora. O Comitê não está nos contando tudo."

Jack explicou que antes da primeira reunião, os membros antigos do Comitê decidiram que era cedo para contar sobre o perigo. E ao invés de avisarem todo mundo, era melhor deixá-los no escuro por agora. Era suficiente que vocês descobrissem sobre a herança primeiro; sem razões para tocar os sinais de alarme onde talvez não haja nada. Exceto que ele não acreditou neles. Ele sabia que eles estavam

escondendo alguma coisa deles.

"Eles estão escondendo algo. Eu acho que pode ser algo que já tenho acontecido antes, na nossa história. Algo que tenha a ver com Plymouth, quando nós chegamos aqui. Eu tentei chegar até lá, mas é como se isso estivesse bloqueado na minha cabeça. Quando eu tento pensar sobre isso, tudo o que eu consigo lembrar é uma palavra. Uma mensagem deixada em uma árvore em um campo vazio. Contém só uma palavra: Croatan."

"O que é isso? Croatan?" Schuyler estremeceu, sentindo repulsa pelo mero som da palavra.

"Eu não faço ideia." Jack balançou a cabeça. "Eu nem sei o que é isso. Pode ser alguma coisa. Talvez seja um lugar, eu não tenho certeza. Mas eu acho que tem algo a ver com o que não nos contaram. Algo sobre o poder de matar Sangues Azuis."

"Mas como você sabe? Como você pode estar tão certo?" ela perguntou a ele, alarmada. "Porque como eu te disse, Aggie Carondolet foi assassinada," ele disse, olhando significativamente com seus intensos olhos azuis. Schuyler silenciou. "E?"

"Aggie era uma vampira."

Schuyler arfou. É claro! Foi por isso que ela se sentiu tão empática no funeral. Ela sabia, de alguma maneira, que Aggie era um deles.

"Ela nunca vai voltar. Ela se foi. O sangue - todo ele - foi drenado para fora de seu corpo. As memórias dela, as vidas, a alma - se foram. Sugadas, assim como nós sugamos os Sangues Vermelhos," ele disse tristemente. "Extinguida. Levada."

Schuyler olhou para ele em horror. Não podia ser verdade.

"E ela não foi a primeira. Isso já aconteceu antes."

Diário de Catherine Carver

25 de Dezembro, 1620

Plymouth, Massachusetts

Pânico em todos os lugares. Metade de nós está determinado a fugir, achar solo seguro. Talvez para o sul, para mais longe. O Conclave está reunido hoje para discutir as alternativas. John está convencido que um deles está escondendo amongus, que um de nós sucumbiu ao poder deles. Ele está determinado a convencer os Anciãos. Willian White vai apoiá-lo, ele disse. Mas Myles Standish está inflexível sobre ficar. Ele argumentou que não existem provas, mesmo que a colônia Roanoke tenha partido, que eles tenham sido pegos por Croatan. Uma mentira histórica, ele disse, talvez até uma conduta enganosa. Ele não vai acreditar em avisos pregados em árvores. O Conclave está em discordância, nunca tinha acontecido de eles não chegarem a um acordo. Não é a nossa forma de duvidar. Myles Standish nos leva bem pelo que eu me lembro. Mas John está certo de que é perigoso. Ficar ou fugir? Mas

para onde nós iremos?

-C.C

VINTE E SETE

O que estava acontecendo com o gelo-seco? Era como um show de mágica ruim ali. Bliss mandou embora com um aceno alguns calouros se servindo de mais de uma linda bolsa na mesa de saída, e circulou pela sala. Ela sentiu um pânico crescente. Ela não conseguia achar Dylan em lugar nenhum. O único cara que ela queria ver, e ele não estava lá.

Ela se enterrou no sofá de couro e olhou para o corredor levando aos quartos de massagem. Duas pessoas estavam se agarrando atrás da escultura de gelo. A figura mais alta parecia familiar - aquela usada, castigada manga de couro, as franjas daquele lenço de seda branco - tinha que ser...

"Dylan?" Bliss perguntou.

Mimi se virou. Merda. Ela devia ter levado ele para um banheiro ou algum lugar mais privado. Ela retraiu suas presas rapidamente e pôs seu sorriso mais deslumbrante.

"Bliss, querida. Aí está você," ela disse.

Dylan se virou, seus olhos vidrados e fora de foco. "O que você está fazendo?" Bliss perguntou a Mimi.

"Nada." Mimi deu de ombros. "Nós só estávamos conversando."

Bliss puxou Dylan do corredor escuro. Ela procurou por marcas em seu pescoço, mas não tinha nenhuma. Bom. Ela deu um olhar penetrante para Mimi e o soltou.

"O que você estava fazendo com ela?" Bliss exigiu.

Dylan deu de ombros. Ele não tinha nem percebido que estava com Mimi Force. Ele tinha estado perdido em um torpor, como se ele estivesse sob um feitiço. Ele piscou e olhou para Bliss. "Onde você esteve?" ele perguntou, sua voz normal de repente.

"Procurando por você," ela disse.

Ele sorriu.

"Vamos, eu quero te mostrar meu quarto," Bliss disse.

Dylan parecia estranho nos confins do quarto dela. Era como se ele fosse muito masculino, muito sujo... muito real. Ele sorriu afetadamente para sua cama branca de princesa com o seu cachecol macio florido, para o tapete verde-claro, o papel de parede rosa, o armário branco de vime, a casa de boneca de quatro andares, as luzes de teatro na sua penteadeira.

"Ok, eu sei. É um pouco menininha," ela admitiu.

"Um pouco?" ele gracejou.

"Não sou eu. É minha madrastra. Ela pensa que eu ainda tenho tipo, doze ou algo assim."

Dylan riu. Ele fechou a porta suavemente e diminuiu as luzes.

Bliss de repente se sentiu nervosa. "Com licença por um segundo," ela disse, deslizando

para o banheiro para normalizar a respiração.

Ia ser sua primeira vez, e ela estava um pouco assustada sobre isso. Ela ia fazer aquilo - AQUILO - o *Caerimonia Osculor* - isso ia ligar ele a ela em sangue. Ela ia dar a ele o Beijo Sagrado - mas ele não sabia ainda.

Aparentemente, você apenas começa a fazer isso - e eles - os humanos - eles iam começar a se contorcer em êxtase e tudo ia ser quente e suado - e depois ela ia se sentir melhor do que nunca se sentiu antes.

Quando ela saiu, Dylan já estava deitado na sua cama, suas costas contra os travesseiros fofos. Ele parecia magro e sexy em suas camisas rasgadas Ben Folds. Ele chutou seus Nike Dunks e deu palmadinhas no espaço vazio a seu lado.

Bliss encontrou seu lenço e sua jaqueta de couro pendurados em um dos suportes verticais da cama, e aquilo deu a ela uma idéia. Ela deslizou uma cópia das suas chaves no bolso dele.

"O que você está fazendo?" Dylan perguntou.

"Nada - apenas dando a você algo que talvez faça ser mais fácil para nós ficarmos juntos na próxima vez," Bliss disse recatadamente.

"Bem, vem cá *agora*."

"Estou com frio," ela disse, deslizando para dentro das cobertas.

Depois de um segundo, Dylan puxou de lado as cobertas e deslizou para dentro ao lado dela.

Eles ficaram deitados por um tempo, ouvindo o som de um rap ganstêr retumbando do segundo andar.

"Você está muito fria," ele estranhou.

"Mas sua pele está quente," ela disse.

Ele colocou seus braços ao redor dela. Eles começaram a se beijar e Bliss estava agradecida por não ter desmaiado dessa vez, enquanto ela sentiu sua mão explorar por dentro do seu vestido, chegando ao seu sutiã. Ela sorriu, pensando que garotos eram todos parecidos. Ele poderia ter o que ele queria, mas não antes que ela pegasse o que queria.

Ela fechou os olhos, sentindo suas mãos quentes soltando o fecho do seu sutiã. Ele puxou seu vestido, por cima da sua cabeça. Ela se levantou um pouco da cama para ajudar ele, e então ela estava deitada ali, em apenas sua tanga Cosabella, antes dele.

Ela abriu seus olhos para ver ele pairando sobre ela. Ela puxou ele para mais perto.

Ele cruzou os braços e puxou sua camisa pelo peito. Ele era tão magro que ela podia sentir suas costelas dentro da pele. Os dois estavam respirando rápido, e em um momento, ele estava deitado em cima dela, empurrando seu corpo contra o dela.

Ela acariciou o pescoço dele e sentiu o duro choque dentro do jeans dele apertando ela.

Ela rolou sobre ele, então ela estava em cima do peito dele. Ele segurou ela perto, suas mãos acariciando as costas dela, deslizando pela sua roupa de baixo. Ela começou beijando sua boca, a linha da sua mandíbula, lambendo seu caminho até embaixo.

Ela sentiu seu dente de trás estender; ela ia fazer aquilo - Agora! Ela podia quase sentir o gosto do grosso, rico sangue dele - ela abriu sua mandíbula, e de repente, o quarto estava flamejando com luz.

"Que porra é essa?" Dylan colocou sua cabeça para fora da manta de lã.

Duas segundo-anistas bêbadas estavam paradas no corredor, observando eles.

"Oops!"

Bliss olhou para elas, suas presas ainda para fora. As duas garotas na porta gritaram.

Bliss rapidamente desarmou-se. Merda. O Comitê tinha alertado eles sobre isso - eles não podiam permitir que os Sangue Vermelho vissem eles como eles eram, conhecer sua verdadeira natureza. Eles eram apenas crianças. Talvez iriam pensar que eles estavam só imaginando coisas.

Houve um alto barulho de trás dela. Dylan tinha caído da cama e estava rolando pesadamente no chão.

Ainda debaixo do cobertor, Bliss se virou e viu o que tinha feito ele pular. Seu pai estava parado no corredor. De onde ele tinha vindo? Como eles chegaram em cama tão cedo? Bliss lutou para colocar seu vestido de volta.

"O que está acontecendo aqui?" o senador perguntou. "Bliss, você está bem? E quem é você?" ele perguntou.

Dylan estava pulando em volta, subindo o zíper dos seus jeans e abaixando sua camisa. Ele agarrou sua jaqueta de couro e meteu seus pés de volta nos tênis. "Uh, prazer em te conhecer, também."

"Qual é o significado disso?" Forsyth Llewellyn exigiu. "Bliss, quem era esse garoto?"

Com o coração afundando, ela ouviu o barulho que os pés de Dylan faziam pela escada. Ele nunca seria dela agora.

"Mocinha, você vai explicar? O que exatamente está acontecendo aqui? E o que aconteceu com todos os nossos móveis?"

Vinte e oito

Schuyler não duvidava de que o que Jack havia contado fosse verdade. Ele contou sobre a maneira que Aggie fora encontrada na boate, com todo o sangue drenado, assim como um Sangue Vermelho após consumo cheio, exceto que havia acontecido com um deles.

Assim como eles predavam os humanos, alguém os estava predando. Jack explicou que enquanto os Sangues Azuis seguiam o Código não havia tido nenhuma morte humana causado por drenagem-de-sangue em séculos, quem estava caçando os Sangues Azuis não era tão cavalheiresco.

Então ele contou sobre alguma garota que tinha morrido em Connecticut no verão.

Outra Sangue Azul. Ela havia sido uma estudante universitária do segundo ano da Hotchkiss, e eles a encontraram nas mesmas condições de Aggie. Houve também um

garoto Croata de dezesseis anos de idade que morreu antes das aulas terem iniciado. Ele também estava no Comitê. Novamente, seu sangue havia sido completamente drenado do corpo. A morte de Aggie tinha sido apenas a último da qual eles haviam tomado conhecimento.

Jack estava certo de que os Anciãos estavam escondendo alguma coisa deles, e ele estava determinado a descobrir o que era. "Por quê eu sinto como já tivesse visto isso antes, como se eu já tivesse vivido isso antes? Mas tem alguma coisa bloqueando a minha memória. Quase como se alguém tivesse mexido com ela. Mas nós precisamos saber. Nós precisamos descobrir o quê está acontecendo conosco. E com todos que estão morrendo com a nossa idade. Você está comigo?" ele perguntou.

Schuyler acentiu distraidamente.

"Nós precisamos descobrir como deter isso. Por todos nós. Nós não podemos viver no escuro, como nós estamos agora. Os Anciãos acham que isso só vai passar, mas e se não passar? Eu quero estar preparado para isso - seja lá o que isso for."

Ele parecia tão apaixonado e com raiva, Schuyler não pôde evitar de colocar uma mão em seu rosto. Ele a olhou atentamente.

"Vai ser perigoso. Eu não quero te arrastar para algo de que você possa se arrepender."

"Eu não ligo," Schuyler disse. "Eu concordo com você. Nós precisamos descobrir o quê essa coisa é. E por quê está nos predando."

Ele puxou ela para mais perto dele, e ela sentiu o coração dele batendo no peito. Era incrível o quão calma e centrada ela se sentiu - como se esse fosse o único lugar no mundo a qual ela pertencia.

Ele se inclinou para frente, seu nariz roçando suavemente com o dela, e ela inclinou o pescoço para ser beijada.

Quando seus lábios se encontraram, quando suas línguas se tocaram, foi como se eles estivessem se beijando em um milhão de lugares diferentes, e seus sentidos foram inundados com novas sensações e lembranças antigas.

Ele a beijou, e suas almas derreteram-se uma na outra em uma melodia tão antiga quanto o tempo.

"Essa é uma linda imagem."

Schuyler e Jack afastaram-se.

Mimi Force estava parada em frente a eles, aplaudindo lentamente.

"Mimi, não há necessidade para isso," Jack disse friamente.

Schuyler corou. Por quê no mundo a irmã de Jack a estava olhando como - como, como, como se ela estivesse com ciúmes deles! Quão assustador e estranho era isso? Ela tinha perdido alguma coisa? Mimi era a irmã gêmea dele.

"Os Llewellyns estão aqui. Eles estão bem irritados. Eu vim para avisar você. Nós temos que sumir daqui."

Jack e Schuyler seguiram Mimi para o alto das escadas, onde dúzias de crianças da festa já estavam gritando, carregando suas bolsas de brinde e tagarelando animadas.

"Droga! Eu esqueci de pegar uma!" Mimi amaldiçoou. "Eu estou sem loção corporal, também," ela lamentou enquanto eles seguiam para o lobby. O porteiro do prédio olhou um pouco aterrorizado para a multidão de adolescentes prestes a sair, alguns ainda carregando garrafas de cerveja, coquetéis e óculos. Ele olhou boqueaberto ao sinal deles.

O grupo se dispersou, e Mimi correu para a rua, onde o carro deles estava esperando.

"Jack, você vem?" ela perguntou, virando-se impacientemente.

"Você está indo embora?" Schuyler perguntou.

"Por agora. Eu te explico depois, ok?" ele disse, pegando a mão dela e dando um aperto. Então ele largou.

Schuyler balançou a cabeça. Não. Por quê ele tinha que ir? Ela queria que ele ficasse ao lado dela, não que ele saísse correndo de novo sem ela. Seus lábios ainda estavam doloridos com a força do beijo dele, suas buchechas vermelhas por roçarem na barba por fazer dele.

"Não fique assim, Lembre-se do que eu disse. Tenha cuidado. Não vá a lugar nenhum sem a Beauty."

Ela assentiu silenciosamente, e estava prestes a se virar e ir embora. Então, quando ela pensou melhor nisso, ela voltou e agarrou o braço dele. "Jack."

"Sim?"

"Eu..." ela vacilou. Ela sabia o que queria dizer a ele, não ela não conseguia se obrigar a dizer as palavras. Ela decidiu que não precisava dizer. Jack colocou uma mão no coração e concordou. "Eu me sinto do mesmo jeito em relação a você."

Então ele se virou e desapareceu dentro do carro preto na qual sua irmã já estava dentro.

Vinte e nove

Schuyler assistiu o carro se afastar, sentimentos contraditórios e pensamentos hostís em sua cabeça. Aggie era uma vampira - e ela estava morta - o que significava que ela, Schuyler, podia morrer também. Ela quase morreu naquele dia - se não fosse por Beauty. Ela assistiu o carro desaparecer enquanto cruzava a esquiva. Ele a estava deixando. Algo no jeito como ele caminhou para ir embora fez com que ela sentisse que ele estava indo para sempre, e ela sempre estaria sozinha.

"Senhorita, eu posso te ajudar?" o porteiro descontente perguntou, desgrudando os lábios finos.

Schuyler olhou para trás. Ela era a única pessoa que havia permanecido no lobby de mármore dos Llewellyns. "Na verdade, sim," ela respondeu suavemente. "Eu preciso de um táxi, por favor."

O porteiro logo lhe arranhou um táxi e a mandou seguir seu caminho.

"Houston com Essex, por favor," ela instruiu o motorista. Ela estava indo para o único

lugar onde ela acharia um paraíso seguro.

O linha no The Bank era longa como o usual, mas dessa vez Schuyler andou dura até a corda.

"Com licença," ela disse para a drag queen, "mas eu realmente preciso entrar agora."

A imitadora da Cher abriu os lábios rapidamente. "E eu realmente preciso de uma Abdominoplastia. Mas ninguém consegue o que quer. Vá para o final da fila como todo mundo."

"Você não entendeu. Eu disse, ME DEIXE ENTRAR AGORA." As palavras rugiam em sua mente, mais forte do que da última vez que ela havia tentado.

A drag queen se afastou, segurando a cabeça como se houvesse explodido uma bomba.

Ela andou até a porta rudemente, e levantaram a corda.

Schuyler andou a passos largos, jogando longe mentalmente os checadores de identidade como se fossem peças de dominó.

Dentro da boate era muito escuro, e Schuyler mal conseguia identificar as sombras e formas se remexendo, humanos dançando com a música intoxicante. A música era tão alta, ela podia ouvi-lá em todas as partes de seu corpo. Ela sentiu e não viu seu caminho através da multidão, a empurrando lentamente, mas com firmeza através das pessoas dançando. Finalmente, ela achou as escadas que levavam até o salão no piso superior.

"Erva, crack, cocaína," veio o assubio de um traficante de drogas empoleirado no terceiro degrau. "Algo para a mocinha? Que a faça ver estrelas?"

Schuyler balançou a cabeça e passou por ele preocupada.

Ela achou Oliver no segundo piso, próximo da janela, sentado de pernas cruzadas e admirando a vista da Avenue A. Ele parecia distante e perfeitamente miserável. Ela se sentia exatamente do mesmo jeito. Ela não havia percebido o quanto sentia falta dele até ver o rosto familiar dele, os olhos castanhos escondidos por de trás da franja.

"Bem, bem. A que eu devo a honra?" ele perguntou, quando notou ela parada em frente a ele. Ele tirou o cabelo da frente dos olhos e a encarou de forma hostil.

"Eu tenho que te dizer uma coisa," ela disse.

Oliver cruzou os braços. "O quê é? Você não está vendo que eu estou ocupado?" ele murmurou, apontando para o grande espaço vazio ao redor dele. "Bem, eu estava ocupado," ele murmurou novamente. "Havia toneladas de pessoas aqui um minuto atrás. Eu não sei como você espantou todos."

"Só porque..." ela protestou. Só porque eu te deixei sozinho no baile e fui ficar com outro cara, ela iria começar a dizer, mas ela se deteve bem a tempo. Ela tinha deixado Oliver sozinho, e para todas as intenções e propositos, ela era o par dele no Baile Informal. Ele era o melhor amigo dela, e ela o via o tempo todo, mas no baile, eles deveriam ter sido supostamente um casal. Não de um jeito romântico, mas em um, nós estamos-aqui-nessa-porcária-de-baile-juntos-então-vamos-fazer-o-nosso-melhor jeito. O que ela havia feito tinha sido incrivelmente rude. Como ela se sentiria se Oliver fizesse o mesmo com ela? Se ele a deixasse sozinho, com ninguém para ela

conversar, enquanto ele se afastava e dançava com Mimi Force? Ela provavelmente seria tão fria com ele quanto ele estava sendo com ela agora. Fria, desse jeito.

"Ollie, me desculpe sobre sábado a noite," ela disse finalmente.

"O quê é isso?"

"Me desculpe. Eu disse me desculpe. Ok? Eu não estava pensando direito."

Ele olhou para o teto, como se falasse com um espectador invisível. "Schuyler Van Durena, admitindo que estava errada. Eu não acredito nisso." Mas os olhos castanhos dele estava cintilando, e ela sabia que eles eram amigos de novo.

Isso era tudo o que ela precisava ter dito. Me desculpe.

Não importava o quão clichê e abusado era, desculpe ainda era uma palavra poderosa. Poderosa o bastante para fazer o melhor amigo dela falar com ela novamente.

Oliver teve que rir. "É. Eu acho."

Schuyler sorriu. Ela se sentou na cadeira próxima a ele. Ele era o seu melhor amigo, confiante, sua alma gêmea, e na semana passada, ela havia ignorado e negligenciado ele, pulando fora só porque ela estava muito amedrontada para contar a verdade a ele.

"Eu tenho que te dizer uma coisa sobre mim." Ela pegou as mãos dele com as dela.

"Oliver, eu sou uma...eu sou uma vamp..."

A expressão de Oliver estava relaxada. "Eu já sei."

"Como é?" ela exigiu.

"Schuyler. Deixe eu te mostrar uma coisa."

Ainda segurando as mãos dela, e a levou passando pelo banheiro e indo até a estranha parede branca que ela havia encontrado da última vez que estivera na boate. Ele murmurou algumas palavras, e uma porta brilhou. Oliver a empurrou suavemente, e a parede se abriu, revelando íngremes escadas que deciam o edifício.

"O que é isso?" Schuyler perguntou enquanto eles passavam pela entrada. A parede se fechou atrás deles, deixando-os sozinhos no escuro.

Oliver tirou uma fina lanterna do bolso da camisa. "Me siga," ele disse. Eles começaram a descer as escadas, que tinha espirais que pareciam se estender por quilômetros. Schuyler estava sem ar quando chegou ao fim das escadas.

Havia outra porta, uma mais magnífica dessa vez, feita de ouro, ébano, e platina.

INGREDIOR PERCIPIO ANIMUS dizia a inscrição em volta do perímetro.

Oliver tirou uma chave de ouro do bolso da jaqueta e começou a abrir a porta.

"Onde nós estamos? Do que tudo isso se trata?" Schuyler perguntou, andando tentadoramente para dentro do quarto.

Era uma biblioteca - uma grande, e arejada que cheirava a poeira e pergaminho. Havia pilhas de livros que chegavam ao teto e um labirinto de escadas e pontes que levavam à chaminé. Era brilhante e bem iluminada, e decorada com aconchegantes cadeiras Aubusson e luminárias.

Vários estudiosos no topo dos balcões os olharam curiosamente quando eles entraram.

Oliver se curvou a eles e levou Schuyler para um cubículo privado.

"Este é o Depósito de História. Nós o mantemos protegido.

"Quem é 'nós'?"

Oliver colocou a mão na boca. Ele a levou para uma pequena, mesa surrada na parte de trás do lugar. Que mantinha um iBook brilhante, várias fotografias emolduradas, e duzias de post-its espalhados. Ele pesquisou a parte de cima da mesa e fez um som satisfeito assim que pegou na mão um livro, mofado e sujo por causa dos anos de uso. Ele soprou a capa suavemente. Ele virou a primeira página e mostrou para ela. Ele apontou para uma página onde uma família estava ilustrada, o nome VanAlen escrito no centro, com Hazard-Perry em letras pequenas mais para baixo.

"O quê é isto?"

"É como nós estamos relacionados," Oliver explicou. "Como nós estamos associados, eu quero dizer. Nós não somos parentes, então não se preocupe."

"O quê você quer dizer?" ela perguntou, ainda tentando entender o fato de que eles estavam em uma biblioteca secreta debaixo da boate.

"Minha família tem servido a sua a séculos."

"Vamos de novo?"

"Eu sou um Conduit. Como todo mundo na minha família. Nós cuidamos dos Sangues Azuis desde sempre e para sempre. Nós trabalhamos como médicos, advogados, contadores, financiadores. Nós servimos os VanAlen desde 1700. Você conhece a Dra. Pat? Ela é minha tia."

"O quê você quer dizer com nos servir? A sua família é muito mais rica do que a minha," Schuyler salientou.

"Um acidente do destino. Nós nos oferecemos para melhorar a situação, mas a sua avó não nos ouviu, 'os tempos mudaram', ela disse."

"Mas o quê significa um Conduit?"

"Significa, que nós servimos propositos diferentes. Nem todos os humanos são familiares."

"Você sabe sobre isso?" ela perguntou. Ela olhou para a página novamente, reconhecendo os nomes de seus ancestrais por parte de mãe.

"Eu sei o suficiente."

"Mas por quê você nunca disse nada?"

"Eu não era autorizado."

"Mas como você podia saber o que você é, e eu não podia saber o que eu sou?"

"Me siga. É assim que é desde o inicio. Ser um Conduit é algo que se passa a diante, é assim, fica mais facil de se ensinar quando se é jovem. Nós servimos para manter os Sangues Azuis em segredo, para protegê-los e ajudá-los no mundo real. A prática é antiga, e apenas algumas familias de vampiros mantém Conduits hoje em dia. A maioria se livrou deles, como os Force. É uma antiga tradição, e alguns Sangues Azuis não vivem da maneira antiga mais. Como a sua avó disse, as coisas são diferentes agora, eu sou um dos últimos da espécie."

"Por quê?"

"Quem sabe?" Oliver deu de ombros. "A maioria dos Sangues Azuis podem tomar conta de si mesmos sozinhos de qualquer jeito. Eles não precisam mais de nós. Eles não acreditam na ajuda dos Sangues Vermelhos; ao invés disso eles querem controlá-los. Houve uma comoção em outra mesa, e eles viraram-se para ver um bibliotecário corcunda agachado, sendo repreendido por uma zangada mulher velha com reconhecíveis bobs loiros na cabeça.

"O quê está acontecendo?"

"Anders está recebendo uma bronca de novo. Sra. DuPont não está feliz com o jeito como as pesquisas dele estão indo."

Schuyler reconheceu a graciosa figura da chefe do Comitê. "E Anders é?"

"Um bibliotecário. Todas as coisas de biblioteca são dos Sangues Vermelhos. Conduits que já não trabalham para nenhuma família."

Schuyler percebeu que os Sangues Azuis estavam todos bem arrumados, e por um momento ela se sentiu embaraçada por ser uma vampira. O quê aconteceu com a cortesia comum?

"Por quê eles falam com vocês desse jeito?"

"Sua família nunca fez isso," Oliver disse, corando. "Mas como eu te disse, a maioria dos Sangues Azuis são ressentidos. Eles nem acham que nós deveríamos estar aqui, em comparação a eles. Mas ninguém dos seus quer ir para o Repositório. Ninguém é interessado em carregar alguns livros antigos."

"De qualquer jeito o quê ela está fazendo aqui?" Schuyler perguntou, assistindo a Sra. DuPont observar uma papelada que o Conduit havia trazido."

"Essa é a sede do Conselho dos Ansiões. Os guardiões - você sabe. Eles se reúnem ali atrás da papelada."

"Faz quanto tempo que você sabe? Sobre mim, eu quero dizer." Schuyler perguntou.

Ela olhou para a mesa dele, para a fotografia que os dois haviam tirado no verão passado em Natucket. Oliver, o rosto dele estava vermelho por causa do sol, saiu vesgo na câmera. Ele tinha um escuro, bronzeado caramelo profundo e seu cabelo estava de um iluminado e rico castanho dourado, enquanto Schuyler parecia palida e desconfortável, sob um enorme chapéu de palha, uma mancha branca de protetor em seu nariz. Eles pareciam tão jovens, mesmo que só tivesse sido uns meses antes. No último verão eles eram apenas crianças que estavam voltando para o amedrontar ensino médio. Eles tinham passado duas semanas velejando e fazendo fogueiras na praia. Para Schuyler isso parecia ter sido em uma vida passada.

"Eu sei desde que eu nasci. Eu fui designado para você," ele disse simplesmente.

"Você foi designado para mim?"

"É como eu entendo isso, cada membro de uma família de vampiros é designado para um Conduit humano no nascimento. Eu sou dois meses mais novo que você. Você até poderia dizer que é a razão pela qual eu nasci. Eu te procurei. Se lembra?"

Schuyler olhou para todas as suas lembranças. Ela lembrou que ele tinha sido amigável, e como ela resistiu no começo. Ele sempre se sentava próximo a ela nas aulas, fazendo perguntas, e finalmente, no segundo grau, quando eles compartilharam um horrível sanduíche de alface, eles tornaram-se amigos.

"E o quê exatamente você faz?"

"Eu ajudo você. Eu te aponto a direção certa, sugerindo como você deve usar seus poderes e então você pode descobri-los sozinha. Você se lembra daquela noite no The Bank, quando eu disse a você 'pense positivo e entre'?"

Ela balançou a cabeça confirmando. Era o que ela havia suspeitado, e ela contou a ele como ela havia usado isso essa noite para passar pela drag queen na porta.

Ele gargalhou. "Impagável. Eu queria ter visto essa."

Ela sorriu torto. "Bem, eles disseram na reunião do Comitê que controle da mente era possível."

"Mas apenas alguns vampiros podem fazer isso," ela lembrou.

"Eu não entendo. Se esse Repositório é aqui embaixo - por quê nós estávamos tão preocupados em conseguir entrar no The Bank? Certamente tem outra entrada para esse lugar."

Oliver assentiu. "Há. Através do Bloco 122. É por isso que só há 'alguns membros' da polícia lá. É apenas para os Sangues Azuis e os convidados. Eu poderia ter ido por lá, eu sou um dos poucos com a chave - mesmo eu sendo um humilde Sangue Vermelho - eu odeio aquele lugar."

Ela concordou para que ele continuasse.

"The Bank é um lance de sorte. Por um longo tempo fora vazio. Mas então um casal de vizinhos e pessoas hospitaleiras disseram que viram pessoas entrando lá e nunca mais saindo, e para aliviar a superstição, eles descobriram que podiam alugar o piso superior para qualquer pessoa interessada. Este clube de promoção veio muito tempo antes, e eles gostaram da ideia de uma boate que eles decidiram abrir outro clube na porta vizinha - mas um dos privados é claro."

Schuyler processou toda a informação. A boate privada, o Comitê, isso certamente se encaixava com o que ela sabia dos Sangues Azuis até agora. Eles gostavam de manter isso para si mesmos. Ela ainda estava incomodada pela confissão de Oliver, de qualquer jeito, era uma explicação para a amizade dos dois. Ela não conseguia evitar de pensar que Oliver sempre lhe emprestou dinheiro, e ela nunca tinha o suficiente para recompensá-lo, mas ele nunca parecia se preocupar com isso, ou pedir o dinheiro de volta. Isso era parte disso tudo? Quando o Conduit acabou e a amizade deles começou?

"Então de qualquer jeito, você não é realmente meu melhor amigo? Você é como, a minha babá?"

Oliver riu e passou uma mão em seu cabelo espesso. "Você pode me chamar do que você quiser. Você só não vai conseguir se livrar de mim fácil assim."

"Então por quê você ficou tão bravo comigo quando eu te contei sobre o Comitê?" Ele suspirou em frustração. "Eu não sei - eu acho que uma parte minha não queria que isso fosse verdade, mesmo eu sabendo que era. Eu quero dizer, eu sabia que isso ia acontecer, mas eu só queria que nós continuássemos como sempre foi, você sabe? E nós não somos. Eu sou um Sangue Vermelho. Você é imortal. Acho que isso me deprimiu. Então me processe, eu sou humano." ele sorriu com o próprio trocadilho. "Você está errado. Aparentemente eu não sou tão imortal, na verdade," Schuyler disse. "O quê você quer dizer?"

"Jack me disse que algo está matando vampiros."

"É impossível." Oliver balançou a cabeça. "Eu te disse, tem algo errado com esse cara." Ele comprimiu um sorriso.

"Não, não há. É sério. É um segredo. Aggie era uma vampira. E ela não vai voltar. Ela se foi. Ela está morta. Como, realmente morta dessa vez. O sangue dela se foi."

"Oh, Deus," Oliver disse, seu rosto sem cor. "Eu não sabia. Foi por isso que eu disse que não iria ao funeral dela. Eu pensei, qual é a grande coisa? Ela vai voltar."

"Ela nunca vai voltar. E ela não é a única. Houve mais - outras crianças estão sendo mortas. Sangues Azuis. Nós não deveríamos supostamente morrer, mas nós estamos."

"Então o que Jack quer fazer sobre isso? O quê ele sabe?" Oliver perguntou.

"Ele quer descobrir o que está nos caçando." Ela contou a ele sobre a memória de Jack em Plymouth. A mensagem pregada em uma árvore em um campo vazio. Croatan.

"Como ele vai fazer isso?" Oliver perguntou.

"Eu não sei, mas eu acho que nós podemos ajudá-lo."

"Como?"

Schuyler olhou ao redor do velho quarto.

"A biblioteca abriga a história inteiro dos Sangues Azuis, certo? Talvez haja algo aqui que nós possamos encontrar."

Trinta

Eles haviam invadido o santuário. Desde que Mimi podia se lembrar, seu pai ficava retraindo em livros - alinhado em seu abrigo após o trabalho e dificilmente saía para jantar. Era uma porta fechada, um lugar especial, onde crianças não eram permitidas. Mimi recordou ela mesma arranhando a porta quando era criança, desesperada por atenção e amor, somente acarretando em sua babá a levando para longe, com admoestação e ameaças. "Deixe o seu pai em paz, ele é ocupado, um homem muito ocupado que não tem tempo para você."

Sua mãe havia sido do mesmo jeito - um distante satélite - sempre de férias em lugares onde crianças não eram permitidas ou bem-vindas. Havia sido uma solitária, quieta infância, mas ela e Jack haviam feito mais que eles. Eles eram um do outro; eles dependiam tanto um do outro que Mimi não sabia quando ela terminava e seu irmão começava. O que fez o que ela está prestes a fazer ainda mais necessário. Ele tinha que saber a verdade.

Ela andou a passos largos pelo mármore do grande corredor do lado direito até a porta da sala de estudos do pai.

Com um balançar de mãos, a fechadura se desintegrou e a porta abriu com um estrondo. Charles Force estava sentado junto a mesa, prestando primeiros socorros para um vaso de cristal líquido vermelho escuro. "Impressionante," ele parabenizou a filha.

"Eu levei anos para aprender este truque."

"Obrigada." Mimi sorriu.

Jack seguia atrás, avançando preguiçosamente, as mãos nos bolsos. Ele olhou para a irmã com um novo tipo de respeito após a descoberta.

"Pai! Conte a ele!" Mimi exigiu, caminhando até a mesa.

"Me contar o quê?" Jack perguntou.

Charles Force tomou um gole do copo e assistiu o filho pelo canto dos olhos. Suas tão - chamadas crianças. Madeleine Force e Benjamin Force. Dois dos mais poderosos Sangue Azuis de todos os tempos. Eles estiveram lá em Roma, durante as crises. Eles haviam encontrado Plymouth, eles haviam estabelecido o Novo Mundo.

Ele vinha sendo o único a chamá-los de novo e de novo, sempre que eles eram necessários.

"Sobre a mestiça da VanAlen," Mimi disse. "Conte a ele."

"O quê tem a Schuyler? O quê você sabe?" Jack perguntou. "Mais do que você, meu irmão." Mimi disse. Ela pegou uma cadeira do clube da leitura que havia na mesa do pai. Ela se virou para o irmão, seus olhos verdes flamejando, idênticos aos dele.

"Diferentemente de você, eu tenho acessado as minhas lembranças. Ela não está nelas. Eu chequei. De novo e de novo. Ela não está lá. Ela não está em lugar nenhum. Ela não deveria existir!" A voz de Mimi parecia um guinchado alto. Suas presas estavam a mostra.

Jack deu um passo para trás. "Não pode ser. Eu a tenho nas minhas lembranças. Você não poderia estar mais errada. Pai, o quê diabos ela está dizendo?"

Charles tomou outro gole do copo e limpou a garganta. Finalmente, ele disse, "Sua irmã está certa."

"Mas eu não compreendo..." Jack disse, se retraindo até a mesa de chefe de conselho.

"Tecnicamente, Schuyler VanAlen não é uma Sangue Azul." Charles suspirou.

"Isso é impossível," Jack declarou.

"Ela é e ela não é," Charles explicou. "Ela é o produto de uma Cerimônia Oscular, da união de um vampiro e um humano familiar."

"Mas nós não podemos reproduzir - nós não temos a capacidade..." Jack argumentou. "Nós não podemos reproduzir entre nós, isso é verdade. Nós não podemos gerar vida nova; nós meramente carregamos os espíritos daqueles que se foram em uma embriomática forma através de fertilização em vitro. Eu acredito que isso seja comum aos Sangues Vermelhos hoje em dia também. Nossas mulheres são implatadas com a semente da consciência de um imortal para então se formar uma nova forma no Ciclo de Expressão. Mas já que os Sangues Vermelhos tem a habilidade de gerar vida nova, espíritos novos, mistura entre os dois não é impossível. Improvável, mas não impossível. De qualquer maneira, em todos os nossos anos, isso nunca havia acontecido antes. Dar a luz a um bebê de sangue misturado é estritamente contra as nossas leis. A mãe dela era uma problemática e tola mulher."

Mimi derramou um pouco do líquido do decantador para o novo Baccarat de vidro. Ela tomou um gole. Rothschild Cabernet. "Ela deveria ter sido destruída," ela avaliou.

"Não!" Jack choramingou.

"Não fique tão alarmado. Nada vai acontecer a ela," Chales disse calmamente. "O Comitê não chegou a um definitivo consenso a respeito do destino dela. Ela parece ter herdado

algumas das características da mãe, por isso temos mantido um olho nela."

"Você vai matá-la, não vai?" Jack disse, sua cabeça nas mãos. "Eu não vou deixar."

"Essa não é uma decisão sua. Olhe profundamente nas suas lembranças, Benjamin. Me diga o quê você vê. Olhe a verdade dentro de você."

Jack fechou os olhos. Quando eles dançaram no Informal, ele havia sentido a presença de Schuyler em suas lembranças como se ele a conhecesse de outros tempos.

Ele voltou para aquela noite, para a sala onde eles dançaram na mansão da Sociedade Americana, e para a lembrança da noite do Baile Nobre - a noite em que eles valsaram ao som de Chopin. Uma de suas mais vivas e preciosas memórias - era...ela...não poderia ser outra pessoa! Lá! Ele sentiu triunfantemente! Ele olhou atentamente para o rosto atrás do ventilador. Lá estava a bela pele de porcelana, as feições delicadas, o nariz arrebitado, e ele lembrou - aqueles não eram os olhos de Schuyler - esses olhos eram verdes, não azuis - esses olhos eram...

"A mãe dela," Jack disse, abrindo os próprios olhos e olhando para o pai e a irmã.

Charles assentiu com a cabeça. Sua voz incaracteristicamente dura. "Sim. Você viu Allegra VanAlen. É uma poderosa semelhança. Allegra era uma das nossas melhores."

Jack baixou a cabeça. Ele havia projetado essa imagem enquanto ele e Schuyler estavam dançando, ele usou os poderes vampíricos para preencher os sentidos dela, então ela também achou que estava no passado. Mas Schuyler era uma nova alma. A mãe dela, foi a mãe de Schuyler que Jack buscou através dos séculos.

Era por isso que ele havia topado com Schuyler, desde aquela noite no Bloco 122 - porque o rosto dela era tão parecido com aquele que assombrava seus sonhos.

Então ele olhou para Mim. Sua irmã. Sua parceira, sua melhor parte, melhor amiga e

pior inimiga. Era ela que estava com ele desde o começo. Era a mão dela que ele buscava agora na escuridão. Ela era forte, ela era uma sobrevivente. Era dela que ele tirava força. Ela sempre esteve lá por ele. Agrippina para Valerius. Elisabeth de Lorraine - Lillebonne quando ele era Luis d'Orleans. Susannah Fuller para o Willian White dele.

Mimi se aproximou e pegou as mãos dele nas dela. Eles eram tão parecidos; eles haviam saído do mesmo buraco negro, na mesma expulsão que os forçaram a viver como

imortais na Terra, e ainda, aqui estavam eles, prosprando após milênios. Ela acariciou as mãos dele, as lágrimas nos olhos dela sendo espelho das dele.

"Então o quê nós fazemos agora?" Jack perguntou. "O quê vai acontecer com ela?"

"Por agora, nada. Nós vamos observar e esperar. É provavelmente melhor você ficar próximo a ela. E a sua irmã me informou as suas preocupações com a morte de Augusta. Eu estou feliz em dizer que nós estamos muitos próximos de achar o assassino. Me desculpem por manter vocês dois no escuro por tanto tempo. Me deixem explicar..."

Jack assentiu e agarrou a mão da irmã mais fortemente.

TRINTA E UM

A semana passou rapidamente. Todo dia depois da escola, Schuyler e Oliver quebravam a cabeça no Repositório, tentando achar alguma memória ou menção de "Croatan." Eles passaram um pente no banco de dados do computador, tentando cada grafia aceitável da palavra. Mas já que os arquivos da livraria só eram computadorizados até a década de 1980, eles também tinham que recorrer à velha pasta-catálogo.

"Posso ajudar?" uma voz grave perguntou enquanto eles amontoavam as pesquisas em desordem na mesa de Oliver uma tarde, procurando cuidadosamente em dúzias de velhos livros e montes de pastas-catálogos da gaveta "Cr - Cru."

"Oh, Mestre Renfield. Deixe-me apresentá-lo a Schuyler VanAlen." Oliver disse, se levantando e fazendo uma pequena, formal reverência.

Schuyler apertou a mão do velho homem. Ele tinha uma fisionomia altiva, aristocrática e estava vestido em um anacrônico sobretudo e calças de veludo do século XX. Oliver tinha dito a ela sobre Renfield - um Conduit humano que levava seu trabalho muito a sério. "Ele vem servindo os Sangue Azul por tanto tempo que pensa que ele é um vampiro. Clássica Síndrome de Estocolmo," Oliver tinha dito.

"Eu acho que nós já demos um jeito." Oliver sorriu nervosamente. Eles tinham decidido tacitamente não pedir a nenhum dos bibliotecários ajuda com a pesquisa deles, instintivamente entendendo que aquilo era um assunto ilícito. Se o Comitê estava escondendo alguma coisa, e aquela coisa tinha alguma coisa a ver com "Croatan," então

era provavelmente melhor que eles não contassem a ninguém sobre aquilo.

Renfield apanhou um pedaço de papel da mesa de Oliver, onde Schuyler tinha rabiscado uma série de palavras. "Croatan? Kroatan? Chroatan? Chroatin? Kruatan?" Ele rapidamente pôs o papel de volta, como se tivesse queimado seus dedos.

"Croatan. Eu vejo," ele disse.

Oliver adotou um tom casual. "É apenas uma coisa sobre a qual nós ouvimos falar. Não é nada. Apenas um projeto da escola."

"Um trabalho da escola," Renfield acenou sombriamente. "Claro. Infelizmente, eu nunca ouvi falar dessa palavra. Você se importaria de me explicar?"

"Eu acho que é um pedaço de queijo. Alguma coisa a ver com uma velha receita inglesa." Oliver respondeu com uma cara séria. "De banquetes de Sangues Azuis no século dezesseis."

"Queijo. Eu vejo."

"Como Roquefort ou Camembert. Mas eu estou achando que é mais para leite de ovelha, talvez," Oliver disse. "Ou cabra. Poderia ser de cabra. Ou talvez como mozzarella. O que você acha, Sky?"

Os lábios de Schuyler estavam tremendo e ela não confiava em si para responder.

"Muito bem. Continuem," Renfield disse, deixando eles com sua tarefa.

Quando ele estava em uma distância segura, Schuyler e Oliver explodiram em risadas - tão baixo quanto eles podiam.

"Queijo!" Schuyler sussurrou. "Eu pensei que ele ia desmaiar!"

Esse foi a única marca brilhante em uma que seria uma semana monótona. O tempo mais frio trouxe uma explosão de doenças. A vírus da gripe bateu à escola, e muitos alunos estiveram fora pelos últimos dias, Jack Force entre eles. Aparentemente, até mesmo vampiros não estavam imunes a epidemias de gripe. Schuyler também ouviu que Bliss tinha aterrissado depois da festa, e a alta texicana se manteve quieta. Até mesmo Dylan se queixou disso - Bliss estava mal-humorada e avoada, e nunca deixava Mimi de lado.

O outro dia estava cruelmente frio e cinza. O primeiro sinal de que o inverno estava chegando. Era um cinza Nova York - dos prédios para a fumaça para o céu - como se uma escura, úmida nuvem tivesse descido na cidade como um cobertor molhado.

Quando Schuyler chegou aos portões de Duchesne, uma névoa escura pairava sobre um agitado tumulto na frente da escola. Ela passou por muitas brancas vans novas com antenas de satélite, e uma multidão de repórteres se arrumando, checando seus dentes em espelhos de mão, e se cuidando meticulosamente antes que as câmeras fossem ligadas. Tinham muitas câmeras com tripés em todo lugar, assim como repórteres de jornais e revistas e fotógrafos - ainda mais gentalha do que no dia do funeral de Aggie. Muitos alunos de Duchesne se amontoavam nas portas da frente, assistindo a cena. Ela achou Oliver na multidão e se juntou a ele.

"O que aconteceu?" ela perguntou.

Oliver olhou severo. "Alguma coisa horrível. Eu sinto."

"Eu sinto isso também," ela concordou. "Não é outra morte, é?"

"Eu não tenho certeza."

Eles esperaram nos portões. Da porta da frente da mansão Duchesne, dois corpulentos policiais estavam escoltando um rapaz entre eles. Um mal-vestido, despenteado rapaz vestindo uma surrada jaqueta de couro.

"Dylan! Por que? O que ele fez?" Schuyler perguntou, horrorizada.

A multidão de repórteres e cameramen pressionaram em frente, cobrindo a cena com flashes e um bombardeamento de perguntas.

"Algum comentário?"

"Por que você fez isso?"

"Se importa de dividir seus sentimentos com nossos leitores?"

Schuyler se sentiu em pânico e aflita. Por que eles estavam levando Dylan? E de um jeito tão público? Ela não acreditava que a escola deixaria alguém fazer alguma coisa desse jeito! Ela encontrou uma Bliss olhando selvagemmente na multidão.

"Schuyler!" Por um momento, Bliss tinha esquecido que ela e Schuyler não eram realmente amigas.

Schuyler colocou as mãos de Bliss nas suas. "Por que? O que aconteceu? Por que estão levando ele?" ela perguntou.

"Eles pensam que Dylan matou Aggie!" ela disse. Bliss estava lutando para manter sua compostura, mas ver os rostos arrasados de Schuyler e Oliver fez ela quebrar. Ela se segurou neles para se suportar. "Eu ouvi eles dizendo a diretora; Aggie não morreu de overdose, ela foi assassinada... estrangulada, e ela tinha o DNA de Dylan nas suas mãos..."

"Não."

"Isso tem que ser um erro," Bliss disse chorosa.

"Bliss, ouça-me," Schuyler disse, sua voz afiada. "Ele está sendo sabotado. Dylan não poderia ter matado Aggie. Lembra?"

Os olhos de Bliss entraram em foco. Ela acenou. Ela sabia o que Schuyler estava dizendo. "Porque..."

"Porque ele é humano e um Sangue Vermelho não pode matar um Sangue Azul... Aggie teria superado ele em um segundo. É uma mentira. Aggie era uma vampira. É impossível que ele tenha matado ela."

"Armação."

"Certo," Schuyler disse. A chuva estava vindo em torrentes, e todos os três estavam ficando encharcados, mas nenhum parecia notar.

Bliss olhou com medo para Oliver. "Mas Schuyler, não existe uma coisa como vampiros..." ela disse fracamente.

"Oh. Não se preocupe com Oliver. Ele sabe. Ele é ok. Ele é um Conduit. Eu explico depois."

Oliver tentou olhar merecedor de confiança e tranquilizador. Ele lembrou do seu guarda-chuva no seu bolso e abriu-o, blindando eles da chuva.

"Jack me disse semana passada que tinha alguma coisa lá fora matando Sangues Azuis. Meu palpite é que Dylan está sendo encriminado," Schuyler explicou.

"Então isso significa que ele é inocente..." Bliss disse esperançosamente. "Claro que ele é. Nós precisamos descobrir quem está por trás disso, e temos que tirar Dylan de lá." Schuyler declarou. Bliss acenou.

"Nós temos que descobrir o que está acontecendo. Por que Dylan está sendo culpado de repente, quando a notícia oficial era de uma overdose. De onde eles tiraram essa 'prova'? E por que Dylan?"

"Seu pai é um senador. Ele tem que ter algumas conexões com o departamento de polícia. Ele não pode ajudar?" Oliver sugeriu.

"Eu vou perguntar a ele," Bliss prometeu. Os três entraram pelos portões da escola. Eles já estavam atrasados para suas aulas de aconselhamento.

Mais tarde, no almoço, Bliss se encontrou com Oliver e Schuyler na lanchonete. Eles estavam sentados na mesa preta como sempre, escondidos atrás da lareira de mármore.

"Você falou com seu pai?" Schuyler perguntou.

"O que ele disse?" Oliver incitou.

Bliss puxou uma cadeira ao lado deles e plantou seus cotovelos na mesa. Ela esfregou seus olhos e olhou para os dois. "Ele disse, não se preocupe com o seu amigo. O Comitê está tomando conta disso."

Schuyler e Oliver digeriram a informação. "Isso é estranho, não é?" Schuyler perguntou. "Porque as reuniões do Comitê foram canceladas até segunda ordem."

Trinta e dois

A escola inteira ainda estava movimentada com as novidades da tarde - e na aula de ética de Schuyler, Sr. Orion estava tentando acalmar os estudantes.

"Se acalmem, se acalmem, por favor," ele disse. "Eu sei que esse é um momento difícil, mas nós precisamos lembrar que nos Estados Unidos, nós somos inocentes até que se prove o contrário."

Schuyler andou através da sala e percebeu que Jack estava novamente sentando-se no lugar de sempre, próximo a janela.

"Ei," ela disse, dando a ele um sorriso tímido e pegando a mesa perto dele. Ela nunca esqueceria o jeito como ele a beijara, quase como se ele a tivesse beijado antes.

Jack parecia mais bonito do que ela já havia visto. Seu cabelo cintilando branco-ouro embaixo da luz, e suas roupas enroladas, pressionadas, as mangas arregaçadas até o final dos braços. Ele estava usando um suéter preto e um relógio de ouro que ela nunca havia visto antes em seu pulso. Ele não olhou para ela.

"Jack..."

"Sim?" ele perguntou friamente.

Schuyler recuou com o tom ártico em sua voz. "Tem algo errado?" ela sussurrou.

Ele não respondeu.

"Jack, nós temos que fazer alguma coisa! Eles prenderam o Dylan! E você sabe que está errado. Ele não poderia tê-la matado!" Ela sussurrou ferozmente. "Ele é humano. Ele está sendo acusado injustamente. Nós precisamos descobrir o porquê."

Jack pegou a caneta e colocou a ponta em seu caderno. Ele não olhou para ela. "Isso não é da nossa conta."

Schuyler sussurrou ferozmente, "Mas o quê você quer dizer? Você sabe que é. Nós precisamos descobrir sobre o quê está nos matando. Você não - não quer-?"

"Se importa de compartilhar com o restante da sala, Senhorita VanAlen?" Sr. Orion perguntou, interrompendo a conversa.

Schuyler andou preguiçosamente para o lugar. "Não, desculpe."

Pelo resto do período, Jack continuou sentado com uma expressão-impenetrável. Ele se recusou a olhar para Schuyler, e até mesmo a ler os bilhetes que ela passava para ele.

Quando o sinal tocou indicando o final da aula, Schuyler correu atrás dele.

"O quê deu em você? É a sua irmã? O quê está errado?" Jack vociferou. "Não coloque a Mimi no meio disso."

"Mas eu não entendo. O que você disse no sábado a noite-"

"Eu falei por falar. Não é o jeito como eu me sinto. Eu sinto muito por ter mentido para você."

"Por quê você está me dispensando? O que aconteceu com você?" Schuyler perguntou, sua voz falhando.

Jack olhou Schuyler de cima a baixo. "Eu estou realmente arrependido, Schuyler. Mas eu cometi um erro. Eu não deveria ter dito as coisas que eu disse naquela noite. Eu estava errado. Meu pai me colocou de volta na linha. O Comitê não está escondendo nada. Eles estiveram investigando as circunstâncias da morte de Aggie, e nós precisamos confiar que eles sabem o que é melhor. Eles vão nos deixar saber quando tudo estiver resolvido. Eu acho que nós deveríamos apenas esquecer a coisa toda."

"O seu pai - o seu pai tem algo a ver com isso, ele não tem?" ela o acusou.

Ele colocou uma mão pesada no ombro dela; segurando-o bem, então a soltou, empurrando ele mesmo para longe. "Deixe isso em paz, Schuyler. Por você mesma e por mim."

"Jack!" ela chamou.

Ele não se virou de volta. Ela o viu andar propositalmente para o segundo andar, de onde Mimi Force estava saindo de uma sala de aula. Ela viu os dois juntos, percebendo pela primeira vez que eles tinham a mesma forma ágil, os mesmos membros de pantera, eles eram da mesma altura, da mesma cor. Ela viu Mimi sorrir quando viu Jack. Enquanto Jack jogava um braço em torno dos ombros da irmã de uma

maneira íntima e afetuosa, alguma coisa no coração dela se quebrou.

"O quê o Jack disse?" Bliss perguntou, reunida com Schuyler e Oliver para um café na Starbucks durante o período livre.

"Ele não vai ajudar," Schuyler disse, as palavras morrendo em sua boca.

"Por quê não?"

"Ele mudou de idéia. Ele disse que o que ele me contou foi um erro. Ele me disse para esquecer disso." Ela rasgou um guardanapo de papel em minúsculos pedaços, meticulosamente rasgando-os até à sua bandeja estar cheia de confetes de papel. "Ele disse que quando chegar a hora O Comitê vai explicar tudo, nós só precisamos ser pacientes," ela disse amargamente.

"Mas e quando ao Dylan?" Bliss perguntou. "Nós não podemos deixar que o carreguem para algo que ele não quer!"

"Nós não vamos. Somos nós," Oliver disse. "Nós somos os únicos, os únicos que podem ajudá-lo agora."

Trinta e três

Os policiais não os deixaram ver Dylan. Eles tentaram visitá-lo depois da escola, mas eles deram de encontro com o cumprimento da lei - e ninguém em todo o local teria sequer admitido a exploração de lá. Era um beco sem saída.

Eles haviam tirado dele o telefone celular e o Sidekick, e não havia forma de entrar em contato com ele.

Schuyler sentiu um profundo senso de presságio. A crise colocou os três - Bliss, Schuyler, e Oliver - mais próximos do que nunca. No próximo dia, Bliss parou de se sentar com Mimi na cafeteria. Ao invés, eles passaram cada tempo livre conspirando em como ajudar o amigo deles.

"A família dele é rica. Eu tenho certeza que eles tem algum advogado de defesa incrível mandado pra ele, certo?" Bliss perguntou.

"Nós precisamos falar com eles. Eu preciso dizer a eles uma coisa."

"O quê?" Schuyler perguntou.

"Eu fiz uma pequena investigação por conta própria na noite passada. Ok, então eu ouvi minha mãe falando com algumas pessoas sobre o caso. Eu ouvi ela dizer que a polícia disse que a hora da morte foi entre as dez às onze da noite. Eles estão certos sobre isso. O modo como o corpo de Aggie foi encontrado, não poderia ter acontecido nenhuma hora antes ou depois."

"Então?" Oliver questionou cético.

"Então, Dylan estava comigo das dez até as onze. Nós estávamos lá fora no beco o tempo todo, fumando cigarros. Ele nunca saiu do meu lado."

"Nem uma vez? Nem para ir ao banheiro?" Schuyler perguntou.

Bliss balançou a cabeça. "Não. Eu tenho certeza. Eu olhei pro meu lado um monte de vezes. Porque eu estava, uh, preocupada, que Mimi fosse perguntar onde eu estava."

"Você sabe o quê isso significa, não sabe?" Oliver perguntou. Ele estava sorrindo.

As duas garotas balançaram a cabeça.

"Isso significa que ele tem um álibi sólido-como-pedra. Bliss Llewellyn, você é uma boneca. Você é o cartão saia-logo-da-cadeia dele. Vamos, nós precisamos encontrar a família do Dylan e contar isso a eles."

Dylan morava em Tribeca, então eles pegaram o Rolls Royce de Bliss para descer até lá de noite. Oliver e Schuyler ficaram impressionados com a pelúcia no interior.

"Eu tenho que pedir um desses para o meu pai," Oliver disse maravilhado. "Nós só temos um entediante Town Car."

Tribeca era um antigo bairro industrial - o velho bairro mantiga e ovos, com ruas de pedra e antigas fábricas que se tornaram lofts multi-milionários.

"Esse é o endereço?" Oliver perguntou, andando em direção a um edifício na esquina.

Eles consultaram o livro de endereços da Duchesne. Era aqui.

"Vocês nunca estiveram aqui?" Bliss perguntou, surpresa. Oliver e Schuyler balançaram a cabeça.

"Mas eu achei que vocês fossem amigos dele."

"Nós somos," Schuyler disse. "Mas veja..."

"Nunca ocorreu a nós..." Oliver explicou.

Schuyler suspirou. "Nós sempre iamos para a casa do Oliver. Ele tem TiVo e um Xbox. Dylan nunca pareceu se importar."

"E quanto a você? Você é como, a namorada dele. Você nunca esteve aí?" Oliver perguntou.

Bliss balançou a cabeça. Ela não era realmente a namorada dele. Eles nunca chegaram a definir o relacionamento deles. Eles estiveram juntos algumas vezes, e ela ia fazer dele o humano familiar dela e tudo, mas depois que eles foram pegos na noite da festa, os pais dela haviam-na proibido de ver ele. De alguma maneira, os pais dela haviam posto na cabeça que a festa havia sido ideia dele. BobiAnne ainda não tinha conseguido perdoar o fato de que o manequim da Cinderella tinha voltado de Nova Jersey despojado de algum galpão. Isso não havia saído tão bem quanto o Penthouse desRêves.

"Oi, nós estamos procurando pelo apartamento 1520?" Schuyler perguntou ao porteiro enquanto eles entravam no prédio. Diferentemente dos palacianos e majestosos prédios da Park Avenue coop, os de Tribeca eram modernos e elegantes, com um jardim Zen e uma fonte no lobby.

"1520?"

"A família Ward?" Bliss adicionou ajudando.

O porteiro amarrou a cara. "Certo. Eles eram do 1520. Mas o lugar está a venda. A família se mudou ontem. Trabalho rápido."

"Você tem certeza?"

"Positivo, senhorita."

O porteiro ainda os deixou olhar dentro do apartamento vazio.

Era enorme, seis mil metros quadrados de um duplex, e não havia nada lá além de um aparelho de televisão abandonado. As paredes estavam marcadas com o mobiliário, e havia um fantasmagórico esboço de um sofá em formato de L no chão.

"Está a venda por cinco milhões de euros, se alguém estiver interessado," o porteiro adicionou. "Tenho a informação do corretor lá embaixo."

"Isso não faz sentido." Schuyler disse. "Por quê a família dele se mudaria tão rápido? Eles já não tem o bastante com o quê se preocupar com o Dylan preso?"

Eles andaram ao redor do apartamento vazio, enquanto tentavam evocar os motivos do subitâneo desaparecimento dos Wards.

"Você sabe para onde eles foram?" Schuyler perguntou para o útil porteiro.

"Algo sobre voltar para Connecticut, eu ouvi. Não tenho certeza."

O porteiro os conduziu para fora do apartamento e o trancou. Eles tomaram o elevador de volta para o lobby. Bliss tirou o diretório da Duchesne de dentro da bolsa Chloé Paddington. Mas os telefones dos pais de Dylan que estavam no livro estavam fora de serviço. Não havia novas listagens.

"Vocês pelos menos conheceram os pais dele?" Bliss perguntou, jogando o celular longe.

Novamente, Schuyler e Oliver balançaram a cabeça.

"Eu acho que ele tem um irmão na faculdade," Schuyler se voluntariou, se sentindo mais e mais culpada por não conhecer muito sobre o amigo. Eles saíam juntos na escola todos os dias, e todos os fins de semana. E ainda assim, quando pressionados, nem Schuyler nem Oliver conseguiam se lembrar de alguma coisa sobre a vida de Dylan.

"Ele não falava muito sobre ele mesmo," Oliver disse. "Ele era um pouco quieto."

"Ele provavelmente não conseguia fazer uma frase," Bliss fez piada. "Entre vocês dois, eu quero dizer - quando vocês estão juntos, vocês tendem a se unir."

Schuyler aceitou a observação sem se sentir insultada. Eles tendiam a fazer isso. Ela e Oliver eram amigos a tanto tempo, e eles eram tão acostumados um ao outro, que era um milagre que Dylan tenha conseguido ingressar como parte do grupo, fazendo da dupla um trio. Eles haviam deixado, principalmente porque eles se sentiam lisonjeados já que ele gostava muito deles, mas também porque ele não ficava no caminho. Ele parecia gostar das histórias deles, das piadas internas, e nunca parecia querer mais do que eles podiam oferecer.

"E se nós pudessemos só falar com ele," Schuyler disse.

"E se nós pudessemos apenas explicar para a polícia," Oliver adicionou. "Explicar o quê?" Bliss perguntou mal humorada. "Que ele não poderia ter matado ela porque ela era uma vampira e nada pode matar vampiros, exceto por, oh, alguma coisa estranha

que nós ainda não sabemos o quê é, mas a propósito, Dylan é humano então... bem, quando você olha por esse lado, quem algum dia vai acreditar na gente?" Bliss perguntou.

"Ninguém," Schuyler concluiu.

Eles estavam na frente do prédio de Dylan, ostensivamente e frustrados.

Trinta e quatro

Já que não havia nada que eles pudessem fazer por Dylan até agora, Oliver sugeriu que visitassem o Repositório no porão do The Bank novamente. No caminho, ele e Schuyler contaram a Bliss o que sabiam. Eles tinham que continuar tentando. Até então, os caminhos não haviam os levado a lugar nenhum, especialmente já que eles mal sabiam pronunciar Croatan.

"E quanto a olhar em Plymouth em vez disso?" Oliver perguntou de repente. "Sky (aqui foi usado como apelido da Schuyler), você disse que o Jack Force havia mencionado que parte da memória dele estava bloqueada. Algo sobre a Colônia de Plymouth."

O Repositório estava mais vazio que o normal, três deles sentados diligentemente nas mesas. Schuyler achou diversos livros de história que documentavam a colonização de Plymouth e a passagem de Mayflower, Bliss achou registros interessantes de cada passageiro do Mayflower, e Oliver apareceu com um grande, livro de capa de couro que continha documentos civis. Mas nada que incluísse qualquer insinuação a Croatan.

"Procurando por queijo novamente?" Renfield perguntou, deslizando enquanto eles passavam por sua mesa.

"Queijo?" Bliss perguntou, confusa, enquanto Oliver e Schuyler soltavam uma risada abafada.

"Nós diremos mais tarde," Schuyler prometeu.

Um pouco depois, Bliss e Schuyler lembraram que as duas tinham um compromisso com as Costureiras pela Civilização para a multidão mergulhando nas fotografias, então elas deixaram Oliver pelo resto da noite. O novo anúncio publicitário iria ser colocado em um prédio da Times Square na próxima semana, e Jonas queria mostrar a elas a imagem final que fora escolhida.

Durante a reunião, o celular de Schuyler tocou. "É o Oliver," ela disse à Bliss. "Eu deveria atender." Ela se retirou da mesa. "O quê é?" ela perguntou.

"Volte pra cá, eu acho que achei algo," ele disse, a excitação palpável em sua voz.

Quando elas retornaram para o Repositório, Oliver mostrou a elas o que ele havia encontrado. Era um fino livro encadernado e com capa de couro de carneiro.

"Estava tão escondido atrás das prateleiras que eu quase o deixei passar. É um diário, de uma mulher que era uma das primeiras colonas de Plymouth. Veja o que

ela diz..."

Eles leram as páginas, documentavam a jornada através do mar, a fundação da colônia, a viagem do marido dela até Roanoke, e no fim, passagens frenéticas. A escrita era quase incompreensível, como se a escritora estivesse assustada demais para escrever aquelas palavras no papel.

Mas lá estava.

CROATAN.

"Uma única palavra, escrita como mensagem em uma árvore." Oliver entonou. "Eles estão aqui. Nós não estamos seguros."

"Aconteceu antes," Schuyler disse. "Foi isso que o Jack me disse. Então é preciso que tenha acontecido antes. Deve ser disso que ela estava falando. Contra o que eles estavam lutando."

"Você está certa. Croatan deve significar alguma coisa - eles estavam assustados com isso. Isso tem que ser a chave." Oliver disse.

"Croatan," Bliss disse, a palavra disparando distantes sinais de alarme em sua memória.

"Eu acho que já ouvi isso em algum lugar." As sobrancelhas dela enrugando. "E ela fala sobre Roanoke. Você se lembra de Roanoke, certo?"

"Eu não sou realmente boa em história na verdade," Schuyler se desculpou.

"Mas isso tem algo a ver com uma colônia desaparecida, certo?"

"A Colônia Perdida," Oliver concordou. "Eu não sei porque isso não me ocorreu antes. Era a colônia original, estabelecida vários anos antes de Plymouth. Mas todos eles desapareceram. Nada foi deixado da colônia."

"Certo. Eles todos morreram, lembra? Ninguém nunca descobriu o que aconteceu com eles. É um mistério não resolvido da história Americana," Bliss adicionou. "Como o assassinato de JFK."

"Eles devem ter sido Sangues Azuis," Oliver disse.

"E todos eles foram mortos. Pelo menos, Catherine Carver parecia pensar que sim." Schuyler acenou com a cabeça.

"Isso é tudo que está aí?" Schuyler perguntou.

"Só há mais uma página," Oliver disse, mostrando a elas a última folha do diário.

"Sobre algum tipo de eleição ou algo do tipo. Aqui ela escreveu, 'Fugir ou ficar?' bem, nós

sabemos o que aconteceu. Eles ficaram. Os Sangues Azuis ficaram. Nós não estaríamos aqui se eles não estivessem. Myles Standish - seja lá quem for, ele deve ter ganho."

"Não há mais nada sobre Croatan, ou Roanoke, ou alguma outra coisa?" Bliss perguntou, pegando o diário e virando as páginas.

"Não. É só isso. O diário apenas termina. Como se as páginas tivessem sido arrancadas e alguém não quisesse que nós soubessemos sobre isso, ou algo do tipo. Mas eu achei algo. Olhe aqui, há uma lista das últimas pessoas que o pegaram emprestado."

Elas olharam para onde ele estava apontando. Lá havia uma aba amarelada com a lista

de nomes dos Sangues Azuis que haviam pego o diário emprestado.

"A maioria deles é tão velho, eles já se foram agora. Mas olhe para o último."

Schuyler olhou atentamente para o final da lista de empréstimos. A última assinatura continha três letras escritas em uma boa e delicada letra: CVA. 24/12/11.

"Quem quer que tenha pego emprestado, o fez em 1911, e isso significa, que foi-"

"Mais de cem anos atrás," Bliss interrompeu. "Como nós podemos saber se eles ainda estão nesse ciclo?"

"É impossível. De qualquer jeito, é a única chance que nós temos," Oliver disse.

"CVA?" Bliss perguntou. "Quem é CVA?"

"CVA," Schuyler repetiu. A letra era familiar, como a forma de escrita aneiforme.

"Essas são as iniciais da minha avó. CVA. Cordelia VanAlen. E parece com a caligrafia dela. Eu tenho certeza disso."

"Você acha que ela pegou esse livro emprestado? Talvez ela saiba algo sobre isso?"

Bliss perguntou.

Schuyler deu de ombros. "Eu não sei, mas eu posso perguntar a ela."

"Quando ela volta de Nantucket?" Oliver perguntou.

"Amanhã. Eu tenho que encontrar com ela no Conservatory para o almoço. Eu quase esqueci," Schuyler disse.

"Então, Oliver, essa coisa de Croatan, é o quê está por trás da morte da Aggie?" Bliss perguntou.

"Eu acho que sim," Oliver disse. "Mas eu ainda não sei o que isso é."

"Mas mesmo se nós descobirmos, isso ainda não vai ajudar o Dylan. Mesmo se Croatan é o que matou a Aggie, como nós iremos provar que não foi o Dylan quem fez isso? Como nós iremos provar que ele está sendo acusado injustamente?" Bliss perguntou.

"Nós não vamos," Oliver disse. "Eu quis dizer, vocês não vão. Eu não sei mais de quanta ajuda eu posso ser."

"O quê você quer dizer com isso? Você já fez demais," Schuyler protestou. Ela lhe lançou um olhar de admiração que o fez corar.

"Pesquisa, sim. Eu posso pesquisar. Nessa parte nós estamos bem, mas eu não posso fazer nada para ajudar com o plano."

"Qual plano?" Bliss perguntou, divertida.

Oliver pareceu muito sério e propositivo durando um segundo. Ele havia parado de fazer piadinhas dessa vez. "Nós temos agido como se o sistema trabalhasse para nós. Não trabalha. Vocês precisam pensar como Sangues Azuis. Nós nunca iremos convencer ninguém a deixar o Dylan sair baseado no que nós sabemos. Então nós faremos outra coisa," Oliver disse.

"O quê?"

"Sequestrá-lo."

Trinta e cinco

O almoço no Central Park Conservatory era um dos eventos sociais mais importantes no calendário de Cordelia.

Era realizado em um salão de baile no Plaza, e já estava bem encaminhado quando Schuyler chegou.

Ela checou no registro de mesas e achou a avó sentada no centro do salão com luminárias bem preservadas de ambos os lados.

"Minha neta, Schuyler," Cordelia disse, olhando com prazer.

Schuyler bicou a bochecha da avó. Ela pegou um lugar na mesa, removendo uma programação da cadeira.

O almoço anual levantava verba significativa para a conservação e manutenção do parque. Era uma das causas mais agraciadas pelos Sangues Azuis. Havia sido ideia deles trazer natureza para Nova York, trazer um oásis para o coração da cidade, uma simulação do Jardim do qual eles foram expulsos há muito tempo atrás.

Schuyler reconheceu muitas das grandes damas e socialites das reuniões do Comitê, olhando rapidamente de mesa em mesa, cumprimentando os convidados.

"Cordelia - o que é Croatan?" Schuyler exigiu, acabando com a fofoca das fofoqueiras. A mesa caiu em silêncio, e várias senhoras levantaram as sobrancelhas para Schuyler e sua avó.

Cordelia se assustou com a palavra. Ela quebrou o rolo que estava segurando em dois.

"Essa não é a hora e nem o lugar, juvenzinha," ela disse quietamente.

"Eu sei que você sabe. Nós vimos em um dos livros do Repositório. Tinha as suas iniciais nele. Cordelia, eu tenho que saber," Schuyler sussurrou ferozmente.

No tablado, o prefeito estava agradecendo as senhoras pela contribuição, pelas generosas doações e esforço para manter o Central Park um bonito e vibrante lugar.

Houve uma ondulação de aplausos e Cordelia aproveitou para censurar sua neta.

ondulação de aplausos e Cordelia aproveitou para censurar sua neta.

"Não agora. Eu vou te dizer mais tarde, mas você não irá me embarçar em função disso."

Pela hora seguinte, sentou-se carrancuda, escolhendo os pedaços de frango no prato e ouvindo uma série de falantes descrever as novas atividades e compromissos para o parque.

Havia um show de slides na nova exibição de arte, e uma apresentação da restauração de Bethesda Fountain.

Finalmente, depois de receberem as sacolinhas com lembrancinhas, e ela e Cordelia estavam seguras e escondidas na limosine antiga de Cordelia, com Julius dirigindo, Schuyler conseguiu suas respostas.

"Então você encontrou o diário de Catherine. Sim, eu deixei minhas iniciais lá. Para alguém encontrar. Eu não sabia que seria você," Cordelia disse, divertida.

"Não fui eu. Foi o Oliver Hazard-Perry na verdade."

"Ah. Oliver, sim. Um rapaz muito útil. De uma família excelente. Para Sangues Vermelhos, como são."

"Não mude de assunto. O quê é Croatan?"

Cordelia subiu a divisória para separá-las de Julius. Quando estava completamente fechada, ela virou-se para Schuyler com uma carranca. "O que vou dizer a você é extritamente proibido de ser dito. Nós não podemos falar disso. O Comitê decretou como nunca tendo existência. Eles até tem tentado suprimir isso de nossas memórias."

"Por quê?" Schuyler perguntou, olhando a cidade do lado de fora da janela. Era outra dia cinzento, e Manhattan parecia estar perdida em meio a uma fina névoa, fantasmagórica e majestosa.

"Como eu te disse, os tempos mudaram. As maneiras antigas não existem mais. As pessoas no poder já não acreditam. Até a mulher que escreveu o diário iria renegar suas palavras. Seria muito perigoso para ela admitir seus medos."

"Como você sabe que ela se sentiria desse jeito?" Schuyler perguntou.

"Simples, porque fui eu que o escrevi. É o meu diário."

"Você é Catherine Carver?" Schuyler perguntou.

"Sim. Eu me lembro do estabelecimento de Plymouth claramente, quase como se houvesse sido ontem. Fora uma terrível jornada." Ela estremeceu. "E foi seguida de um inverno mais terrível ainda."

"Por quê? O quê aconteceu?"

"Croatan." Cordelia suspirou. "Uma palavra antiga. Significa Sangue Prata."

"Sangue Prata?"

"Você ouviu a história da nossa Expulsão."

"Sim." O carro fez lentamente seu caminho cruzando a Fifth Avenue. Por causa do tempo ruim, só havia algumas pessoas na serrilhação, fora das lojas de departamento, uma dezena de turistas tirando fotos das vitrines, compradores tentando escapar da chuva.

"Quando Deus tirou Lucifer e seus anjos do céu, como punição por seus pecados, esses foram amaldiçoados a viver suas vidas imortais na Terra, onde nos tornamos vampiros, dependentes

de sangue humano para sobreviver," Cordelia disse.

"Eles nos disseram tudo isso nas reuniões do Comitê."

"Mas eles não disseram essa parte. Foi retirada dos registros oficiais."

"Por quê?"

Cordelia não respondeu. Em vez disso, sua voz tomou uma qualidade monótona, como se ela estivesse lendo de um livro feito de memórias. "Antes na nossa história, Lucifer e uma pequena multidão de seus fiéis seguidores separaram-se do grupo. Eles rejeitaram Deus, e foram desdenhosos quanto ao banimento. Eles não queriam recuperar a Graça do Senhor. Eles não acreditavam no Código

Vampirico."

"Por quê não?" Schuyler perguntou, com o carro andando preguiçosamente para as luzes. Elas estavam na Sixth Avenue agora, entre os arranha-céus e prédios de escritórios corporativos com os nomes gravados nas fachadas.

McGraw-Hill. Simon and Schuster. Time Warner. Uma bancada com televisores no prédio da Morgan Stanley explodindo com as novas notícias do mercado de ações.

"Porque eles não queriam viver com nenhum tipo de lei. Eles eram voluntariosos e arrogantes, na terra era como se eles estivessem no céu. Lucifer e outros vampiros descobriram que se eles realizassem a Cerimônia Oscular em outros vampiros em vez de humanos os tornava mais poderosos. Como você sabe, Cerimônia Oscular é a sucção de sangue que vampiros fazem em humanos, a fim de ganhar força. No Código Vampirico, é proibido realizar a Cerimônia Oscular em Sangues Azuis. Mas isso é exatamente o que Lucifer e seus vampiros faziam. Eles começaram a consumir Sangues Azuis para completar a Dissipação."

"Você quer dizer-"

"Até terem sugado toda a força vital de um ser, sim. Até que eles tivessem consumido todo um Sangue Azul e suas memórias."

"Mas por quê? E o quê aconteceu depois?"

"Consumindo a força vital dos Sangues Azuis, Lucifer e seus vampiros sanguinarios tornaram-se Prata. Eles tornaram-se os Sangues Prata. Croatan. Isso significa abominação. Eles são insanos, com a vida de vários vampiros na cabeça. Eles tem a força de mil Sangues Azuis. A memória de uma legião. Eles são o demônio disfarçado, o mal que anda entre nós; eles estão em todo o lugar e em lugar nenhum."

Enquanto Cordelia falava, eles digirigiam passando pela Sixth Avenue para a Seventh, e a vizinha mudou novamente.

Schuyler viu Carnegie Hall no canto e várias pessoas alinhadas do lado de fora comprando ingressos, abrigados sob guarda-chuvas.

"Por milhares de anos, os Sangues Prata caçaram, mataram e consumiram Sangues Azuis. Eles quebraram o Código Vampirico interferindo diretamente nos assuntos humanos e adquirindo poder no mundo dos homens. Eles eram imbatíveis. Mas os Sangues Azuis nunca pararam de lutar contra eles. Era o único jeito de sobreviver."

"A Última Grande Batalha entre os Sangues Azuis e os Sangues Vermelhos terminou durante os anos finais do Império Romano, quando os Sangues Azuis foram capazes de invalidar a eleição de Caligula, um poderoso e astuto vampiro Sangue Prata. Depois da derrota de Caligula, por muitos séculos os Sangues Azuis viveram em paz na Europa."

"Então por quê nós viemos para a América?" Schuyler perguntou, quando o carro passava pela Eighth Avenue.

"Porque nós estávamos pela perseguição religiosa e a repercussão que nós achamos crescente no século XVII. Então em 1620, nós viemos para o Novo Mundo no Mayflower com os Puritans, na tentativa de achar paz no Novo Mundo."

"Mas não havia paz, havia?" Schuyler disse, pensando no diário de Catherine.

"Não, não havia," Cordelia disse, fechando os olhos. "Nós descobrimos que Roanoke tinha sido atacada ferozmente. Todos estavam perdidos. Os Sangues Prata também estavam no Novo Mundo. Mas isso não fora o pior."

"Por quê?"

"Porque as matanças recomeçaram. Em Plymouth. Muitos dos nossos jovens Sangues Azuis só podem ser pegos durante os Anos do Pôr-do-sol, quando nós passamos de humanos para o eu vampiro. É a nossa época mais vulnerável. Enquanto nós não estamos no comando de nossas memórias, nós não sabemos da nossa força. Nós somos fracos e podemos ser manipulados e controlados, e no fim, consumidos pelos Sangues Prata."

Elas dirigiram pelo West Side Highway, passando pelas brilhantes novas alas pelo rio e próximo a Riverside Park.

"Alguns se recusam a acreditar que os Sangues Prata são os responsáveis. Eles se recusam a ver o que está bem na frente deles, insistindo que os que foram consumidos irão voltar de alguma maneira. Eles estão cegos para a ameaça. E depois de alguns anos, a matança parou. Os anos passaram a nada aconteceu. Então séculos - ainda nada. Sangues Prata tornaram-se um mito, uma lenda, passando para um conto de fadas. Sangues Azuis adquiriram riqueza, proeminência, a status na América, e enquanto o tempo passava, a maioria de nós se esqueceu sobre os Sangues Prata completamente."

"Mas como? Como nós podemos esquecer de algo tão importante?"

Cordelia suspirou. "Nós nos tornamos complacentes e teimosos. A negação também é uma forte tentação: Agora tudo sobre os Sangues Prata foi removido das histórias de nossos livros. Os Sangues Azuis se recusam a acreditar que haja algo mais forte do que eles no mundo. A vaidade deles não os deixa se convencer disso."

Schuyler balançou a cabeça, horrorizada.

"Aqueles de nós que alertaram e fizeram campanha para a eterna vigilância foram banidos do Conclave, e não possuem mais poder no Comitê nos dias de hoje. Ninguém nos ouve mais. Ninguém nos ouve desde Plymouth. Eu tentei, mas eu não sou poderosa o suficiente para tomar o controle."

"John queria soar o alarme," Schuyler disse, lembrando o que dizia no diário. "O seu marido."

"Sim. Mas nós não obtivemos sucesso. Myler Standish você sabe que ele é hoje Charles Force - tornou-se o chefe do Conselho dos Anciãos. Ele tem nos liderado desde então. Ele não acredita no perigo dos Croatan."

"Nem mesmo quando isso mata crianças?"

"De acordo com Charles, isso não foi provado."

"Mas Jack disse tudo sobre o sangue drenado do corpo de Aggie, e que dois outros corpos que foram encontrados antes. Eles tem que ter sido consumidos por Sangues Prata!"

Cordelia olhou sinistramente. "Sim, esse também é meu palpite. Mas ninguém acredita em uma mulher velha que perdeu a fortuna. Eu nunca acreditei que os Sangues Prata tinha ido embora inteiramente. Eu sempre achei que eles estavam apenas descansando, observando, e esperando, pelo tempo de retornarem."

"Tem que ser isso. É a única explicação!" Schuyler argumentou. "Mas a polícia prendeu o meu amigo, Dylan. Ele não poderia ter feito isso! Dylan é humano. Eles o levaram ontem."

Cordelia olhou perturbadoramente. "Eu achei que a explicação oficial fosse overdose de drogas. Eu ouvi que era o que O Comitê havia decidido."

"Isso é o que nós ouvimos - mas agora eles estão dizendo que ela foi estrangulada."

"É verdade em parte," Cordelia meditou.

"Você precisa nos ajudar. Como nós descobriremos quem o Sangue Prata é! Por quê eles estão aqui? Onde eles estão? Como nós o achamos?"

"Algo os acordou. Algo está os abrigando. Eles podem ser qualquer um que nós conhecemos. Demora muito tempo para converter Sangues Azuis em Sangues Prata. Meu palpite é que um poderoso Sangue Prata retornou, e está começando a recrutar novos discípulos."

"Então o que nós faremos agora?" Schuyler perguntou, enquanto o carro ia para a rua delas.

"Você tem o conhecimento dos Sangues Prata. Você pelo menos sabe o que está lá fora. Você pode se preparar."

"Como?"

"Há uma coisa. Uma coisa que a sua mãe descobriu. Sangues Prata ainda são vinculados às leis do céu e a Língua Sagrada." Ela sussurrou o restante no ouvido de Schuyler. Cordelia abriu a porta do carro e desceu. "Eu não posso dizer mais nada sobre esse assunto. Eu já quebrei O Código te contando essa história. Quanto ao problema que você me apresentou, eu me desculpo, mas você vai ter que ir falar com Charles Force. Ele é o único que pode ajudar o seu amigo agora."

Trinta e seis

As reuniões do Comitê foram remarcadas para as Segundas. Elas haviam sido canceladas por várias semanas, sem dar nenhuma explicação para os novos membros. Durante a reunião, o planejamento para o Four Hundred Ball começou a sério. Ainda não havia menção a morte de Aggie e a prisão de Dylan. Em vez, havia um animado falatório

sobre o baile formal de Natal. O Four Hundred Ball era a festa mais esperada do ano, a mais glamurosa, a mais fantástica, e a mais exclusiva, e apenas Sangues Azuis eram convidados.

Schuyler fora até a reunião só para ver se ela ainda conseguia falar com Jack de alguma maneira, que estava de pé, de costas para ela. Os novos membros foram divididos em subcomitês, e Schuyler só aceitou o convite do grupo que requiriria menos trabalho.

Assim como ela pensou, o único trabalho que eles tinham era juntar a lista de convidados, que seriam avaliadas pelo Comitê Sênior, e então eles iriam selar e mandar os convites, que já estariam escolhidos, designados e impressos.

"Eu estou preocupada com o Dylan," Bliss disse, quando a reunião acabara. "Onde ele está? A polícia ainda não disse. E o meu pai continua dizendo para eu me manter fora disso."

"Eu sei, eu estou também." Schuyler concordou, com seu olhar dirigido na direção de Jack que estava conversando com Sra. DuPont e Mimi.

"É uma causa perdida, Schuyler. Eu conheço os gêmeos Force. Eles são grudados."

"Eu só tenho que tentar," Schuyler disse desejosamente. Ela ainda não conseguia acreditar que o rapaz que a havia beijado tão apaixonadamente há não tanto tempo atrás estava agora a ignorando e agindo como se nada nunca tivesse acontecido entre eles. Ela não conseguia conciliar o Jack que havia contado a ela sobre seus sonhos e memória bloqueada com o que era animado debatendo sobre dança, orquestras, bandas de jazz para o próximo baile.

"Ajude a si mesma," Bliss suspirou. "Mas não diga que eu não te avisei."

Schuyler concordou com um aceno de cabeça. Bliss foi embora e Schuyler andou na direção de Jack Force. Agradecidamente, Mimi já havia deixado o salão.

"Jack, você precisa me escutar," ela disse, puxando-o de lado. "Por favor."

"Por quê?"

"Eu sei o que O Comitê está escondendo. Eu sei o que Croatan é."

Ele parou, encarando-a. "Como?" Ela havia evitado na reunião olhar para ela, mas ele olhou para ela agora - as bochechas de Schuyler estavam avermelhadas de raiva, e ela parecia ainda mais bonita do que ele se lembrava.

"Minha avó me contou." Ela repassou tudo o que sua avó havia dito a ela sobre os Sangues Prata, e as matanças em Roanoke e Plymouth.

A testa dele se enrugou. "Ela não tem permissão para fazer isso. É informação privilegiada."

"Você sabe sobre isso?"

"Eu fiz algumas pesquisas sozinho, e o meu pai me contou o resto. Mas é um beco sem saída."

"O quê você quer dizer? É a primeira pista."

Ele balançou a cabeça. "Schuyler, eu sinto muito por ter enganado você. Mas a morte de Aggie já está sendo investigada. Você tem que confiar que O Comitê irá fazer a coisa certa. Sua avó te contou uma antiga lenda. Não há essa coisa de Sangues Prata. Ninguém nunca provou que eles existissem."

"Eu não acredito em você. Nós precisamos convencer O Comitê a alertar a todos. Se

você não me apóia, eu mesma vou fazer."

"Não há nada que eu possa fazer para te parar?" Jack perguntou.

Schuyler levantou o queixo em determinação. "Não." Ela olhou de soslaio para ele. Apenas há algumas semanas atrás, ela estava apaixonada por ele, por sua coragem e bravura. Onde estava o cara que se recusava a engolir as mentiras que O Comitê lhe dizia? Para onde ele foi? Quando eles dançaram juntos no Informal, ela pensou que nunca havia sido tão feliz em sua vida. Mas Jack não era o cara que ela achava que ele fosse. Talvez ele nunca tivesse sido.

TRINTA E SETE

Depois da reunião, Schuyler disse a Bliss e Oliver tudo que sua avó tinha dito a ela sobre os Sangue Prata, e como Charles Force era a única pessoa que podia ajudar eles com a situação de Dylan. Eles decidiram que no outro dia Schuyler e Bliss iam cabular o terceiro período de aula para confrontá-lo. Oliver ia inventar alguma desculpa para o professor de arte deles do por que as garotas estavam ausentes.

Elas armaram uma emboscada para o Sr. Force na frente do restaurante Four Seasons, onde ele era conhecido por comer diariamente. O Four Seasons era localizado no prédio Seagram na Park Avenue, e do meio-dia às duas da tarde, era o centro do universo de Manhattan. Magnatas da mídia, do meio financeiro, publicitários, autores afamados, e celebridades faziam aquilo seu bar cinematográfico pessoal. (n.t: commissary é uma palavra com um monte de sentidos, e o que mais se encaixou é o de bar de lanchinhos no meio do set de filmagem)

"Aqui está ele," Bliss disse, mostrando sua cabeça cinza lustrosa emergindo de um Town Car preto. Ela reconheceu ele porque seu pai tinha hospedado os Forces no seu apartamento na primeira semana que eles chegaram em Manhattan. Ela tinha ficado com um pouco de medo de Charles Force. O homem tinha olhado bem através dela, como se ele soubesse tudo sobre ela, cada anseio secreto, cada desejo escondido; seu aperto de mão fora firme e tinha deixado uma marca nela. Ele tinha assustado ela, mas ela não estava a ponto de deixar isso interferir ela na ajuda a Dylan.

Schuyler estudou ele. Ela podia jurar que já tinha visto ele antes. Mas onde? Tinha alguma coisa familiar nele. A forma em que ele inclinava sua cabeça para frente. Ela conhecia esse homem, ela estava certa disso.

"Sr. Force! Sr. Force!" Bliss chamou. Charles Forces olhou curiosamente para as duas garotas paradas na frente dele.

"Com licença," ele disse para seu companheiro de almoço.

"Sr. Force, nós pedimos desculpas por atrapalhar você," Bliss disse. "Mas nos disseram para vir até você, que só você poderia nos ajudar."

"Você é a filha de Forsyth, certo?" Charles disse abruptamente. "O que você está fazendo aqui no meio do dia? Duchesne não tem regras de fora-do-campus? O que as

fez sair sem uniformes?" Ele virou para Schuyler. "E você." Ele não disse seu nome, mas ele levantou as sobrancelhas. "Se eu não estou errado você é uma estudante da Duchesne também. Bem, vocês tem a minha atenção. Como posso ajudá-las?" Schuyler segurou seu olhar e não recuou. Ela encarou ele com seus brilhantes olhos azuis, e foi ele que desviou o olhar primeiro. "Nosso amigo Dylan está sendo acusado de um assassinato que ele não cometeu. Você é o único que pode nos ajudar. Você é o Regis. Minha avó disse - "

"Cordelia Van Alen é uma ameaça. Ela nunca me perdoou por pegar o comando da Conclave," ele murmurou. Ele gesticulou para seu companheiro de almoço, que ainda estava pacientemente segurando a porta aberta do restaurante. "Pode ir, eu vou me juntar a você em um minuto."

"Nós não vamos embora até que você nos ajude," Bliss disse - sua voz tremulando mesmo que não houvesse nada que ela quisesse mais do que correr e se esconder desse homem. As vozes na sua cabeça estavam gritando, exigindo que ela ficasse longe dele. *Assassino...* uma voz em sua cabeça sussurrou. *Matador...* Ela sentiu uma profunda e intensa repulsa. Ela queria vomitar. Ela queria se jogar na frente de um táxi. Ela queria voar, fugir, qualquer coisa para fugir do seu olhar penetrante. Ela pensou que fosse ficar louca de medo. Tinha alguma coisa terrível sobre esse homem, um poder selvagem e perigoso do qual ela devia fugir.

"O assunto de Dylan Ward já foi resolvido. Não é mais preciso se preocupar com ele mais," ele disse, com um despreocupante aceno de mão. "Ele está perfeitamente a salvo. Nada vai acontecer com ele. A polícia cometeu um erro desculpável. Ele está livre. Seu pai podia ter te dito isso," ele fungou. "Ele ajudou com a papelada para sua libertação." Bliss estava momentaneamente chocada em silêncio. Ela não tinha percebido que isso seria tão fácil. "O que você quer dizer?"

"Exatamente o que eu disse, o problema foi resolvido," ele disse curtamente. "Não tem necessidade de preocupação, eu asseguro você. Agora, por favor, eu estou atrasado para o meu almoço."

Bliss e Schuyler trocaram olhares preocupados.

"Mas e quanto aos Sangue Prata? E quanto ao que eles estão fazendo conosco? Nós sabemos sobre Croatan!" Schuyler acusou.

"Por favor, não me aborreça com os contos de fada miseráveis de Cordelia Van Alen. Eu me recuso a até mesmo discutir isso. Eu já disse isso antes e vou dizer de novo. Não existe nada como Croatan," ele disse, algo definitivo em seu tom. "Agora, eu sugiro que vocês garotas voltem para a escola, onde é seu lugar."

TRINTA E OITO

O Hotel Carlyle era um subestimado, elegante hotel na Madison Avenue no estilo de uma grande casa senhorial inglesa. Era um desses hotéis que sussurravam luxúria com

um sangue-frio Velho Dinheiro intimidador. Até mesmo o ar-condicionado estava sempre em um gélido 66°F. Quando Schuyler era pequena, sua avó ia levar ela ao Bemelmans Bar para Shirley Temples. Cordelia sentaria no bar e fumaria, bebendo um Sazerac depois do outro, e Schuyler se sentaria quieta, olhando para os felizes animais no mural e contando quantas moças que entravam usando chapéus e flores pregadas nas roupas. Então, logo, eles iriam dirigir-se a sala de jantar principal para engolir uma refeição francesa de cinco pratos. Nos dias que Cordelia declarava que ela tinha tido "o bastante" da casa Riverside Drive, eles iriam dirigir-se a uma suíte de dois quartos no Carlyle pelo final de semana. Schuyler iria pedir morangos e creme do serviço de quarto, encher completamente a banheira de hidromassagem, e comer seu jantar deficiente de nutrição no meio das bolhas.

Quando Schuyler entrou no átrio de mármore branco naquela tarde, ela se sentiu em casa no ambiente silencioso. Ela colocou pensamentos dolorosos sobre Jack Force e o humilhante encontro com o seu pai fora da sua mente. Bliss tinha pedido a ela e a Oliver para encontra-la ali naquela tarde sem explicar por que. Oliver já estava esperando em um canto isolado do bar.

"Manhattan?" ele perguntou, mexendo no seu drinque. "Claro." Ela concordou.

Um discreto garçom chegou trazendo uma bandeja prata e o coquetel dela. Ele colocou um pote prata de nozes torradas espanholas na mesa deles.

Schuyler pegou uma e mastigou ruidosa e pensativamente. "Deus, eles tem as melhores nozes aqui ou o que?"

"Não tem nada como um hotel do Upper East Side." Oliver acenou sabiamente, pegando uma mão cheia. "Nós devemos fazer uma tour em bares-nozes em Nova York.

Comparar as nozes do Regency as do Carlyle as do St. Regis."

"Mmmmm... O Regency tem uma seleção (n.t.: de nozes) ótima. Eles fazem essa pequena entrada, com três tipos diferentes de gostosuras - ervilhas wasabi, nozes torradas, e algum tipo de biscoito apimentado," Schuyler disse. O Regency era outra das tocas favoritas de Cordelia.

Eles esvaziaram seus copos e pediram outro. Depois de alguns minutos, Bliss entrou correndo no bar, seu cabelo ainda molhado de um banho. Ela pegou um assento ao lado de Schuyler e na frente de Oliver. "Hey, gente. Obrigada por me encontrarem."

"Manhattan?"

"Claro."

Eles três bateram seus copos juntos.

"Mmmm... essas nozes estão boas," Bliss disse, jogando algumas na boca.

Oliver e Schuyler riram.

"O que é tão engraçado?"

"Nada. Eu digo a você depois, não é importante," Schuyler disse.

Bliss levantou uma sobrancelha. Eles dois eram assim o tempo todo. Piadas internas,

memórias da amizade deles que ela não tinha. Era incrível como Dylan tinha conseguido.

"Vamos lá, o que aconteceu? Por que você queria se encontrar aqui?" Schuyler perguntou.

"Ele está aqui."

"Quem?" Oliver perguntou.

"Quem mais? Dylan." Bliss respondeu. Ela contou a eles o que ela tinha descoberto pelo seu pai - que Dylan tinha sido solto - mas ele não estava tão livre como Charles Force tinha dito a eles. Ao invés, ele tinha sido posto em custódia preventiva em uma suíte no Hotel Carlyle. O juiz tinha autorizado Charles Force a pagar a fiança, com a condição de que Dylan seria solto apenas em sua guarda. Seu pai disse que era tudo um mal-entendido e os acusados seriam soltos logo. Mas eles ainda não conseguiam entender por que Dylan estava em custódia de qualquer forma, especialmente por Charles Force. "E eu ouvi meu pai e Charles conversando, sobre como eles 'tomavam conta deles mesmos' e 'não deixar a situação sair de controle.'"

"Imagina o que ele quer dizer com isso?" Schuyler perguntou, pegando outra noz do pote.

Bliss tomou um longo gole do seu coquetel. "De qualquer forma, da forma que eu vejo isso, nós apenas fazemos o que Oliver disse. Tiramos ele. Nós não podemos falhar. Use controle da mente para dominar os guardas - Schuyler me disse que ela fez isso antes - e corremos com ele para fora daqui, e Ollie é o vigia. Eles estão prendendo ele no Quarto 1001."

"Assim?"

"Sim, por que não? Você quem nos disse para pensar como Sangues Azuis."

"Mas como nós chegamos lá em cima em primeiro lugar? Você não precisa ser um hóspede?" Oliver perguntou.

"Na verdade," Schuyler revidou, "essa é a parte mais fácil. Cordelia e eu costumávamos ficar aqui todo o tempo. Eu conheço o elevador gente."

"Bem, então, vamos começar o show na estrada (n.t.:imagino que seja uma expressão (?)), " Oliver disse, levantando sua mão para pedir a conta.

Eles saíram do salão principal até o elevador com guardas. "Hey, Marty," Schuyler disse, sorrindo para o ascensorista em seu casaco vermelho brilhante com botões de latão.

"Olá, Senhorita Schuyler, você não tem vindo aqui por um tempo," ele disse, batendo com a ponta dos dedos no chapéu.

"Eu sei, tem sido muito tempo," Schuyler disse suavemente, mostrando o caminho aos seus amigos para o elevador espelhado.

"Vigésimo andar?" Marty perguntou jovialmente.

"Não, eles uh, nos puseram no décimo dessa vez. Vocês precisam ser registrados."

"É outubro," ele explicou. "Muitos turistas. Algum show no Met ou algo assim." Ele

pressionou o DEZ e deu um passo atrás, sorrindo para Schuyler e seus amigos. "Obrigada, Marty, vejo você por aí!" Schuyler disse, quando as portas abriram. Eles andaram até o fim do corredor até o quarto, mas quando eles chegaram ao Quarto 1001, não tinham guardas parados na frente do quarto. "Isso é estranho," Bliss disse. "Eu ouvi meu pai dizendo que eles tinham tipo, todos esses tiras ao redor dele o tempo todo." Schuyler estava quase pulverizando a fechadura, quando ela notou algo. A porta estava entreaberta. Ela empurrou. Ela deu um olhada rápida por cima do ombro para encontrar Bliss e Oliver dando a ela olhares perplexos. Eles tinham vindo preparados para a batalha, e ainda não tinham obstáculos no progresso deles. Schuyler entrou no quarto, Bliss imediatamente atrás dela. "Dylan?" Bliss perguntou. Eles entraram no cheio de pelúcia, acarpetado quarto, onde a televisão ainda estava retumbando. Tinha uma bandeja do serviço de quarto com remanescentes de carne no prato, os talheres de prata atropeladamente empilhados no lado. Uma cama desfeita e toalhas no chão. "Você tem certeza de que eles disseram 1001?" Schuyler perguntou. "Absoluta." Bliss acenou com a cabeça. "O que você acha que aconteceu?" Oliver perguntou, olhando ao redor e pegando o controle remoto. Ele desligou a televisão. "Dylan se foi," Bliss disse terminantemente. Ela lembrou o que Charles Force tinha dito a ela. Ele tinha sido tomado de conta - o que quer que aquilo significasse. Ela sentiu um arrepio. Eles tinham chegado muito tarde para salva-lo? "Ele escapou." Oliver fez que sim com a cabeça. "Ou alguém, ou algo, deixou ele ir." Schuyler disse. Bliss estava silenciosa, seu rosto inescrutável enquanto ela olhava para a comida meio-comida. Schuyler colocou uma simpática mão no seu ombro. "Eu tenho certeza onde quer que ele esteja, ele está bem. Dylan é forte," ela disse para sua amiga. "Agora, vamos lá, vamos sair daqui antes que alguém pense que *nós* deixamos ele ir."

TRINTA E NOVE

Veio até ela sem aviso. Schuyler amaldiçoou seu orgulho. Era tudo sua culpa. Oliver ofereceu colocar ela em um táxi, mas já que ela devia a ele tanto dinheiro, ela tinha recusado. Conduít ou não, ela não queria continuar a tirar vantagem da generosidade dele. Ele e Bliss viviam a poucas quadras do Carlyle e ela disse a eles que estava bem em pegar o ônibus que cruza a cidade. O M72 deixou ela na 72 com a Broadway, e ela decidiu andar o resto do caminho para casa. Eram mais de 20 quadras, mas ela aguardava o exercício. Na esquina da Rua Ninety-fifth (n.t.:95°), ela virou da bem-iluminada avenida para uma

rua escura, esperando para andar até Riverside, e foi quando ela sentiu aquilo. Dentro de segundos, aquilo tinha ela em sua posse. Ela sentiu as presas afiadas perfurando sua pele e começando a vagarosamente sugar seu sangue vital dela. Ela desfaleceu, engasgando. Ela estava morrendo.

Ela tinha quinze anos de idade e mal tinha vivido, e já estava morrendo. Ela lutou contra o aperto de ferro. Pior, sabendo que sua avó tinha dito a ela, ela *iria* viver. Ela viveria nas memórias dessa besta imunda, uma prisioneira presa numa armadilha dessa consciência insana para sempre.

Beauty. Onde estava Beauty? O cão de caça estaria muito atrasado para salvar ela agora. A dor era profunda; ela estava se sentindo tonta da perda de sangue. Mas justo antes dela sucumbir, houve um tiro.

Uma luta.

Alguém estava lutando contra a besta. O Sangue Prata estava libertando ela. Ela virou, segurando seu pescoço para parar o fluxo de sangue, para ver quem tinha salvado ela. Jack Force estava aprisionado em uma luta de poder com a feroz criatura, preso em uma briga tremenda. Era pesadão e largo, com cabelos prata brilhantes e forma de homem. Mas Jack estava lutando com ele.

Ele estava em igualdade com o Sangue Prata de golpe em golpe, mas no final, o Sangue Prata jogou ele longe, jogando o corpo de Jack contra o concreto.

"Jack!" Schuyler gritou. Ela olhou para cima, e enquanto o monstro atacava sua garganta, Schuyler lembrou das palavras da sua avó. As leis do céu significavam que toda criatura era uma escrava da Língua Sagrada.

Ela segurou-o longe com um comando poderoso: "*Aperio Oris!*" Revele-se!

O Sangue Prata vangloriou-se em risada, e assoviou em uma voz terrível que passava a sensação desagradável com a agonia de mil almas gritando, "Você não pode me comandar, terráquea!"

A criatura continuou sua ameaçadora marcha até ela.

"*Aperio Oris!*" Schuyler gritou de novo, mais energicamente dessa vez.

Jack cambaleou para trás, no momento que Schuyler convocou o encantamento, as palavras sagradas que ela aprendeu, o monstro mostrou a eles sua verdadeira face.

Era um rosto que Jack nunca esqueceria.

A besta uivou em desalento, guinchando um lamentável, terrível grito, e então desapareceu na noite.

"Você está bem?" Schuyler perguntou, correndo para o lado dele. "Você está sangrando."

"É só um corte," ele disse, limpando o sangue, que tinha saído vermelho, mas era azul na luz. "Estou bem. Você está?"

Ela sentiu o lado do seu pescoço. O sangramento tinha parado. "Como você soube?" ela perguntou.

"Que aquilo ia te atacar? Por que fez uma vez antes, então eu sabia que iria fazer de

novo. Assassinos tendem a voltar e acabar com o que eles começaram."

"Mas por que - "

"Eu não queria ver você se machucar por minha causa," Jack explicou bruscamente.

Isso é tudo? Schuyler pensou.

"Obrigada," ela disse suavemente.

"Você viu aquilo?" Jack perguntou. "Você viu?"

"Sim." Ela acenou. "Eu vi."

"Isso não pode estar certo," Jack disse. "É um truque." Ele sacudiu a cabeça. "Eu não acredito nisso."

"Não é. Ele tem que seguir as leis." Schuyler disse gentilmente.

"Eu sei sobre a Língua Sagrada," Jack rebateu. "Mas tem que ser um erro."

"Sem erro. Essas são as regras da criação."

Jack olhou furiosamente. "Não."

O monstro tinha se mostrado por um breve momento, quando não teve outra escolha a não ser obedecer as palavras de Schuyler. O monstro tinha mostrado sua verdadeira forma. E era o rosto da autoridade por trás de Nova York, o rosto do homem que sozinho mudou a cidade para ceder à sua vontade.

O rosto de Charles Force.

Seu próprio pai.

Quarenta

Schuyler disse a Jack tudo o que ela havia juntado, esperando que não fosse verdade. "É ele. Ele estava lá na noite da morte da Aggie. Eu o vi nos fundos do The Bank. Ele estava saindo do Repositório. Eu me lembro agora. Isto o coloca na cena do crime. Era ele, Jack."

Jack balançou a cabeça.

"Você não pode negar o que você viu. Era o rosto do seu pai."

"Você está errada. É um truque de luz, uma outra coisa." Ele continuou balançando a cabeça e encarando o sangue na calçada.

"Me ouça. Jack, nós temos que encontrá-lo. Minha avó disse que os Sangues Prata nem sequer sabem o que eles são. Talvez o seu pai nem saiba que fora possuído."

Jack não argumentou dessa vez.

Ela pôs uma mão no braço dele. "Onde ele está?"

"Onde ele sempre está. No hospital."

"O quê você quer dizer? Quê hospital?"

"Columbia Pres, mas eu não sei qual o quarto. Eu não sei o que ele faz indo lá. Só sei que ele visita alguém muito." Jack disse. "Por quê?"

"Eu acho que talvez eu saiba onde nós podemos encontrá-lo," Schuyler disse.

Schuyler sentia-se assustadoramente ansiosa enquanto estava no taxi para o hospital, mas ela tentou suprimir isso. Quando eles chegaram ao complexo, os guardas brincaram

sobre o "namorado" dela enquanto o davam o crachá de visitante.

"Quem está aqui? Onde nós estamos indo?" ele perguntou, enquanto a seguia rapidamente pelo corredor.

"Minha mãe," Schuyler disse. "Você vai ver."

"A sua mãe? Eu achei que a sua mãe estivesse morta."

"Ela pode estar de certa forma," disse Schuyler severamente.

Ela o guiou através dos corredores vazios até o quarto. Ela olhou através da janela de vidro e sugeriu que Jack fizesse o mesmo.

Havia um homem lá, ajoelhado ao pé da cama. O mesmo visitante misterioso que vinha todo domingo, que Schuyler havia visto mais de uma vez no quarto da mãe. Então era por isso

que Charles Force havia parecido tão familiar no funeral de Aggie. Agora ela reconhecia o conjunto dos ombros. Ele era o homem nos fundos do The Bank, e a fera que havia a

atacado. O estranho misterioso não era o pai dela depois de tudo, mas um Sangue Prata. Um monstro. Ela sentiu uma raiva furiosa - e se Charles Force tivesse algo a ver com a condição da mãe dela? O quê ele havia feito a ela?

"Pai," Jack disse enquanto entrava no quarto. Ela parou e pensou quando ele viu o rosto da mulher na cama. A mulher nos sonhos dele. Allegra VanAlen.

Charles olhou e viu Schuyler e Jack parados em sua frente. "Eu pensei que nós havíamos posto um fim nisso," ele disse, olhando severamente para os dois juntos.

"Onde você estava há meia hora?" Schuyler exigiu. "Aqui."

"Mentiroso," Schuyler acusou. "CROATAN!"

Charles levantou as sobrancelhas. "Eu deveria estar insultado? Por favor, abaixe a sua voz. Mostre algum respeito por aqueles que te cercam. Nós estamos em um hospital, não em um ringue de luta."

"É você, Pai. Nós te vimos." Jack disse. Ele ainda não conseguia acreditar que Allegra ainda estava viva. Mas o que ela estava fazendo em um hospital?

"Do que exatamente vocês dois estão me acusando?"

"Onde você conseguiu esses arranhões?" Jack exigiu, notando os cortes no rosto do pai.

"Sua mãe confundiu Persian," Charles resmungou.

"Eu não acho," Schuyler zombou.

"Do que se trata tudo isso?" Charles exigiu. "Por quê vocês dois estão aqui?"

"Você atacou a Schuyler. Eu te apoiei. Era você, eu vi você... Schuyler disse as palavras, e meu adversário revelou o rosto. E era o seu."

"É nisso que você acredita?"

"Sim."

"A sua avó está certa, Schuyler," Charles disse em um tom assombroso. "Os tempos certamente mudaram se meu próprio filho acha que eu sou uma abominação. É disso que

você está me chamando, não é, Jack?" ele perguntou, puxando para baixo a túnica balonete e mostrando a eles uma marca debaixo do punho em sua mão direita. Era uma espada, uma espada dourada perfurando uma nuvem.

"O quê é isso? Por quê você está nos mostrando isso?" Schuyler perguntou.

"A marca do Arcanjo," Jack explicou, sua voz reverente. Ele se esqueceu de sua preocupação confusa com Allegra VanAlen por um momento, e caiu de joelhos, se colocando em

frente aos pés de seu pai.

"Precisamente," Charles disse com um fino sorriso.

"O quê isso significa?" Schuyler perguntou.

"Significa que o meu pai é tão Sangue Prata quanto eu ou você," Jack explicou, sua voz aumentando. "A marca do Arcanjo. Não pode ser duplicada e não pode ser falsificada. Meu pai é Michael, Puro de Coração, que voluntariamente acompanhou os desagregados para a Terra para nos guiar em nossa viagem imortal." Ele cedeu ao pai.

"Me

perdoe. Eu tenho estado perdido, mas agora eu me encontrei."

"Levante-se, meu filho. Não há nada para perdoar."

Schuyler olhou de pai para filho com os olhos questionadores. "Mas eu usei a Linguagem Sagrada. O encantamento para revelar a sua verdadeira natureza."

"Sangues Prata são ágeis copiadores-de-formas," Charles explicou. "Iria seguir o seu comando - mas apenas após mostrar algo que você iria descartar, para te chocar. Só depois é que mostrará a verdadeira identidade. Mas apenas por breves instantes."

"Então se o seu pai não é o Sangue Prata, quem é?" Schuyler perguntou suspeitosamente. "E onde está o Dylan?"

"Ele está a salvo. Por agora. Escondido. Ele não irá mais prejudicar ninguém," Charles disse. "Amanhã ele estará longe."

"O quê você quer dizer com machucar ninguém?" Schuyler perguntou.

"Ele tinha as mordidas no pescoço. Ele estava sendo usado. Transformado".

"Para que? Sobre o que você está falando?"

"Dylan é um sangue azul," Charles disse curtamente. "Pelo menos ele era. Eu pensei que você soubesse disso."

Schuyler balançou sua cabeça. Dylan era um vampiro? Mas então quer dizer –quer dizer que ele poderia ter matado Aggie –que tudo que eles pensaram, tudo que eles presumiram poderia não ser mais verdade. Dylan não era humano. O que significava que havia uma chance que ele não fosse inocente.

"Mas ele nunca foi a qualquer reunião." Schuyler disse fracamente.

Charles sorriu. "Elas não são obrigatórias. Você pode aprender sobre sua história ou escolher ignorar ela. Dylan escolheu ignorar. Seu dano. Os Sangues Prata atacam apenas os fracos de espírito. Eles são desenhados para aqueles que são quebrados, danificados de alguma maneira. Eles sentiram a fraqueza de Dylan e atacaram em cima disto. Dylan por sua vez, atacou sobre outros."

"Então foi ele. Ele matou Aggie?"

"É lamentável o que aconteceu com Aggie, sim. Nós descobrimos que Dylan tinha sido drenado de quase todo seu sangue no original ataque, mas o Sangue Prata decidiu não consumir ele totalmente e o transformou em um deles em vez disso. Pra sobreviver ele teve que pegar sua própria vítima." Charles explicou. "Eu lamento."

Schuyler foi incapaz de falar por um momento. Todo o tempo, todo o tempo tinham pensado que ele era seu amigo. Dylan, um vampiro... Ou pior ainda, um peão dos Sangues Prata. Isso era horrível. "Então, os Sangues Prata existem, você admite que eles estão de volta."

"Eu não admito nada," Charles declarou altivamente. "Pode haver outras explicações pra suas ações. Dylan ainda pode estar agindo por conta própria. Acontece de vez enquanto. Demência. Os anos são voláteis para nossa espécie. Ele pode ter falsificado as marcas no seu pescoço. Devemos investigar através de canais adequados. Se ele tiver sido corrompido, ainda existe uma chance de salvar sua alma. Por agora temos que colocar ele e seus pais em um local seguro."

"Mas você não pode fazer isso. Cobri-lo. Você deve avisar todo mundo. Você deve."

"Apenas como sua avó, você é," Charles disse. "Uma pena. Sua mãe não era uma mulher histérica."

Ele olhou carinhosamente para baixo em Allegra e baixou sua voz. "A conclave cuidará dela. Vamos agir em tempo."

"No entanto em Plymouth, você não fez nada." Schuyler acusou. "Roanoke —eles foram todos tomados, ainda assim você não fez nada."

"E as mortes pararam", disse Charles friamente. "Se tivéssemos assustado todo mundo, se tivéssemos continuado correndo, como seus avós avisaram, nós nunca iríamos estar onde estamos agora. Estaríamos nos escondendo para sempre, com medo da sombra que pode nem existir."

"Mas Aggie - e a garota de Connecticut e o garoto Choate", Schuyler argumentou. "E eles?"

Charles suspirou. "Infelizes derrotas, todas elas, sim."

Schuyler não podia acreditar no que ela estava ouvindo. Conversando sobre pessoas como se suas vidas fossem dispensáveis.

"Vamos limpar tudo isso em tempo, asseguro a você", disse Charles "Ganhamos a batalha em Roma. Os Sangues Prata, estão todos destruídos."

"Minha avó disse que um deles sobreviveu que um deles foi capaz de se esconder entre nós... que o mais poderoso Sangue Prata ainda pode estar vivo." disse Schuyler,

caminhando ao redor da cama da sua mãe, para enfrentar Charles frontalmente.

“Cordelia sempre disse isso. Persiste em dizer isso. Ela está errada. Eu estava lá. Eu estava lá na batalha no templo. Me escute atentamente, ambos vocês, porque eu não quero repetir isto novamente-Eu mandei o próprio Lúcifer pro fogo do inferno,” Charles declarou.

Schuyler estava deprimida e silenciosa.

“Agora, vamos deixar sua mãe em paz,” Charles ordenou. Ele ajoelhou para baixo novamente e beijou as mãos frias de Allegra.

“Mas tem uma coisa,” Schuyler de repente se lembrou, “Dylan.”

“Sim?” Charles perguntou.

“Onde ele está?”

“No Hotel Carlyle. Eu te disse, ele está seguro.”

“Não, ele não está. Ele não está no Carlyle mais. Só eu estava lá. Ele está desaparecido.” Schuyler disse o que eles haviam encontrado— a televisão barulhenta e estridente, o semi-comido jantar. “Acho que ele foi um dos que me atacou.”

Por um longo momento, nada foi dito. Charles olhou Schuyler totalmente indignado. “Se o que você está dizendo é verdade, nós temos que encontrar ele. Imediatamente.”

Quarenta e um

Ela estava gritando, gritando tão alto, como se ninguém nunca a fosse ouvir. Era o pesadelo de novo - alguém tomando conta dela, tirando seu fôlego - e nada que ela fizesse podia parar isso - ela estava se engasgando, ela estava se afogando e então - lutando contra a força que a estava segurando para baixo, ela lutou, tentando acordar, se forçando a sair da cama - ela tinha que abrir os olhos - ela tinha que ver - ela viu.

Ela viu os dois olhando para ela. Seus pais. Seu pai estava usando um robe de flanela por cima dos pijamas, e a sua madrastra tinha um roupão solto de senhora por cima da camisola.

"Bliss, querida, você está bem?" seu pai perguntou. Ele estava em casa de D.C. pela semana.

"Eu tive um pesadelo," Bliss disse, sentando na vertical e arremessando os lençóis para os lados. Ela colocou uma mão na testa, sentindo o calor emanar da pele. Ela estava queimando e febril.

"Outro?" sua madrastra perguntou.

"Um ruim."

"É tudo parte disso, Bliss. Nada com o que se preocupar," seu pai disse animado. "Eu me lembro quando eu tinha a sua idade, eu costumava ter pesadelos horríveis. Chegam com

o território. Blackouts também - quando eu tinha quinze anos, muitas vezes eu acordava

em algum lugar e não tinha ideia de como fora parar lá, e nenhuma ideia do que havia acontecido." Ele deu de ombros. "Parte da transformação."

Bliss acenou com a cabeça, aceitando o copo gelado de água que sua madrastra ofereceu. Ela bebeu avidamente. Seu pai havia mencionado isso antes, quando ela contou a ele pela primeira vez dos tempos de sono, dos blackouts.

"Eu estou bem," ela disse a eles, apesar de ela se sentir tão cansada, como se cada musculo de seu corpo estivesse machucado, como se ela tivesse levado socos e sido espancada por todo o corpo. Ela gemeu.

Eles pairavam sobre ela ansiosamente.

"Eu estou bem. Sério." Bliss gerou um enorme sorriso e tomou outro grande gole de água. "Vocês voltem para a cama. Eu estou bem."

Seu pai a beijou na testa, e sua mãe afagou seu braço, e os dois saíram do quarto.

Ela baixou o copo na cabeceira da cama. Então ela se lembrou - Dylan.

Depois de dizer adeus para Oliver e Schuyler no Carlyle, ela tinha encontrado a família para um jantar rápido no DB Bistro. Ao voltar para casa, ela abriu a porta do quarto, e Dylan estava sentado em sua cama, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. Ele usara a chave que ela havia emprestado para entrar.

"Dylan!"

Ele estava febril e pálido. Ele tirou a jaqueta e ela viu que a sua camisa e jeans foram rasgados. O cabelo escuro dele estava emaranhado contra a testa. Ele parecia assustado. Apavorado. Seus olhos estavam assombrados. Ele contou a ela o que tinha acontecido - sendo questionado, e detido, mas não formalmente acusado, como Charles Force o havia levado para a suíte de hotel, e o tempo todo ele só pensava em como ele sentia falta dela.

"Mas a coisa é, eu acho que fiz alguma coisa," ele disse. Suas mãos estavam tremendo.

"Eu acho que eles estão certos. Eu matei, eu matei Aggie. Eu não tenho certeza, mas eu acho que tem algo errado comigo."

"Dylan não. Não tem como. Você não poderia," Bliss disse.

"Você não entende," Dylan chorou. "Eu sou um vampiro. Como você, um Sangue Azul."

Bliss apenas o encarou. De repente isso fez sentido. Era óbvio que ele era um deles, ela sabia disso de alguma maneira, fora por isso que ela fora atraída por ele esse tempo todo. Porque ele era como ela.

"Mas algo aconteceu comigo... eu não tenho certeza, mas eu acho que tentei matar Schuyler... eu vi ela saindo do hotel, e eu a segui. Eu não sei por que, isso só veio até mim. Eu a vi na rua e eu... eu também não acho que tenha sido a primeira vez."

"Não," Bliss disse, se recusando a ouvir o que ele tinha a dizer. "Pare. Você não está fazendo sentido." Por quê ele atacaria a Schuyler? A não ser que ele fosse...

a não ser que ele fosse... a não ser que tivesse se tornado um... ela se lembrou daquela noite depois da sessão de fotos. Schuyler, atordoada na calçada, apertando o

lado do pescoço...

"Ouça," ele disse, levantando-se da cama e colocando a jaqueta de volta. "Você precisa sair daqui. Eles me pegaram, e eles irão te pegar também. Eles querem todos nós. Eu só voltei para te avisar, mas eu não posso ficar. Eu não acho que seja seguro para você ficar perto de mim. Mas eu quero te dizer pra ter cuidado. Eu não quero que eles a peguem. Você tem que se proteger. Você tem que acreditar em mim. Eles estão vindo..."

Então tudo ficou branco. Isso era tudo o que ela se lembrava.

Ela tinha apagado. Ela estava em sua pele e não estava. Ela dormiu através do tempo e foi para outro lugar. Quando ela acordou, ela estava gritando, e seus pais estavam parados próximos a cama.

Dylan tinha vindo para avisá-la - e agora ele tinha ido embora.

Ela sentiu um aborrecido vazio, uma dor, dentro de seus ossos, como se ela tivesse sobrevivido a uma surra. Ela andou até o banheiro e ligou a luz. Ela arfou quando olhou para si mesma no espelho. Havia uma marca debaixo do colarinho de sua blusa. Os seus pais tinham notado? Ela puxou o tecido para ver melhor. Era um feio hematoma. Um inchaço roxo escuro, como se alguém tivesse tentado estrangulá-la. A pele estava sensível ao toque. O quê havia acontecido? Onde estava Dylan?

Ela se inclinou sobre a torneira para lavar o rosto, quando ela notou cacos de vidro pulverizados sobre o piso do banheiro. O quarto estava gelado. Ela se virou para a janela

as cortinas levantadas sobre um projeto. O início do vidro a prova de bala estava despedaçado - e era a prova de bala - seu pai havia instalado quando eles se mudaram, mesmo que eles estivessem no andar mais alto no prédio de trinta andares. Bliss escolheu seu caminho cuidadosamente através do vidro quebrado, quando ela notou algo estranho. Próximo ao aquecedor, uma coisa escura amassada. Ela foi até lá e puxou a jaqueta de motociclista de Dylan. Dylan nunca ia a lugar nenhum sem a jaqueta. Era como uma segunda pele. Cheirava a ele - um pouco de suor, como cigarros e creme pós-barba.

Havia algo diferente quanto a isso, ela pensou. Ela virou a jaqueta para a luz, e foi quando ela viu. O forro estava embebido com sangue. Denso e úmido. Havia tanto sangue. Oh Deus...

Ela ainda estava segurando a jaqueta quando notou Jordan parada em frente a porta do banheiro. Uma pequena, forma silenciosa em pijamas de algodão.

"Você me assustou. Não pensou em bater? Você sabe que não é permitida no meu quarto!" Bliss disse.

Sua irmã mais nova olhava para ela como se visse um fantasma. "Você está bem."

"É claro que eu estou," Bliss vociferou.

"Eu ouvi algo - eu ouvi - uma voz profunda..."

"Dylan. Meu namorado. Ele estava comigo aqui mais cedo."

"Não, não o garoto - outra," Jordan disse. Ela estava tremendo violentamente, e Bliss estava surpresa por achar sua irmã a ponto das lágrimas. Ela nunca havia visto Jordan agir desse jeito antes.

Bliss, ainda segurando a jaqueta, andou até ao lado dela e a segurou perto. "O quê você ouviu?" ela perguntou, tentando acalmar sua irmã que estava tremendo.

"Houve um baque - como - se algo tivesse caído - passos, fora do seu quarto - arrastando algo distante - então você estava gritando - eu, eu não sabia o que fazer - então eu chamei a mamãe e o papai..."

Tudo fazia sentido agora.

A janela quebrada.

Alguém tinha estado lá.

Mais alguém.

Ou mais como, alguma coisa.

E isso tinha... oh Deus, Dylan... todo o sangue - havia tanto sangue na jaqueta - como alguém poderia sobreviver depois de perder tanto sangue? Ela sentiu um profundo senso de tristeza. Ele estava morto. A criatura o havia levado.

Tinha retornado, para terminar o trabalho - para pegá-la - o inchaço no pescoço - ela tinha tentado lutar - se Jordan não tivesse ouvido, se seus pais não tivessem vindo... ela sentiu arrepios. Os pêlos finos dos braços de arrepiaram.

Não era um pesadelo - ela havia lutado, isso esteve lá, era real. Havia tentado matá-la. O que Dylan tentou avisá-la, o que ela, Oliver e Schuyler tinham descoberto no Repositório.

Croatan. Uma criatura que predava vampiros.

Um sangue prata.

Quarenta e dois

Os Forces a deixaram em frente a porta de sua casa.

Schuyler estava dolorosamente envergonhada ao pensar que ela tinha acusado o pai de Jack de ser um Sangue Prata.

Mesmo que ela ainda estivesse encomodada pela sua atitude cavalheiresca enquanto eles voltavam - quase como se isso não o incomodasse - quase como se ele esperasse isso. Mas isso não poderia ser verdade. Ele era o Regis, o líder, um vampiro por escolha em vez de castigo. Ela tinha que acreditar que ele saberia qual era o melhor a se fazer.

"Pegue leve," Jack disse, ordenando no adeus.

Ela concordou com os agradecimentos e saiu do carro. Então ela percebeu que tinha esquecido completamente de perguntar a Charles por quê ele estava visitando sua

mãe em primeiro lugar. Talvez a avó dela soubesse.

Quando Schuyler entrou em casa, ela sentiu uma estranheza no ar. A sala estava envolta em escuridão, mas havia um sentimento de ameaça. O porta guarda-chuva estava caído no chão, como se alguém tivesse decido as escadas correndo com pressa. O silêncio parecia ameaçador. Hattie estava longe em sua semana de folga, e a sua avó estaria

sozinha em casa. Schuyler acelerou os passos para subir as escadas. Ela percebeu que um dos quadros pendurado no caminho das escadas estava torto. Alguém definitivamente

havia estado na casa. Alguém que não morava lá.

Dylan! E se Dylan estivesse tido lá? Procurando por ela? Para terminar o que ele havia começado? Ela sentiu um medo selvagem.

O quarto de sua avó era no final do corredor do segundo andar. Ela bateu as portas abertas e caminhou avidamente para dentro, chamando seu nome.

"Cordelia! Cordelia!"

Houve um gemido do outro lado da cama.

Schuyler correu em direção ao som, assustada com o que ela fosse encontrar. Mas ela não gritou quando viu Cordelia deitada no chão em uma poça do próprio sangue - um líquido azul em torno dela - era quase como se ela soubesse que isso aconteceria.

"Lutei contra... mas tão poderoso..." Cordelia sussurrou, abrindo os olhos para ver Schuyler inclinada sobre ela.

"Quem? Quem fez isso a você?" Schuyler perguntou, ajudando Cordelia a se sentar.

"Nós precisamos te levar a um hospital."

"Não, não há tempo." Cordelia argumentou, sua voz um pouco mais alta que um resmungo. "Veio por mim. Croatan." Ela tossiu sangue. "Quem? Dylan? Você viu?" Cordelia balançou a cabeça. "Eu vi nada. Eu estava cega momentaneamente. Mas era jovem, poderoso. Eu não vi o rosto. Eu o segurei. Ele tentou, mas não fora capaz de levar a mim ou as minhas memórias. Mas esse é o fim do meu ciclo. Você precisa me levar a Dr. Pat. Então eles poderão pegar o meu sangue. Para a próxima Expressão. Muito importante."

Schuyler concordou com a cabeça, lágrimas em seus olhos. "Mas e quanto a você?"

"Esse ciclo está acabado para mim. Essa é a última chance que nós iremos ter para conversar por um longo tempo."

Schuyler contou a ela rapidamente sobre o que aconteceu no Carlyle, e o que ela aprendeu com Charles Force sobre Dylan, como ele havia sido mordido, e transformado, em

um Sangue Prata. Como ele havia matado Aggie. "Mas ele está desaparecido. Ele escapou do quarto de hotel. Ninguém sabe onde ele está."

"Ele já deve estar morto agora. Eles irão matá-lo antes que ele possa revelar os segredos

deles. Antes que os Sangues Azuis possam segurá-lo de novo. Isso é o que eu sempre temi," Cordelia sussurrou. "Os Sangues Prata voltaram... Só você pode derrotá-los... Sua mãe era a mais forte de todos nós e você é filha dela..."

"Minha mãe?"

"Sua mãe era Gabrielle. Gabriel. Um dos sete Arcanjos. Apenas dois deles vieram voluntariamente para a maldição, para a Terra. Para nos salvar. Ela era a mais forte. Ela era de Michael - que é - gêmea de Charles Force. O único amor dele. O original sacrifício dela. Ele só seguiu para cá por seu amor a ela. Ele desistiu do Paraíso para estar com ela."

Então era por isso que Charles visitava sua mãe. Allegra era irmã dele. O que significava, ele era... tio dela? A emaranhada história familiar dos Sangues Azuis era complicada demais para Schuyler entender no momento. Cordelia continuou falando. "Eles governaram juntos durante milhares de anos. No Egito, faraós rotineiramente se casavam com as irmãs, assim como os imperadores faziam em Roma. Mas no mundo moderno, a prática tornou-se proibida, e assim tornou-se um segredo escondido.

Gêmeos

ainda nasciam nas mesmas famílias, vinculados por sangue uns aos outros como eu era com o seu avô; mas através de uma mudança, um dos gêmeos assumiria o papel de cônjuge, e os Sangues Vermelhos nunca notaram a transição. Desse modo, fortunas foram preservadas na mesma família por gerações."

Schuyler pensou em Mimi e Jack, no estranho e íntimo vínculo entre eles.

"Charles e Allegra eram ligados por sangue pela eternidade. Até que ela conheceu o seu pai, é isso. Sua mãe se apaixonou por Stephen. Foi sua perdição. Ela renunciou a Charles. Em sua ira, Charles abandonou a família. Ele pegou um novo nome e renunciou ao legado VanAlen. Quando o seu pai morreu, Allegra jurou nunca mais pegar outro

humano familiar, para preservar o amor deles. É por isso que ela não acorda. Ela existe entre a vida e a morte. Ela se recusa a tomar um Sangue Vermelho para se manter viva. Charles poderia ajudá-la, mas escolheu não o fazer."

"Meu pai era humano?"

"Sim. Você é a única. Você é uma Meio-Sangue. Dimidium Cognatus. Você deve tomar cuidado. Eu tenho te protegido o tanto quanto posso. Há aqueles que enlouquecerão para te destruir."

"Quem? Por quê?"

"Diz-se que a filha de Gabrielle vai trazer a salvação que nós buscamos."

"Eu? Como?"

Cordelia tossiu. Ela agarrou firmemente o braço de Schuyler. "Você precisa achar o seu avô... meu marido... Teddy... um Imortal, um vampiro que manteve a mesma aparência física por séculos... Ele e eu nos separamos há muito tempo. Depois de termos sido

banidos do Conselho, nós concordamos que era mais seguro nos separarmos... Nós não confiamos nos Guardiões... Nós acreditávamos que um deles carregava o Croatan... Teddy está desaparecido há séculos... Você deve pesquisar no Repositório sobre o seu último paradeiro... Ele pode te ajudar. Tente Veneza, eu acho. Ele era apaixonado pela Itália. Ele talvez tenha ido para lá. Somente ele sabe como derrotar os Sangues Prata. Você deve encontrá-lo e dizer a ele o que aconteceu."

"Como eu vou conhecê-lo?"

Cordelia sorriu abatida. "Ele é escritor de muitos livros. A maioria dos da biblioteca são da coleção dele, ou foram escritos por ele."

"Quem era ele? Qual era o nome dele?"

"Ele teve muitos nomes. Você precisa dele, você sabe, se você for viver por tanto tempo. Mas quando nós estivemos juntos pela última vez ele atendia por Lawrence Winslow VanAlen. Vasculhe a Piazza San Marco. E a Academia. Espere - Cipriani é mais provável. Ele amava os Bellinis. Diga a ele, diga a ele que Cordelia te enviou."

Schuyler concordou. Ela chorou abertamente agora. Foram tantas as coisas não resolvidas - Charles/Michael, Allegra/Gabriel, o seu pai humano, seu avô imortal. Ela certamente tinha uma estranha e variada árvore genética. Seu estado como Meio-Sangue. Quem mais sabia? Oliver? Jack? E o quê isso significava? O quê significava isso de a filha de Gabrielle trazer a salvação dos Sangues Azuis? Isso era demais. Era um fardo muito pesado para carregar. Ela não queria mais nada além de que Cordelia parasse de sangrar. Para onde ela iria sem Cordelia?

Mesmo sabendo que sua avó nunca iria realmente morrer - ela estava deixando esse mundo por esse momento. "Avó," ela pediu. "Fique."

"Se cuide, minha neta," ela disse, alcançando a mão de Schuyler. "Facio Valiturus Fortis." Seja forte e corajosa. Com essa bênção final, o espírito de Cordelia VanAlen se reverteu em um estado passivo.

Quarenta e três

O funeral era FSQ - Ficar Somente no Quarto. Era incrível o número de pessoas que conheciam Cordelia VanAlen. St. Bartholomew estava lotada, e na sétima noite de visitação, havia centenas de pessoas que apareceram para mostrar seu respeito. O governador, o prefeito, dois senadores de Nova York, e muitas outras pessoas vieram prestar homenagem. Era quase tão lotado quanto o funeral de Jackie'O, Mimi pensou. Diferentemente do funeral de Aggie Carondolet, quase todas as pessoas presentes estavam vestindo branco por Cordelia VanAlen. Até mesmo o pai dela havia insistido para que a família vestisse trajes marfim para a ocasião. Mimi tinha escolhido um vestido cor-de-nuvem Behnaz Sarafpour. Ela notou Schuyler VanAlen em frente a

recepção,

cumprimentando a todos com um fino vestido branco, o cabelo dela preso em duas gardênia brancas.

"Obrigada por virem," ela disse aos Forces, apertando as mãos deles.

"Nós partilhamos da sua tristeza. Ela deve voltar," Charles Force disse solenemente. Ele estava vestindo um terno cor-de-creme. Schuyler havia mantido as circunstâncias da morte da avó para si mesma. Se houvesse realmente um Sangue Prata no Conselho, ela achou melhor não revelar o que havia verdadeiramente acontecido.

Em vez, ela tinha dito a todos que Cordelia estava cansada da Expressão e estava ansiosa para descansar antes do próximo ciclo.

"Nós esperamos por notícias," Schuyler disse a resposta tradicional. Ela tinha aprendido muito nos últimos dois meses.

"Vos Vadum Reverti," Jack suspirou, curvando-se sobre o caixão. Você deve retornar. Mimi deu a Schuyler um rápido aceno de cabeça. Ela encontrou Bliss entrando pela porta lateral com sua família. Bliss estava vestindo um vestido Sarafpour idêntico ao de Mimi. A garota do Texas estava aprendendo, também.

"Ei, Bliss, talvez depois do funeral nós possamos ir a um spa. Eu estou muito certa do poder da yoga," Mimi disse para a amiga.

"Claro," Bliss disse. "Eu espero por você depois do serviço." Ela andou até Schuyler, que estava parada sozinha perto do magnífico caixão de platina.

"Eu sinto muito pela sua avó," Bliss disse.

"Obrigada," Schuyler disse, os olhos desalentados.

"O quê você vai fazer agora?"

Schuyler deu de ombros. Em seu testamento, Cordelia tinha declarado Schuyler como uma menor emancipada, com Hattie e Julius como seus guardiões por agora.

"Eu ficarei bem."

"Boa sorte."

Schuyler assistiu Bliss andar para longe, perto da desajeitada Mimi. No dia anterior, Bliss contou a ela sobre a outra noite, o que havia acontecido quando ela voltou do Carlyle. Como ela encontrou Dylan em seu quarto, como ele confessou. Como ela apagou, e quando ela acordou, descobriu o vidro quebrado, a jaqueta ensanguentada.

"Ele era um vampiro e agora está morto, Schuyler," Bliss disse, com lágrimas nos olhos. Não- morto não. Pior que morto, Schuyler pensou. Cordelia contou a ela que quando um Sangue Prata drena um Sangue Azul, eles tomam a alma, a memória, faz deles prisioneiros de sua consciência imortal.

"Eles o levaram, mas eles me queriam também," Bliss chorou. "Ele só voltou para me avisar. Eles o transformaram em um deles, mas ele estava lutando. Agora ele se foi, e eu nunca vou vê-lo de novo."

Schuyler a abraçou forte. "Pelo menos você está a salvo."

Ela se sentiu mal por Bliss. Ela queria que Bliss soubesse que ela sempre estaria lá por ela. Mas no dia seguinte, parecia que a garota texana tinha voltado a ser quem era. Ela se recusou a falar com Schuyler ou Oliver sobre tudo o que tinha acontecido, e gravitou de volta para seu antigo círculo - que é, próximo a Mimi Force.

Schuyler esperava que elas tivessem a chance de se tornarem amigas de novo. Em seu coração, ela entendeu que Bliss era fraca, mas um dia ela a ajudaria a se tornar forte. Valiturus. Forte.

Oliver chegou a colocar spray lírios calla no caixão. Ele estava vestindo um terno deslumbrante três-peças. Seu cabelo castanho escuro ondulado acima do colarinho.

"Nós vamos sentir falta dela," ele disse, abençoando a si mesmo.

"Obrigada," ela disse, aceitando um beijo na bochecha.

O serviço começou, e o coral cantou a música favorita de Cordelia, "On Eagle's Wings*." (*em asas do exército) Schuyler se sentou no banco da frente na igreja, os braços dobrados no colo. Cordelia se fora. A única família que ela tinha verdadeiramente conhecido. Ela estava sozinha no mundo. Sua mãe, presa em um sono morto, e seu avô perdido, escondido em algum lugar.

Oliver, sentado perto dela, apertou sua mão em simpátia.

Após o funeral, Jack Force andou até Schuyler. Ele, também, estava vestindo um terno branco, e que cintilava no sol. Eles caminharam para fora da igreja para a movimentada Park Avenue, onde era apenas outro domingo em Nova York.

Mães e babás empurrando carrinhos de-cem-dólares em direção ao parque, residentes bem-vestidos animados em um passeio numa tarde no museu.

"Schuyler, eu posso ter um segundo?"

"Claro." Ela deu de ombros.

Com seu cabeça claro e olhos verdes, Jack Force parecia um príncipe brilhando em sua armadura. Ele tinha o rosto de um anjo. Um rosto diferente do rosto do pai.

"Fale," ela disse a ele.

"Eu sinto muito que as coisas tenham se tornado tão estranhas entre nós..." ele disse.

"Eu... a minha vida não é minha... Eu tenho responsabilidades com a minha família que... que excluem o tipo de relacionamento que-"

"Jack, você não precisa explicar," Schuyler disse, cortando-o fora da conversa. Ela podia adivinhar sobre ele e Mimi.

Ligados pelo sangue desde dia da criação.

"Não?"

"Você precisa fazer o que você precisa fazer, e eu preciso fazer o que eu preciso fazer."

Ele parecia perturbado. "O quê você precisa fazer?"

Ela pensou em Dylan, no rosto de expressão triste do garoto com um fraco senso de humor e reputação manchada. O amigo dela. Ele tinha sido transformado em um

monstro. Usado e depois morto. Ela pensou no que a avó dela tinha dito sobre os Sangues Prata - eles eram astutos, ardilosos, e duplicáveis, e como Cordelia acreditava que o mais poderoso deles estava escondido entre eles, disfarçado como um Sangue Azul.

Mas ninguém queria acreditar na existência deles, que havia uma chance deles terem retornado. Mesmo que a morte de Aggie fosse real o bastante. E agora a de Dylan também. Charles Force estava determinado a assistir, esperar, e não fazer nada. Mas Schuyler não iria esperar. Não havia nada que ela pudesse ter feito por Aggie, mas ela tinha que encontrar quem tinha levado Dylan. Ela iria caçar os Sangues Prata. Vingando o amigo dela.

"Não torne as coisas mais difíceis para você mesma, Schuyler," Jack alertou.

Schuyler apenas sorriu. "Adeus, Jack."

Oliver se materializou repentinamente. Era incrível como ele sempre aparecia quando Schuyler mais precisava dele. "Schuyler? O carro está esperando," ele disse.

Ela ligou o braço ao dele e deixou que ele a conduzisse até o carro. Ela tinha Oliver. Ela nunca estaria sozinha.

Quarenta e quatro

O outdoor do The Stitched for Civilization subiu na Times Square, o maior cartaz que a cidade já viu. A fotografia era incomum: havia um emaranhado de dois corpos femininos vestindo apenas os jeans, mas apenas um rosto era visível e olhava diretamente para a câmera. Schuyler. O rosto de Bliss estava escondido por trás de todo o cabelo ruivo.

Schuyler olhou para si mesma e riu.

Oliver tirou uma foto com o celular de Schuyler apontando para o outdoor e rindo.

"Você parece bem com oitenta metros de altura," ele disse.

Schuyler olhou para o rosto no outdoor. O rosto da mãe dela. Não, o rosto se lavava sozinho. Ela parecia com a mãe mas tinha os olhos do pai. Ela era uma vampira, mas parte dela também era humana. Ela estava orgulhosa da foto. Então ela viu o outdoor do lado desse.

Era uma propaganda para a Force News Network, FNN, e a foto era de Mimi Force vestindo o logo do canal em uma camiseta branca e apertada. FORCE NEWS. BOA, JUSTA

E RÁPIDA.

"Olhe," ela disse, apontando.

Então, depois de tudo, Mimi havia ouvido falar da campanha para o The Stitched for Civilization. E tinha tentado chamar a atenção se tornando um outdoor também. Ninguém mais ia comandar a Times Square além dela.

Eles caminharam passando por uma banca de jornal e Oliver pegou o Post. ESTUDANTE ENCONTRADO MORTO EM FESTA. O título proclamava. Schuyler examinou o artigo. Ela conhecia a criança do Comitê. Landon Schlessinger era um Sangue Azul. Ela estava correndo contra o tempo. Os Sangues Prata haviam retornado. Estavam de volta. Eles estavam aqui, em Nova York, escondidos sobre falsas identidades de Sangues Azuis, infringindo em sua comunidade, predando os jovens, durante o tempo que os Sangues Azuis eram fracos. E os Sangues Azuis iriam apenas deixar que isso acontecesse. Mas não mais. Ela dobrou o jornal e colocou sob o braço. "Ollie, como você se sente sobre uma semana em Veneza?" ela perguntou.

Fim